

QUANDO
renasce a
ESPERANÇA

JANETTE OKE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Série Oeste Canadense
Livro 4

Quando Renasce a Esperança

JANETTE OKE

Copyright 1985 by Janette Oke

Originally published in English under the title *When Hope Springs New*

by Bethany House Publishers, a division of Baker Publishing Group,
Grand Rapids, Michigan, 49516, U.S.A.

All rights reserved.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA UPBOOKS

Rua Francisco Otaviano Queluz, 103

Braz Cavenaghi, Itapira, SP - 13976-508

e-mail: contato@upbooks.net.br

www.upbooks.com.br

Direção e tradução

Eneas Francisco

Edição e copidesque

Carla Montebeler

Ilustração da capa

Dyene Corrêa Nogueira

Revisão e copidesque

Tully Ehlers

1ª EDIÇÃO

ITAPIRA, SP

2021

*Dedicado com amor e respeito para minha irmã mais nova,
Sharon Violet Fehr, outra prova do velho ditado,
"por último, mas não menos importante."
Eu aprecio sua fé e sua dedicação.
Dedico com amor: a ela,
ao marido Richard, para Shawna, Eric e Amy.*

Sumário

[Capítulo 1 – Desenraizada](#)

[Capítulo 2 – Smoke Lake](#)

[Capítulo 3 – Um novo lar](#)

[Capítulo 4 – Adaptando-me](#)

[Capítulo 5 – Dias Solitários](#)

[Capítulo 6 – Torta de Mirtilo](#)

[Capítulo 7 – Inverno](#)

[Capítulo 8 – Vizinhos](#)

[Capítulo 9 – Primavera](#)

[Capítulo 10 – Plantando a Semente](#)

[Capítulo 11 – Apresentações](#)

[Capítulo 12 – Verão](#)

[Capítulo 13 – Pânico](#)

[Capítulo 14 – Reviravolta](#)

[Capítulo 15 – Consequências](#)

[Capítulo 16 – Dificuldades](#)

[Capítulo 17 – Contando os Dias](#)

[Capítulo 18 – O Presente](#)

[Capítulo 19 – Mal-entendido](#)

[Capítulo 20 – Alívio](#)

[Capítulo 21 – Reunião](#)

[Capítulo 22 – Recomeçando](#)

[Capítulo 23 – Ajustes](#)

[Capítulo 24 – Mudança](#)

[Capítulo 25 – Partindo](#)

[Capítulo 26 – Athabasca Landing](#)

[Capítulo 27 – Envolvimento](#)

[Capítulo 28 – Ministério](#)

[Capítulo 29 – Inverno](#)

[Capítulo 30 – Almoços de Domingo](#)

[Capítulo 31 – Respostas](#)

[A Escritora:](#)

[A Editora:](#)

Capítulo 1 – Desenraizada

— Ainda estamos muito longe?

Sentia-me como uma criança repetindo a pergunta, mas realmente não conseguia me conter. Todo o meu ser parecia estar em estado de agitação conforme passávamos por cada colina e o povoado ainda não estava à vista.

Wynn sorriu compreensivo.

— Não muito longe — disse para me confortar..

Ele já vinha dizendo isso há um bom tempo.

— Quantas colinas? — perguntei, esperando forçá-lo a me dar uma resposta que eu conseguisse entender. Dessa vez ele não apenas sorriu, ele riu.

— Você parece uma criança perguntando 'quantas noites de sono até o Natal?' — ele me provocou.

Sim, eu parecia uma criança. Estávamos na trilha pelo que parecia uma eternidade. Meu bom senso me lembrou que realmente não se passara tanto tempo — apenas quatro dias, para ser exata — mas pareciam semanas.

Wynn estendeu a mão e apertou a minha.

— Por que você não cavalga um pouco de novo? — ele me perguntou. — Você já caminhou o suficiente, vai ficar exausta. Vou ver o que posso descobrir no mapa.

Ele sinalizou para que o condutor da carroça desajeitada parasse, e me ajudou a ficar em uma posição confortável no assento improvisado. Retomamos o movimento adiante, enquanto Wynn caminhou ao longo da fila de carroças em busca do guia de nossa pequena e vagarosa expedição.

Wynn não demorou muito; e então, sem sequer diminuir a velocidade do vagão, subiu ao meu lado.

— Você ficará feliz em saber que devemos chegar daqui a quarenta e cinco minutos — anunciou ele.

Dando um abraço nos meus ombros, Wynn saltou e foi embora novamente.

Quarenta e cinco minutos! Bem, eu conseguiria de alguma forma, mas ainda parecia muito tempo.

Durante nossos quatro dias de viagem, eu tinha ficado com ossos doloridos, um nariz queimado de sol e uma infinidade de picadas de mosquitos e moscas negras. Mas não eram essas irritações que mais me incomodavam.

Percebi que minha agitação, aquele nó no meio do estômago, era devido ao meu medo do desconhecido. Eu não tinha ficado tão assustada quando vim com Wynn para nosso primeiro posto avançado do norte. Naquela época, eu era uma moça recém-casada, ansiosa para compartilhar as aventuras de meu marido Policial Montado.

Ainda estava ansiosa para compartilhar as aventuras com Wynn, mas esta mudança era diferente. Aprendera a conhecer e amar os indígenas em Beaver River. Tinha deixado para trás não apenas o conhecido, mas o amado. Agora, precisava começar tudo de novo.

Não creio que estivesse com medo de não conseguir fazer novos amigos. O que me preocupava era como poderia viver sem meus velhos amigos. Eu sentiria tanta falta da Nimmie! Certamente não havia ninguém como ela em toda Northland. Sentiria falta até mesmo de Estrela a Manhã e da Sra. Sam, além de Pequena Corsa e Anna. Sentiria falta de Wawasee, Jim Buck e meus outros alunos. Sentiria falta dos conhecidos caçadores indígenas, das casas simples que eu visitara tantas vezes, da fumaça ondulante da lenha, e até dos rosnados dos cães. Lágrimas brotaram dos meus olhos e deslizaram pelas minhas bochechas novamente. *Tenho que parar com isso*, repreendi a mim mesma, como fizera tantas outras vezes na trilha. *Vou ficar doente antes mesmo de chegar.*

Forcei meus pensamentos de volta a um terreno mais seguro, imaginando como seria nossa nova casa em Smoke Lake. Bem, não precisaria imaginar por muito tempo. Wynn disse quarenta e cinco

minutos, e os minutos estavam passando, ainda que lentamente, com cada rotação das rodas que rangiam.

De volta ao lar, exultei interiormente, *depois de todos esses dias e noites na trilha!* Eu estava ansiosa por um bom banho quente e a chance de dormir em uma cama de verdade. Mosquiteiros nas janelas e uma porta, para ter um pouco de privacidade, pareceriam um luxo depois dessa viagem — com o calor, chuva e vento, cada um à sua vez; com as colinas íngremes, pântano plano, trilhas empoeiradas e solo arenoso encharcado. Bem, não faltava muito agora.

Olhei para o céu. Talvez tivéssemos enfrentado nosso último aguaceiro quatro colinas atrás. O céu acima da minha cabeça estava perfeitamente claro. Certamente não tinha como se armar uma tempestade para nos ensopar novamente em apenas quarenta e cinco minutos — provavelmente trinta e cinco agora. Mesmo enquanto raciocinava e ponderava sobre a possibilidade, não estava completamente convencida quanto a nossa segurança contra outra tempestade. Alguns temporais pareciam vir sobre nós com incrível rapidez.

Esperava fervorosamente que chegássemos ao novo assentamento com roupas secas. Eu já não tinha praticamente nada para vestir. Estava ansiosa para pegar minhas tinas e esfregar as coisas molhadas e sujas que estavam acumuladas na carroça. Ficariam arruinadas se demorasse ainda mais para lavá-las.

O condutor parou para descansar os cavalos e eu descí da carroça novamente. Pelo menos, minha expectativa estava sendo canalizada para alguma coisa enquanto caminhava. Ponderei se deveria andar à frente da parelha, onde corria o risco de ser atropelada a qualquer minuto, atrás dos animais, onde seria forçada a engolir poeira da trilha, ou ao lado, onde a caminhada era ainda mais difícil. Resolvi seguir a carroça. Eu manteria distância o suficiente para deixar a poeira baixar um pouco.

Enquanto esperava a parelha retomar a jornada, caminhei para o lado da trilha e olhei ao redor em busca de sinais de frutas. Esperava que houvesse algumas em nossa região. Muitos dos

meus potes de conservas estavam vazios, e eu queria enchê-los novamente antes de outro inverno.

A região não parecia promissora.

Há muita terra nessa região, afirmei para mim mesma. *Poderia haver canteiros de muitos tipos de frutas boas.*

Kip se aproximou saltitando. Se comparado comigo, ele desfrutava completamente da viagem e de todas as coisas novas que havia para investigar.

Eu quase não o tinha visto durante todo o dia. O cão corria de um lado para o outro, para frente e para trás, voltando apenas ocasionalmente para se certificar de que eu ainda estava viajando com as carroças. Eu lhe acariciei a cabeça e fui recompensada com batidas generosas de sua cauda encaracolada. Ele me deu uma lambida na mão, então virou-se e partiu novamente, antes mesmo que eu tivesse tempo de falar com ele.

Wynn retornou, trazendo um cantil de água.

— Você está com sede? — ele perguntou, e de repente percebi que estava.

Eu agradei sorrindo, e levei o cantil aos lábios. A água estava morna, não era como a água refrescante de nossa cabana. Ainda assim, era úmida e ajudou a aliviar minha sede.

— Estaremos lá em breve — Wynn me informou. — Acho que seria bom colocar a coleira no Kip. Os cães da aldeia podem estar soltos.

— Ele saiu daqui de novo — respondi, alarmada. — Estava aqui apenas um minuto atrás e então sumiu.

— Não se preocupe — Wynn me assegurou —, não deve ter ido muito longe.

Ele estava certo. Ao som do assovio de Wynn, Kip veio saltando pelo mato ao lado da trilha. O pelo estava sujo e emaranhado com sarças e folhas, sua língua estava pendurada na lateral da boca, por causa da corrida, mas ele parecia contente, talvez até convencido, por conta de suas novas aventuras.

Não pude deixar de invejá-lo. Seus olhos não expressavam a preocupação que certamente estava estampada nos meus.

Wynn colocou a coleira em Kip e me entregou.

— Querem que eu esteja à frente dos vagões quando entrarmos na aldeia — afirmou simplesmente. — Gostaria de estar junto comigo?

Hesitei, sem saber o que queria fazer. Me sentiria bem se pudesse contar com o apoio de Wynn; ainda assim, odiaria entrar na nova aldeia como se estivesse em exibição. Não gostava da ideia de ter todos os olhos fixos em mim.

— Acho que vou ficar aqui com o Kip — murmurei. — Ele não vai causar tanta confusão se não estiver em meio ao alvoroço.

Wynn assentiu. Creio que deve ter adivinhado meu verdadeiro motivo.

As carroças à frente pararam no topo da colina. Eu sabia, sem nem mesmo perguntar, que logo abaixo daquela colina estava nosso novo assentamento – nossa nova casa. Eu queria ver, mas me contive com medo. Como alguém pode estar tão angustiada por dentro, querendo correr para ver o que havia em frente, mas evitando olhar, tudo ao mesmo tempo?

Sem dizer nada, Wynn avançou e pegou minha mão, então abaixou a cabeça e se dirigiu ao nosso Pai com simplicidade:

— Pai Celestial, chegamos a esta nova missão sem saber o que está por vir. Só o Senhor conhece as necessidades dessas pessoas. Ajude-nos a atender a essas necessidades. Ajude-nos a sermos atenciosos, compassivos e gentis. Ajude Elizabeth com todas as adaptações. Dê a ela comunhão e amizades. Dê a ela um ministério para o povo, e mantenha-nos próximos uns dos outros e também do Senhor. Amém.

Eu devia ter me sentido muito melhor depois da oração de Wynn, e acho que me senti, mas também foi outro lembrete de todas as coisas novas e experiências que estavam adiante.

Sorri para Wynn para assegurar-lhe que estava tudo bem. As carroças estavam se movendo novamente. Viramos para

acompanhar a caravana, e Wynn saiu, cruzando o campo em longas passadas, que logo o levariam à frente, onde ele deveria estar.

Hesitei, segurando o impaciente Kip. A poeira poderia se dispersar um pouco antes que eu seguisse a caravana. Haveria muita comoção na aldeia com a chegada do novo agente da lei. Todos estariam lá para conhecê-lo, e eu não estava com pressa de ser empurrada para o meio da multidão curiosa.

Capítulo 2 – Smoke Lake

E lá estava ela — nossa nova aldeia, estendendo-se diante de nós na base do vale arborizado. Wynn estava certo. Era maior que Beaver River, e também era mais primitiva e de aparência dispersa. Wynn estava certo novamente. No entanto, não parecia ter sido nomeada de maneira apropriada. Na nebulosa quietude da tarde de verão, nenhuma das muitas casas da aldeia tinham fumaça subindo pela chaminé.

Ergui os olhos e os deixei vagarem sobre as casas pequenas e mal construídas. Qual delas seria a nossa, aquela que chamaríamos de lar? Em Beaver River, nossa cabana fora construída em um local separado do assentamento. Deixei meu olhar correr para o oeste, depois para o leste, então para o norte e o sul, mas não consegui encontrar nenhuma cabana localizada nos arredores da pequena aldeia.

Percebi que estava procurando o sinal de um jardim. Certamente alguém na aldeia devia querer plantar, mas não consegui encontrar nada que se parecesse com uma área cultivada.

Mesmo a esta distância, as pequenas cabanas pareciam de má qualidade e mal cuidadas. Em comparação às nossas casas em Beaver River, estas pareciam barracos. A grande construção no centro, que presumi ser o entreposto comercial, o Armazém, parecia ser uma construção improvisada, muito desgastada. Senti a decepção brotar dentro de mim.

Por um momento, desejei poder dar a volta e retornar para a aldeia que eu conhecia e amava. Lá, eu seria recebida com a fumaça da lenha, subindo suavemente ondulada.. Encontraria uma sede bem construída e bem abastecida. Encontraria minha cabana confortável nos arredores da aldeia. Seria bem recebida pelos vizinhos e amigos com jardins e canteiros de frutas vermelhas.

Kip não compartilhava dos meus anseios. Ele deu um puxão na coleira e me lembrou com um gemido que eu devia seguir as

carroças que desciam a colina sinuosa e empoeirada.

Interrompi meu devaneio e comecei a descida. Já podia ouvir os cães da aldeia quando começavam seus latidos frenéticos para anunciar a chegada de estranhos. Os cães que puxavam o trenó de Wynn, que estavam na segunda carroça, responderam aos uivos.

Que algazarra eles fizeram!

Em meio ao barulho causado pelos cães, houve alguns gritos e cumprimentos, e braços eram erguidos em saudação. A primeira carroça foi diminuindo a velocidade até parar, com a poeira girando em torno dela.

Eu puxei a coleira de Kip. Queria esperar até que um pouco da empolgação diminuísse antes de entrar na aldeia.

Vi uma grande pedra ao lado da trilha, à sombra de pinheiros altos. Levei Kip até lá, e me sentei para assistir a moagem ao redor da aldeia abaixo de onde estávamos. Kip choramingou e esticou a coleira, até que o mandei ficar quieto e se deitar. Ele obedeceu, com certa relutância, e voltei meus olhos para a cena abaixo.

Passaram-se vários minutos antes que as carroças avançassem novamente. Pararam diante de uma cabana muito pequena com o revestimento do telhado despencando, e vi Wynn fazendo sinais para que os homens comessem a descarregar nossos baús e caixas.

Certamente deve haver algum engano! — pensei. Essa cabana não é grande o bastante para abrigar nem o escritório de Wynn, quanto mais nossa casa!

Então, um novo pensamento passou pela minha cabeça. *Não! Impossível que esperem que moremos nesse lugar. É provável que nossa cabana ainda não esteja pronta, e precisamos nos contentar com alojamentos temporários.*

Continuaram a descarregar as carroças, e vi Wynn olhar em direção à colina onde estávamos. Eu sabia que ele estava procurando por mim, se perguntando por que eu estava demorando tanto. Levantei o braço para que ele soubesse que eu estava bem e que já ia me juntar a ele, e Kip e eu começamos novamente a descer a colina.

Não evitei os olhares curiosos. Os moradores da aldeia formaram grupos ao meu redor conforme eu entrava, com Kip esticando a coleira. Sabia que eles consideravam a mulher branca um estranho espetáculo. Minha pele era diferente, meu cabelo era diferente, meu vestido era diferente — até meu cachorro, peludo e preso a uma coleira, era diferente.

Eu sorri e os cumprimentei na língua indígena com afabilidade. Fiquei grata por pelo menos saber a língua deles.

Ninguém respondeu minhas palavras ou retornou o sorriso. Eles continuaram a encarar, afastando-se ligeiramente do caminho que me levava à pequena cabana.

Aliviada, finalmente me aproximei do meu marido e esperava poder desviar alguns dos olhares fixos. Ansiava me encolher atrás de uma porta, mas havia apenas uma naquela cabana tão pequena, onde homens estavam ocupados entrando e saindo, carregando baús e caixas.

— Bem, estamos aqui — disse Wynn com uma voz que soava cansada. Então seu tom tornou-se provocador. — Por um minuto, pensei que tivesse se perdido.

— Eu não estava com pressa — expliquei, e Wynn sorriu, recordando a “*pressa*” que tive durante toda a manhã.

— Não é muito, é? — disse ele então, acenando com a cabeça para a cabana.

Tentei parecer animada.

— Vai servir por agora — respondi.

— O que quer dizer com *por agora*? É isso, Elizabeth. Esta é nossa nova casa.

— É?

Sei que havia choque registrado na minha voz.

— Sim. Sinto muito, Elizabeth. Eu esperava algo melhor que isso — mesmo para esse lugar.

Eu esperava algo melhor que isso também. Nunca imaginei que alguém vivesse em acomodações tão apertadas e sombrias. Tenho

certeza que meu rosto ficou pálido, apesar do meu bronzado saudável e meu nariz queimado de sol.

Recuperei-me o mais rápido que pude, engoli as lágrimas no fundo da minha garganta e tentei falar. Minha voz soou estranha, forçada.

— Vamos dar um jeito — foi tudo que consegui dizer.

— Por que não procura um espaço numa sombra em algum lugar até os homens terminarem de descarregar? — sugeriu Wynn, e eu assenti estupidamente e guiei o Kip ao redor da cabana.

Havia cabanas indígenas ao nosso redor. Não havia lugar para ir onde eu não estivesse sujeita a olhares fixos. Não estava pronta para isso ainda. Gostaria de poder entrar em casa para ficar longe de tudo, mas eu só atrapalharia. Deus sabe, mas já havia pouco espaço na casa como estava.

Com nova determinação, ergui meu queixo, peguei a coleira de Kip firmemente na mão e comecei a descer a trilha que conduzia a uma sinuosa estrada para fora da aldeia.

Levei vários minutos para caminhar para longe o suficiente a ponto de ficar longe dos pequenos casebres. Kip choramingou e reclamou enquanto eu o mantinha junto a mim. O cão ansiava parar e investigar o novo ambiente e conhecer os diversos cães esqueléticos, de pelo grosso, que lutavam contra suas correntes.

Passei Kip rapidamente por ali.

Quando finalmente alcançamos o bosque, mais além da aldeia, eu diminuí o ritmo. Respirei fundo o ar fresco do verão, que era penetrante com o aroma de pinheiros e flores perfumadas. Um pequeno riacho deslizava nas proximidades, e eu segui a trilha que corria ao longo da margem.

Não tínhamos ido muito longe quando chegamos a um pequeno lago. Olhei para ele, desfrutando de sua beleza, de sua tranquilidade. Não consigo explicar o que aquele pequeno lago fez pelo meu espírito naquele momento.

Aqui estava um local sagrado no meio de toda a miséria e a decepção da pequena aldeia. Aqui estava um lugar onde eu poderia

ir para refrescar minha alma. Sentei-me na grama, ao lado das águas, e deixe a frustração e solidão se esvaírem do meu ser.

Certamente, *Deus está neste lugar*. As palavras se formaram em minha mente sem nenhum esforço consciente. Enquanto as repetia, uma silenciosa paz caiu sobre mim.

— Certamente, Deus está neste lugar.

Disse as palavras em voz alta. Era uma verdade... era uma promessa... foi o suficiente.

Capítulo 3 – Um novo lar

O sol estava se pondo atrás do horizonte ocidental e a noite estava começando a esfriar quando refiz meus passos na trilha, em direção à aldeia. Fui recebida pelo aroma familiar da lenha queimando, e inspirei profundamente. Talvez, a vida nesta nova aldeia não seria assim *tão diferente* afinal.

Por um momento de pânico, temi não ser capaz de encontrar a pequena cabana caindo aos pedaços que seria nosso novo lar, em meio a todas as outras cabaninhas em igual estado. Mas Kip me levou direto para ela. Na verdade, acho que teria encontrado sem dificuldade, mesmo sozinha. Simplesmente não havia outra cabana na aldeia com tamanha agitação. Havia ainda uma carroça em frente à nossa pequena construção, empilhada com caixas e baús. Eu me perguntei por que Wynn não tinha instruído os homens a descarregar tudo.

Entrei pela porta com cautela, sem saber exatamente o que encontraria. Entre caixas e baús vazios, encontrei Wynn trabalhando sozinho, tentando colocar alguma ordem no caos. Ele olhou quando entrei, demonstrando alívio em seus olhos.

— Estava um pouco preocupado com você — disse ele. — Fiquei me perguntando para onde tinha ido, mas uma das crianças disse que você pegou a trilha da aldeia. Se não tivesse voltado logo, eu teria saído para procurá-la.

— Sinto muito — pedi desculpas rapidamente. — Não queria alarmá-lo. Só pensei que demoraria algum tempo até que as coisas estivessem descarregadas, para que então eu pudesse entrar na cabana.

Wynn foi rápido em me tranquilizar.

— Bem, me senti melhor sabendo que estava com o Kip, e também sabendo que agora você tem um bom senso de direção no bosque. Tinha certeza que não levaria muito tempo para que encontrasse o caminho de volta.

— Encontrei um lago — informei-o com certa animação.

A cabeça de Wynn se ergueu de sua martelada na caixa.

— Encontrei um lago — repeti. — Não é muito grande, mas é adorável.

Wynn pareceu perceber que o pequeno lago era importante para mim.

— Você vai ter que me mostrar — afirmou ele com um breve sorriso.

— Vou mostrar, assim que nos instalarmos — prometi.

Avancei, então, deixando escorregar a coleira de Kip para que ele ficasse livre para explorar a nova casa. Não havia muito para explorar, ele levaria dois ou três minutos para percorrer toda a habitação. Para mim, podia demorar um pouquinho mais.

— Vejo que ainda há muito a ser descarregado — observei enquanto segui em frente.

— Não sei o que faremos com isso — respondeu Wynn em dúvida.

— O que quer dizer com ‘fazeremos com isso’? — questionei.

— Não há nenhum depósito disponível, e essas coisas nunca caberão aqui. Talvez tenhamos que simplesmente jogar uma lona sobre elas e deixá-las no vagão.

Meus olhos percorreram a cabana. Wynn estava certo, já estava cheia demais. Havia um fogão enegrecido, uma mesa feita à mão, duas cadeiras de madeira, uma lareira, uma cama no canto, com colchão desgastado, e algumas prateleiras de madeira rústica. Era isso.

Acima de mim, havia vigas empoeiradas e gastas. Minha primeira visão na colina estava certa. O telhado cedeu. Só esperava que não desabasse sobre nós com a primeira tempestade forte de neve.

Então, meus olhos se voltaram para o chão. O piso era de terra batida, imagine! Não havia nem mesmo tábuas ásperas para cobrir a poeira. Eu nunca tinha morado em uma casa com piso de terra antes. Perguntei-me como conseguiria viver assim agora. *Pelo*

menos não preciso esfregar o chão, pensei com tristeza. Fechei meus olhos com força quando meu corpo estremeceu.

— Em breve precisaremos da lamparina — Wynn estava dizendo. — Você lembra em que caixa estava embalada?

Suas palavras me trouxeram de volta aos meus sentidos. Tentei pensar. Sim, estava no baú grande, aquele com nossa roupa de cama. Eu segui em frente para mostrar.

Wynn logo abriu o baú e eu fui até ele, para juntos esvaziarmos o conteúdo.

— Vou tirar essa caixa do nosso caminho e abrir mais espaço — sugeriu Wynn. — Tirando isso do meio da casa, talvez tenhamos espaço suficiente para você preparar nosso jantar.

Olhei para o fogão. Um fogo intenso já estava aquecendo o ambiente. A superfície de cozimento era muito menor do que eu estava acostumada. Parecia que ia caber apenas a chaleira e uma panela de cada vez. Fui verificar se havia água na chaleira. Já estava cheia. Havia um balde de água na prateleira que estava próxima, que também tinha sido abastecido com água fresca.

Esse Wynn..tão atencioso! - observei mentalmente.

Virei-me, e vi que nossa provisão de comida já havia sido organizada nas duas prateleiras que havia ali. Nossa louça estava empilhada na pequena mesa.

— Não sei onde você vai achar lugar para guardar as coisas — disse Wynn. — Essas duas prateleiras não têm muito espaço.

Ele estava certo. Olhei ao meu redor, e não parecia haver nenhum espaço na parede para pendurar mais prateleiras também.

— Podemos pendurar algumas coisas — eu disse, percebendo que havia alguns pregos nas paredes.

Com Wynn trabalhando para esvaziar algumas caixas e abrir espaço, e eu ocupada com nossa primeira refeição, começamos a sentir que esta cabana pequena e mal construída seria nosso lar.

Quando o jantar estava pronto, Wynn colocou o martelo de lado e saiu para se lavar na bacia que ele havia colocado em um cepo, ao lado da porta. Logo ele estava de volta, com as mangas ainda

puxadas para cima e o cabelo molhado depois de enxaguar o rosto. Ele parecia cansado — e não tinha sequer começado a desencaixotar o material de escritório e os remédios.

— Onde fica o escritório? — perguntei depois de nos curvamos para orar.

— Não tem escritório — ele respondeu simplesmente.

— Nenhum?

— Não.

— O que o último Policial Montado fazia?

— Ele era sozinho, então deve ter simplesmente empilhado as coisas na parede, eu acho.

— Oh — foi tudo que consegui responder.

— Você é a primeira mulher branca a viver nesta aldeia, Elizabeth — Wynn continuou.

— Sou?

De repente, senti uma grande responsabilidade. Sendo a primeira mulher branca aqui, eu tinha muito a representar. O povo da aldeia iria, sem dúvida, julgar toda a raça branca pelo que vissem em mim. Era assustador, de certa forma.

Será que eu seria considerada digna? Seria capaz de contribuir para seu modo de vida, ou pareceria ameaçá-lo? Será que me encaixaria no lugar onde nenhuma mulher branca esteve antes? Será que as mulheres indígenas se sentiriam à vontade para vir e tomar chá, ou me veriam como uma criatura estranha, com maneiras peculiares, que deveria ser temida e evitada?

Eu não tinha a resposta para nenhuma dessas perguntas. Olhei para o pequeno espaço ao meu redor. Sabia, mesmo sem visitar as outras casas, que esta era muito parecida com a deles. Eu sorri. Fui começando a sentir algum conforto em meu novo e estranho lar. Se eu vivesse como eles, então certamente não seria tão difícil cruzar as barreiras. Se meu chão era de terra, se meu fogão era pequeno, se minha cama ficava no canto do mesmo quarto, então será que as mulheres indígenas não achariam mais fácil me aceitar como uma delas?

Wynn deve ter notado meu sorriso. Ele ergueu a cabeça e olhou para mim, com um questionamento aparecendo em seus olhos.

— Bem — eu disse —, posso ser branca, mas minha casa não será diferente. Talvez isso torne mais fácil me tornar um deles.

Wynn assentiu.

— Talvez — disse ele lentamente —, mas eu lamento, Elizabeth, que tenha que ser assim... tão... desconfortável para você.

Dei de ombros.

— Desconfortável, sim, mas com certeza não é impossível, é? Quer dizer, com tantas pessoas vivendo desta forma, eu acho que a gente deve conseguir viver assim e sobreviver.

Wynn ainda parecia duvidar. Estava certa de que ele estava arrependido por ter concordado em me trazer para cá.

— Veja desta maneira — eu disse, tentando fazer minha voz brilhar. — Pense no pouco tempo que levará para cuidar da casa. Ora, poderei passar horas e horas naquele pequeno lago.

Wynn apreciou meu esforço, estou certa que sim, mas ainda não estava pronto para responder.

Durante os dias que se seguiram, eu teria que mostrar a ele, pouco a pouco, que era capaz de viver em um lugar tão pobre, considerando a cabana como meu lar. Isso levaria tempo. Primeiro teria que convencer completamente a mim mesma.

Uma profunda gratidão me inundou por esta ser a minha segunda experiência, não a primeira, nos desafios de Wynn. Se eu tivesse enfrentado tais condições logo quando vim para o Norte, tenho certeza de que não seria capaz de aceitar a situação tão prontamente. Agora, pouco a pouco, fui me acostumando aos rigores daqui. Senti que podia até estar pronta para suportar tão severa aridez. Afinal, não seria por muito tempo. O próprio Wynn havia dito que a Força nunca deixava um homem por muito tempo em um mesmo lugar, talvez não mais de três ou quatro anos.

Olhei ao meu redor. Três ou quatro anos pareciam muito, muito tempo.

Capítulo 4 – Adaptando-me

Os dias que se seguiram foram atarefados, desempacotando, classificando e reembalando qualquer coisa que não fosse absolutamente essencial. Não tínhamos como guardar todos os nossos pertences na minúscula cabana, ainda que fossem poucos.

Foi muito difícil para mim decidir que coisas poderia considerar dispensáveis. Achava que já tinha aprendido a viver com o básico na casa de dois quartos, despensa e escritório, que ocupávamos em Beaver River. Olhando agora em volta, nossa cabana de Beaver River parecia como uma casa grande e espaçosa, se comparada a essa.

Agora começava a desejar que Kip tivesse sido criado como um cachorro de quintal. Ele parecia estar sob os meus pés, não importa onde eu pisasse.

Organizei cuidadosamente minhas panelas e pratos, mantendo apenas um mínimo. Se algum dia tivéssemos companhia, eu precisaria lavar pratos e talheres antes que pudesse servi-los, mas foi a única maneira de conseguir fazer as coisas se encaixarem. Eu deixei apenas uma peça a mais de cada item, e embalei todos as travessas. Serviria as refeições diretamente do fogão. Duas panelas e uma frigideira estavam penduradas em pregos na parede já amontoada. Não tinha espaço nem para colocar minhas fotos de Samuel, tão cuidadosamente desenhadas por Wawasee. Com o coração pesado, empacotei os retratos numa das caixas que seriam guardadas.

Minhas tinas, vassouras, espanador, esfregão e qualquer outra coisa que pudesse pendurar, também estavam na parede. Muitas dessas coisas ficavam penduradas do lado de fora de nossa cabana lá em Beaver River. Aqui, de acordo com o comerciante que dirigia a Sede, tudo tinha que ser pendurado por dentro. O povo da aldeia entendia que qualquer coisa deixada do lado de fora era propriedade da comunidade, mas, com frequência, esqueciam de

trazer os itens de volta ao local de onde haviam originalmente tomado emprestado.

Ponderei sobre a possibilidade de construir um ou dois aposentos a mais, mas não disse nada para Wynn. Ele estava ocupado o suficiente tentando entender suas novas responsabilidades e descobrir onde guardar seus suprimentos tão necessários.

Eu não tinha percebido o quanto tinha gostado do pronto abastecimento da água da nossa Beaver River até chegarmos a esta nova aldeia. Não havia aqui por perto nenhum poço com uma bomba. Toda a nossa água precisava ser carregada do riacho que ficava a quase quatrocentos metros do assentamento. A gente logo aprende a economizar. Aprendi que um balde de água tinha muitas utilidades antes de ser jogado fora para assentar a poeira na nossa trilha.

O outro problema dizia respeito ao fato de não haver banheiros. Em Beaver River, Wynn rapidamente mandou construir um, para que eu, como sua noiva, tivesse maior privacidade e comodidade. Aqui, parecia não haver materiais, mão de obra, nem tempo para essa construção. Tive que aprender rapidamente a “regra” dos aldeões, para que soubesse quais trilhas eram usadas pelas mulheres e crianças, e quais trilhas deviam ser evitadas. Não havia sinais com setas direcionais — este era um acordo tácito no dia a dia da aldeia.

Quando senti que tinha guardado tudo o que não era absolutamente necessário, Wynn colocou todas as caixas cheias de volta em um dos vagões e os cobriu cuidadosamente com uma lona, para impedir a entrada de chuva ou neve. Então, amarrou cordas pesadas na parte da frente e atrás, por cima e por baixo da carroça, para impedir a entrada de outras coisas. Eu odiava aquelas cordas entrecruzadas. Elas pareciam falar de um modo de vida que era desconhecida e desagradável para mim.

Wynn ainda não tinha encontrado um lugar para manter seus suprimentos médicos, então teve que empilhá-los em nossa cabana. Todo o espaço disponível parecia estar lotado com nossos poucos

pertences. Os cobertores extras e nossas roupas estavam em caixas embaixo da cama. Caixas de alimentos enlatados estavam empilhados embaixo da mesa. Quando nos sentamos para comer uma refeição, tínhamos que virar de lado nas cadeiras, pois nossos pés não cabiam debaixo da mesa.

Havia espaço no meio da sala para o tapete de pele de urso, que ajudava a esconder um pouco do chão de terra. Eu coloquei algumas almofadas em nossa cama. Como não tínhamos nenhum tipo de sofá, achei que seria bom ter algum apoio a mais para as costas, mas nos dias que se seguiram, eu rapidamente cansei de sempre tirar as almofadas na hora de irmos para a cama. Comecei a desejar tê-las guardado também. Mas resolvi que elas agregavam uma nota de cor e alegria ao nosso monótono ambiente.

Mais de uma semana se passou antes que eu visitasse o armazém da aldeia. Era inútil comprar mais alguma coisa, já que não conseguia encontrar espaço nem para o que tínhamos em mãos. Fui ao armazém mais para conhecer o comerciante e os moradores do que qualquer outra coisa. Estive muito pouco fora da minha própria cabana no pouco tempo que estava no assentamento. Era chegada a hora de conhecer as pessoas e fazer novos amigos.

A língua inglesa não me serviria de nada em Smoke Lake. Nenhum dos aldeões a entendia. Até mesmo o mercador do armazém conhecia apenas umas poucas palavras em inglês. Ele falava o dialeto indígena como um nativo, o que ele realmente era, em parte, embora sua língua materna fosse o francês. Estava agradecida por ter pelo menos um conhecimento prático da língua indígena.

Encontrei-me com duas mulheres da aldeia, enquanto caminhava em direção ao comércio, e eu sorri e as cumprimentei em sua própria língua. Mas elas evitaram o contato visual e seguiram em frente, parecendo estar quase assustadas. Era fácil perceber que demoraria um pouco para que eu, a mulher-branca do homem da lei, pudesse ser aceita. Teria que ser paciente.

Entre no armazém por sua única porta baixa e olhei ao redor.

O interior era escuro e cheirava fortemente a peles e fumaça de tabaco — não era um cheiro agradável na melhor das hipóteses, e na fechada e pequena construção sufocante, era quase insuportável. Prendi minha respiração e olhei em volta. Eu precisava de ovos e banha, se pudessem ser encontrados. Na bagunça do pequeno armazém, não vi nada que se parecesse com caixas de ovos ou baldes de banha, mas recordei que nem tudo era visível.

O comerciante me olhou astutamente, apertando os olhos contra a fumaça que saía do cigarro enrolado que ele fumava direto para seus olhos. Ele falou comigo, mas eu não entendi uma palavra.

— Desculpe-me — eu disse em inglês, esquecendo-me por um momento —, eu não entendo.

Ele me lançou um olhar interrogativo e deu de ombros.

Lembrei-me então, e mudei para o idioma indígena.

O homem então respondeu no dialeto nativo, embora suas palavras tivessem um sotaque muito diferente do meu.

Pelo menos podemos entender um ao outro, suspirei aliviada.

— Eu preciso de ovos — anunciei com cautela, usando palavras indígenas pouco familiares.

— Sem ovos — ele me informou, acompanhado de um balançar de cabeça.

— Eu também preciso de banha.

— Sem banha — afirmou ele.

— Oh, que coisa — eu disse em inglês. — O que vou fazer agora?

— O que você diz? — ele perguntou no dialeto indígena.

Olhei para ele me desculpando e tentei explicar que estava falando comigo mesma.

— Quando estiver aqui — ele me informou com frieza, em nossa linguagem comum —, melhor falar comigo — não com você.

Tive a sensação de que não ia gostar muito desse homem mal-humorado, de aparência desleixada e olhos penetrantes.

— Você precisa de café? — ele perguntou.

— Não — eu disse —, não café. Eu já tenho café, obrigada.

— Você precisa de farinha?

— Não, não, eu tenho farinha.

— Açúcar? Feijões? Sal?

Eu balancei a cabeça para cada um dos itens enquanto o homem os listava.

— Então, por que veio aqui? — ele lançou as palavras para mim.

— Vim buscar ovos e banha — relembrei a ele, só um pouco irritada.

— Não tenho. Nós aqui pegamos ovos de ninhos de pássaros, banha de animais. Não precisa de ovos e banha no armazém.

Eu balancei a cabeça novamente e me dirigi para a porta, sem ao menos desejar-lhe um bom dia. Não me surpreendeu que ele não me desejasse um bom dia também.

Fiquei feliz por estar novamente ao ar livre. Inspirei profundamente o aroma de pinho. Mesmo a fumaça preguiçosa das fogueiras da cabana não poderia disfarçar o olor característico.

Não queria voltar para minha pequena cabana apertada. Não havia nada lá que demandasse minha atenção. A pequena casa estava em ordem, o par de cortinas brancas penduradas em uma pequena janela, o tapete estendido no chão, o resto das coisas da casa embaladas e armazenadas no vagão, e levaria horas antes da massa do pão estar pronta para o forno. Eu estava em busca de companhia.

À minha volta, as pessoas estavam ocupadas com trabalho e diversão. Em frente as cabanas, as mulheres teciam ou costuravam. Crianças brincavam na areia ou carregavam braçadas de madeira da floresta para as fogueiras. Os velhos sentavam-se juntos em silenciosa camaradagem. Mulheres jovens conversavam alegremente enquanto espalhavam a carne batida para secar ao sol.

Mas assim que me aproximei, tudo ficou em silêncio. Olhos voltados para o chão, as línguas silenciaram. Meu sorriso e minhas palavras em seu dialeto foram totalmente ignorados. Eles não me dariam sequer uma chance de conhecê-los.

Frustrada e desesperada, finalmente dirigi meus passos para nossa pequena cabana. Se eu ao menos tivesse Nimmie! Se tivesse ao menos houvesse uma Anna ou uma Sra. Sam para tomar chá! Suspirei profundamente. Eu já podia sentir a solidão de um inverno longo e silencioso se aproximando de mim.

Kip me encontrou na porta. Seu pelo agora tinha sido restaurado à sua maciez usual, depois da confusão emaranhada que se tornara nos dias que passou na trilha. Com a tina e a escova, eu o fizera novamente parecer o cachorro doméstico que tinha se tornado. Ao compará-lo aos cães da aldeia, ele parecia ser de uma espécie completamente diferente. Afaguei-lhe a cabeça, feliz por seus olhos ansiosos e sua cauda agitada.

Pelo menos aqui estava um rosto amigável. Eu o prendi na coleira e o conduzi pela trilha que saía da aldeia e seguia pelo riacho até o pequeno lago tranquilo. Era provável que Kip seria o único companheiro que eu ia ter pelas próximas semanas — até que, de alguma forma, eu conseguisse romper a reserva daqueles moradores.

Capítulo 5 – Dias Solitários

Nossos passeios até o pequeno lago se tornaram quase um ritual diário para Kip e para mim. Era uma belíssima caminhada e um local adorável. Ninguém parecia se incomodar que usássemos a trilha e que nos sentássemos na margem do lago, ou que passeássemos pelos pinheiros, mas, de qualquer maneira, ninguém parecia prestar muita atenção em nós. Eu ainda não conseguia fazer as mulheres nem mesmo reconhecerem minha presença. Estava sendo um tempo muito difícil para mim.

Wynn e eu discutimos isso com frequência em nossa mesa de jantar.

— Embora esses índios fossem da mesma tribo dos índios de Beaver River, eles não foram expostos ao homem branco da mesma forma — ele me lembrou. — Ao vir para esta aldeia remota, é como se tivéssemos voltado no tempo. Vivemos com um povo muito primitivo, Elizabeth.

Wynn se solidarizava de minha necessidade de amizade, mas me advertiu a ser paciente e permitir que as pessoas tivessem tempo para me conhecer e me aceitar. Intimamente, fiquei me perguntando quanto tempo minha paciência precisaria durar. Parecia que eu não estava chegando a lugar nenhum.

O outono chegou, com ventos secos farfalhando as folhas vestidas de festa nos choupos, e os pássaros cantando e instruindo uns aos outros sobre seu voo para o sul. Eu amava o outono, mas me preocupava muito pensar no inverno que se aproximava, sem amigos para me ajudar a enfrentá-lo. Eu precisava agir, mas não sabia o que fazer.

Então, um dia, tive uma ideia. Eu estava passando pela trilha, para caminhar novamente até o lago, quando percebi duas mulheres entrando na aldeia com cestos de frutas. Então, *havia* frutas na região! Eu de fato queria um pouco para o inverno que se aproximava, mas vi nisso também uma oportunidade para “*construir uma ponte*”. Não foram as frutas silvestres que me

trouxeram minhas primeiras amigas em Beaver River? Corri para casa para buscar algum tipo de cesta.

Deixei Kip na cabana, pois não queria que ele interferisse de qualquer forma na minha tentativa de fazer amizade. Com um passo leve e entusiasmo, fui encontrar algumas mulheres da aldeia.

Não precisei ir muito longe. Descendo a trilha de nossa cabana, duas mulheres indígenas estavam sentadas ao sol da tarde costurando mocassins de camurça. Aproximei-me delas com minha panela estendida e um sorriso em meus lábios.

Como de costume, elas pararam de falar e baixaram os olhos, mas não ia desanimar assim tão fácil.

Cumprimentei-as com a devida saudação indiana. Elas não devolveram como era o costume. Eu esperei um momento e quando não houve resposta, soltei a pergunta.

— Quero colher frutas — informei-lhes com meu limitado vocabulário.

Não responderam. As duas continuaram o trabalho, parecendo nervosas com minha presença, mas não olharam para cima nem me reconheceram.

— Onde posso encontrar frutas silvestres?

Tentei manter o tom amigável, apesar de como estava começando a me sentir, mas a voz vacilou um pouco.

Uma das mulheres grunhiu, e ambas pegaram seu trabalho e foram para a cabana.

Minha vontade era de chorar. Como faria novos amigos nesta estranha aldeia? Eu estava prestes a me virar e ir para casa novamente quando avistei duas mulheres mais jovens, carregando seus bebês nas costas, mexendo uma panela enegrecida sobre o fogo aberto. *Talvez as mais jovens fossem menos hostis*, pensei, e fui em direção a elas.

Elas também baixaram o olhar e pararam de falar quando me aproximei, embora seus olhos se levantassem ocasionalmente para lançar pequenos olhares em minha direção.

Cumprimentei-as, mas não esperei pela resposta. Me apressei e fui direto ao ponto.

— Quero colher frutas silvestres e não sei onde estão. Podem me dizer por favor?

Por um momento houve silêncio e então elas se entreolharam. Uma delas deu de ombros ligeiramente, mas a outra apontou para o oeste e disse simplesmente:

— Lá.

Não era muito, e a informação não me ajudaria a localizar o canteiro, mas foi a primeira palavra que tinha sido dirigida a mim, desde que entrei na aldeia deles. Eu sorri, como forma de agradecimento e segui na direção oeste.

Vaguei pela floresta pelo resto da tarde, mas ainda não tinha encontrado nenhum canteiro de mirtilos.

Naquela noite, durante o jantar, contei a Wynn sobre minha aventura do dia. Ele parecia preocupado, sentindo minha dor por ser rejeitada pela aldeia, mas nós reconhecemos que era um começo — um pequeno começo.

— Eu vi um arbusto ou dois enquanto fazia minhas rondas — Wynn me informou. — Vamos ver se consigo lembrar exatamente onde estava. Acho que não prestei muita atenção pois sabia que todos os frascos de conserva estão guardados — mesmo que os tirássemos e enchêssemos, não teríamos lugar para armazená-los. Se os colocarmos de volta na carroça, eles vão simplesmente congelar com a primeira queda de neve.

— Mesmo que eu consiga apenas um pouco por agora, para que possamos comer alguns frescos e preparar uma torta ou duas — eu disse, percebendo que Wynn estava certo sobre preservação — seria bom, para variar.

Wynn assentiu e pegou lápis e papel para desenhar para mim o esboço de um pequeno mapa.

Na manhã seguinte, peguei Kip e minha panela, preparei um sanduíche para o almoço, e com o mapa de Wynn em mãos, parti para encontrar um canteiro de frutas vermelhas.

Demorei um pouco procurando, mas finalmente encontrei um arbusto grande o suficiente para encher meu pote, e me ocupei na colheita, cantarolando enquanto lentamente enchia a panela.

Deixei Kip correr enquanto eu colhia. Ele se aventurou um pouco nos bosques, perseguindo coelhos e aborrecendo os esquilos, mas voltava com frequência para me supervisionar.

Ao meio-dia, parei para comer o sanduíche. Gostaria de ter uma xícara de chá para acompanhar. Não estava longe do riacho, então deixei minha panela e caminhei até o riacho para beber água, que estava fria e refrescante. Passei um pouco no rosto e lavei a nódoa azul das minhas mãos.

Kip patejou na água, entrando no riacho apenas o suficiente para alcançá-la com a língua sem precisar se abaixar muito. A água corrente banhou suas pernas e agitou-se ao redor do nariz dele, quando Kip meteu o focinho no riacho.

Peguei um gravetinho e joguei pega-e-traz com Kip por alguns minutos. Quando terminou a brincadeira, ele estava encharcado, de tanto perseguir o galho no meio do riacho. Esqueci de manter distância, e quando Kip saiu da água, se sacudiu, e espalhou água por toda a minha saia. Ri de mim mesma e corri de volta para o canteiro de frutas vermelhas e meu pote quase cheio.

Kip correu na minha frente, ainda se sacudindo para tirar água enquanto corria. Ele parecia saber exatamente para onde estávamos indo e me levou diretamente para a panela cheia de frutas. Ele a alcançou primeiro — ou teria alcançado, se não tivesse parado abruptamente, completamente imóvel, com os pelos eriçados e rosnando.

Seus olhos estavam fixos no local onde eu havia deixado minhas frutas, e eu tirei meus olhos do Kip, para olhar para a panela também.

Lá, refestelando-se imerecidamente nas minhas frutinhas, conquistadas à duras penas, estava um gambá. Prendi a respiração, sem ousar me mexer.

O gambá parecia não se incomodar. Queria que ele ficasse daquela maneira, não tinha o menor desejo de me envolver com ele.

Abaixei a mão para segurar o Kip, mas não fui rápida o bastante.

Kip sabia que as frutas eram minhas, e também sabia que o gambá era um trapaceiro. Emitindo avisos com a garganta, ele deu um salto para enxotar o gambá da panela de frutas vermelhas.

Tudo aconteceu tão rápido que mal tive tempo para pensar. Houve uma agitação quando Kip saiu do meu lado, a aparição da marca na cauda do gambá, uma rápida luta, e logo Kip estava gritando de raiva e dor, rolando a cabeça nos sedimentos do solo do bosque, quando um cheiro nauseante e poderoso tomou conta de nós.

Tirei os olhos de Kip a tempo de ver o gambá desaparecendo através da vegetação rasteira.

Corri com Kip de volta ao riacho. Eu nem precisei jogar o graveto para ele buscar na água. O cão imergia a cabeça inteira no fundo da água, mergulhando na água gelada. Com olhos ardendo e o focinho doendo, uma e outra vez ele metia a cabeça dentro do riacho.

Nada disso adiantou para aliviar o fedor, que parecia ficar cada vez pior. Olhei para minha saia, então cheirei minhas mãos. Embora não tivesse recebido o jato direto do gambá, eu parecia estar fedendo tanto quanto Kip. *O que, em nome de Deus, eu faria agora?*

Depois que Kip recebeu toda a ajuda que podia da água corrente, voltamos para o canteiro de frutas vermelhas para recuperar nosso pote.

Fiquei tentada a deixá-lo exatamente onde estava. Eu sabia, pela concentração do cheiro na área que o simples caminhar pelos arbustos e o solo já cobriam meus sapatos e saias com ainda mais do odor ofensivo. No entanto, não podia deixar a panela para trás, pois tinha apenas mais uma para cozinhar.

Encontrei uma vara longa e a estendi o máximo que pude para engancha-la a panela, levantá-la e trazê-la até mim. Ela escorregou da vara no ar e caiu no chão. Por mais que tentasse, não consegui fisgá-la novamente. Eu finalmente desisti e, erguendo minha saia o máximo que pude, atravessei os arbustos baixos e recuperei minha panela. Como tinha previsto, estava fedendo!

Derrubei o resto das frutas, quase chorando enquanto as via cair formando uma pequena pilha no chão, e voltei mais uma vez para o riacho. Usei areia para esfregar e arear minha panela, mas ainda assim, um pouco do cheiro parecia agarrar-se a ele. O que eu ia fazer? Precisava daquela panela.

Por fim, partimos para casa.

— Kip, você está fedendo! — informei-o enquanto colocava a coleira nele, e então sorri, apesar da circunstância — era o sujo falando do mal lavado. Tinha certeza de que eu estava tão repugnante quanto o cachorro. E minha panela não estava muito melhor.

Fiquei imaginando como, em nome dos céus, eu ia conseguir voltar para a aldeia sem causar confusão.

— Bem, pelo menos eles não serão capazes de me ignorar — eu disse a Kip com um sorriso.

Mas eu realmente não achei graça em toda essa história. Estávamos em uma terrível dificuldade, e eu bem sabia. Por Deus, como e quando íamos nos livrar desse fedor?

Capítulo 6 – Torta de Mirtilo

O odor nos seguiu até a aldeia. Ouvi crianças gritando a palavra indígena para gambá e então os vi correr em direção a suas cabanas antes mesmo que eu entrasse no assentamento. As mulheres também deixaram o que estavam fazendo e entraram para as casas.

Com o rosto vermelho e um passo apressado, corri para o minha casa arrastando o fedorento Kip com mão firme.

Quando chegamos à cabana, amarrei Kip do lado de fora e coloquei minha panela ao lado da porta. Então, me abaixei e removi os sapatos, dei um passo na entrada da porta, e ali tirei minha saia pesada, estendendo a mão em seguida para jogá-la de volta no pátio. Depois, tirei o resto das roupas e me esfreguei com sabão e água até ficar com a pele vermelha e irritada. Ainda assim eu cheirava a gambá!

Fui forçada a colocar roupas limpas no corpo que ainda estava malcheiroso; então, com uma banheira de água quente e sabão, me atraquei nas roupas. Eu as lavei o melhor que pude e as pendurei no varal, do lado de fora. Ainda podia sentir o fedor nas roupas. Em seguida, peguei Kip e o esfreguei na água. O cheiro do seu pelo molhado piorava, ao invés de melhorar.

Eu vi muitos olhares curiosos em minha direção. Pequenos grupos de crianças indígenas olharam sem reservas, e as mulheres se reuniram em pequenos grupos sussurrando, tentando não parecer tão óbvias quanto as crianças, mas sem ter muito sucesso.

Cerrei os dentes e esfreguei Kip com mais força. Ele choramingou e tentou se afastar, mas eu o repreendi ligeiramente e continuei esfregando. Afinal, foi ele quem nos colocou nessa confusão!

Apesar de todos os meus esforços, quando Wynn voltou naquela noite, ele foi recebido pelo forte cheiro de gambá.

— O que posso fazer para resolver isso? — eu resmunguei.

— Não há muito que possa fazer — respondeu Wynn.

— Quer dizer que nada vai ajudar?

— Pelo que sei, só o tempo — respondeu Wynn.

Eu me queixei novamente. “*Tempo*”— sempre parecia tão lento quando a gente precisava que ele passasse rapidamente.

— Você poderia tentar encher a panela com terra e enterrar as roupas — comentou Wynn. — Parece que algumas pessoas pensam que a terra tira parte do cheiro.

— Kip está pior — insisti.

— Enterre-o também, se quiser — disse Wynn, mas então sorriu, para que eu soubesse que estava brincando.

Eu, de fato enterrei minhas roupas, e também enterrei a panela. Os índios me observaram, escondendo os olhos e os comentários por trás de mãos marcadas pelo trabalho.

Não deixei as roupas enterradas por muito tempo, pois não queria correr o risco de que o solo úmido causasse apodrecimento. A quantidade de roupas que eu tinha era, na melhor das hipóteses, escassa. E eu não poderia simplesmente perder uma roupa, mesmo uma que me deixava fedida cada vez que a usava. Eu as desenterrei com cuidado, lavei novamente com água e sabão e pendurei no varal.

O solo pareceu ajudar minha panela. Eu a areei por completo novamente e a deixei para secar ao sol.

Kip não parecia se importar em ser deixado do lado de fora — exceto à noite. Então ele resmungava para entrar. Seu choro não era tão desagradável quanto o latido. Ele parecia latir para todos os sons da noite. Wynn e eu tínhamos pensado que estávamos acostumados com o som de cães latindo, mas descobrimos que Kip continuava nos acordando noite após noite com sua agitação.

Imperturbável, eu ainda estava determinada a comer uma torta de mirtilo, então na semana seguinte, peguei Kip e novamente me dirigi para o oeste e alguns arbustos de frutas silvestres. Desta vez não tirei a coleira de Kip quando chegamos. Em vez disso, amarrei-

o a uma pequena árvore jovem e fui colher as frutas para encher minha panela.

Kip se agitou e choramingou o tempo todo. Para recompensá-lo, quando terminei de encher meu recipiente, o levei para o riacho e o soltei para que pudesse brincar na água. Nos animamos com a brincadeira de buscar o graveto. Quando senti que ele tinha se exercitado o bastante, o preendi novamente à coleira, peguei o pote cheio de frutas vermelhas e fui para casa.

Os índios me viram entrar na aldeia novamente. Eu sorri e falei com os que estavam perto da trilha, mas eles viraram as costas e fingiram não perceber minha presença. Tentei não deixar isso me chatear, mas chateou.

— Bem, de qualquer maneira — eu disse a Kip, que parecia ser o único disposto a me ouvir — tenho minhas frutas para a torta.

Quando Wynn chegou em casa naquela noite, foi recebido por um novo aroma. O cheiro tinha quase desapareceu por completo de Kip, das roupas, e da panela. Em vez disso, o cheiro maravilhoso de torta de mirtilo fresco pairava por toda a cabana. Fiquei satisfeita comigo mesma.

Eu tinha encontrado o canteiro, tinha perseverado, tinha preparado minha torta.

— Ótimo! — disse Wynn com um carinho agradecido no meu braço enquanto empurrava o prato para trás da mesa depois de uma segunda porção.

Seu elogio singelo e enfático bastava para fazer tudo valer a pena.

Capítulo 7 – Inverno

Mais determinada até mesmo do que minha busca por frutas vermelhas, foi minha procura por novos amigos. Diariamente eu levava Kip para passear, e cada vez que encontrava ou passava por mulheres indígenas, sorria e exclamava uma saudação para elas, que ainda escolhiam me ignorar. Mas nem mesmo isso me fez parar.

Decidi então me concentrar nas crianças. Eu tinha certeza de que as crianças seriam mais responsivas — afinal, as crianças em Beaver River aprenderam a amar tanto o Kip quanto a mim.

Eu escolhia as trilhas onde ouvia crianças brincando e sorria calorosamente e os saudava em sua própria língua, sempre que estava perto o suficiente para ser ouvida.

Os pequenos erguiam as cabeças e olhavam para mim, mas se recusavam a responder qualquer uma das perguntas que eu fazia. Não correspondiam nem mesmo ao descontrolado abanar do rabo de Kip. Olhavam para nós dois até satisfazerem sua curiosidade, e então voltavam para suas brincadeiras ou fugiam, deixando-nos parados, olhando para elas.

Tentei até uma pequena “chantagem” amigável. Peguei alguns dos meus livros mais coloridos e fascinantes e ofereci para elas, exibindo as belíssimas ilustrações, enquanto deixava as páginas passarem lentamente. Elas olhavam para a estranha novidade, mas não se aproximavam ou tentavam estender a mão. Decepcionada, peguei meus livros e voltei para minha cabana solitária.

Parei de compartilhar minhas experiências com Wynn, pois ele ficava triste ao saber da minha solidão. Em vez disso, eu perguntava tudo sobre o dia dele. A maior parte do trabalho era simples rotina. Ele inspecionava as fronteiras, verificava os caçadores, distribuía uma pequena quantidade de medicação, resolvia algumas disputas locais, arrancava dentes, fazia partos, e cuidava de ferimentos à faca, cortes com machado, tirava anzóis presos nos dedos acidentalmente e tornozelos torcidos.

Eu ia ao armazém apenas quando era absolutamente necessário. Não me sentia confortável com o comerciante de olhos escuros, que me observava tão fixamente enquanto eu olhava ao redor dos aposentos entulhados, tentando encontrar o item que estava procurando.

O homem nunca saía de seu lugar, detrás do balcão improvisado, para me ajudar de alguma forma. Apertando os olhos, baforando o cigarro sempre presente, ele mostrava uma carranca, como se eu fosse uma intrusa em vez de uma cliente.

Fósforos — ou melhor, a falta deles — foi o que um dia me tirou dos limites seguros de minha cabana e me levou até o armazém. Wynn tinha pedido que eu fosse comprá-los, pois nosso estoque estava baixo, e ele não estaria de volta após a patrulha a tempo de visitar a loja.

Eu certamente não poderia dizer ao Wynn que preferia não ir ao armazém simplesmente porque não gostava do homem, então não disse nada. No meio da manhã, me arrumei, deixei Kip trancado e segui adiante.

No caminho, encontrei novamente mulheres da aldeia. Eu sorri e acenei com a cabeça, dando a saudação habitual. Elas não olharam para mim de maneira nenhuma.

Achei o armazém do mesmo jeito de sempre, escuro, com cheiro rançoso e enevoado com fumaça de cigarro. O comerciante ficou atrás de sua pequena barreira e armou a carranca, enquanto duas mulheres indígenas selecionavam seus produtos. Não recebi nem mesmo um aceno de nenhuma delas.

Afastei-me, esperando pacientemente até que as mulheres terminassem sua negociação e saíssem pela porta baixa. Então comprei rapidamente os fósforos e sai da loja.

Ao sair pela porta, ouvi vozes antes de virar a esquina. Duas índias conversavam. Parei de repente, surpresa por ver que elas ainda estavam naquela região. Eu sabia que elas estavam justo ali na trilha, e eu ia ter que passar por elas. Será que as mulheres responderiam se eu parasse e as cumprimentasse? Respirei fundo

e segui, determinada a tentar. Mas então, chegou até mim um pouco da conversa.

— Por que ela foi lá?

— Não sei.

— Quem?

Uma terceira mulher deve ter se juntado a elas.

— Aquela cara pálida com o filho-cão.

O “filho-cão”? Por que diriam isso? Cara pálida eu entendia, e não me incomodava que se referissem a mim dessa forma.

Mas “filho-cão”? O que queriam dizer com isso?

E então me lembrei do Kip. As índias me viam frequentemente com Kip. Elas viram o cão macio e escovado. Tinham me visto dando banho nele e secando-o com uma toalha velha. Tinham me visto levá-lo comigo, enquanto outras deixavam seus cães amarrados em casa. Elas viram Kip entrar na pequena cabana, enquanto seus cães passavam os dias e as noites, com chuva ou sol, ao ar livre. Elas me conheciam como uma mulher casada, mas nunca tinham visto crianças em nosso lar. A conclusão foi que substituí o filho que não tive por um cão.

Será que eu tinha feito isso? Será que as mulheres realmente pensavam que Kip, por mais que eu o amasse, poderia tomar o lugar do filho, por quem eu tanto ansiava? Nunca! *Se elas soubessem*, pensei. *Se elas pudessem entender minha tristeza*.

Eu me virei e dei a volta no armazém pelo lado oposto, para que não precisasse confrontá-las. Era um longo desvio, mas eu precisava de uma longa caminhada. Precisava de tempo para pensar, ordenar as ideias, me recuperar da dor.

Caminhei rapidamente enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto, orando enquanto eu caminhava. Nunca pensei que fosse possível estar tão solitária, tão isolada do mundo.

Por fim, consegui controlar minhas emoções. Decidi que não ia me ocupar sentindo pena de mim mesma, mesmo que os dias adiante parecessem sombrios.

Eu tenho meu Senhor, disse a mim mesma. *Ele prometeu estar comigo até o fim do mundo*. Por alguns momentos senti que realmente devia estar muito perto do fim do mundo, meu mundo, mas me enchi de coragem e ergui o queixo um pouco mais alto. Deus havia prometido que nunca me deixaria, nem me desampararia. Isso era verdade em uma rua da cidade, em um magistério rural, ou em uma parte remota do Norte.

Além disso, eu tinha Wynn. Embora seu trabalho o mantivesse distante durante o dia e muitas vezes à noite, ainda era um conforto saber que ele estaria de volta e que me amava e entendia minhas necessidades e anseios.

E eu tinha meu “*filho-cão*”. Sorri para mim mesma. Kip podia não ser o companheiro que eu desejava, mas pelo menos era *alguém*. Eu podia falar com ele, caminhar com ele e apreciar o fato de não estar inteiramente sozinha. Sim, eu era grata pela companhia de Kip. Parecia que ele seria meu único amigo neste assentamento.

Quando cheguei em casa, Kip me encontrou na porta. A língua dele fez cosquinha na minha mão e a cauda enrolada acenou as boas-vindas. Eu afaguei sua cabeça macia.

— Você não vai entender uma palavra disso — eu disse suavemente —, mas na aldeia eles pensam que você é meu “filho” mimado. Bem, você não é a criança que eu queria, mas pelo menos é um amigo. Obrigada pela sua amizade. Parece que seremos apenas você e eu por aqui.

Parei para enxugar algumas lágrimas espontâneas.

— Então, de alguma forma temos que fazer isso por conta própria. Não será fácil, mas acho que conseguiremos.

Kip olhou para meu rosto e soltou um lamento. Ele parecia sentir que eu estava preocupada.

Então fiz um esforço consciente para afastar de mim a dor, para que conseguisse estar com um rosto alegre quando Wynn retornasse. Não queria que ele se preocupasse com a dor que eu estava sentindo.

Quando Wynn entrou na cabana, acenei com a cabeça em direção ao novo suprimento de fósforos.

— Bom — disse ele. — Esperava que você não esquecesse. Meu pacote de suprimentos está esvaziando, e tenho a sensação de que o inverno pode chegar a qualquer dia.

Wynn estava certo. Em apenas dois dias, um vento do norte soprou uma tempestade. Veio uivando ao nosso redor com a ira dos deuses indígenas da tempestade. Em poucas horas, nosso assentamento ficou coberto com dez centímetros de neve.

A partir daí convivemos com o frio e o vento. Cada dia, mais neve parecia aumentar nosso desconforto. Busquei me manter mais ocupada agora, e acho que foi bom para mim. Agasalhada contra os elementos, eu ficava trabalhando constantemente apenas para manter nosso abastecimento de água, as fogueiras alimentadas e as roupas limpas.

Kip e eu ainda achamos tempo para caminhadas—pelo riacho congelado, até o lago congelado, andando sobre o solo congelado. Eu pegava os sapatos de neve e Kip avançava rompendo a trilha. Nós sempre voltávamos de nosso passeio, revigorados e prontos para nos esticarmos diante da fogueira e deixarmos o calor descongelar nossos corpos enrijecidos.

À noite, quando tirava a louça do jantar, e Wynn sentava-se à mesinha lotada para preencher relatórios, eu o importunava, querendo todos os detalhes do seu dia. Ele nunca me repreendeu por minha tagarelice — na verdade, ele me encorajava. Talvez soubesse que ele era a única pessoa que eu tinha para conversar. De qualquer maneira, gostava de ouvir cada detalhe, e sentia que, ao menos de forma passiva, eu estava me familiarizando com alguns dos residentes da região através de Wynn. O Natal chegou e passou. Decidi que não me sentiria solitária — bem, solitária talvez, mas não com saudades de casa. Saudade de casa era um sentimento miserável e não valia de nada.

E assim, vivendo um dia de cada vez, eu estava conseguindo vencer os longos dias de inverno. Com a primavera viriam novas atividades. Eu ia arranjar uma forma de ter um pequeno jardim e Kip

e eu continuaríamos nossa exploração do campo. Talvez pudesse até fazer uma ou duas viagens com Wynn. Até então, eu seria paciente, me manteria o mais ocupada possível e me esforçaria para manter o ânimo. Como imaginei, haveria apenas mais três anos dessa maneira — no máximo.

Capítulo 8 – Vizinhos

Nossos vizinhos indígenas desfrutavam muito mais da vida social do que as pessoas em Beaver River. Embora nunca tenhamos sido convidados a participar, com frequência ouvíamos o bater dos tambores, quando uma cerimônia ou outra era conduzida. Em direção ao extremo leste do assentamento, havia uma construção comprida e baixa conhecido como a Casa do Conselho, onde ocorria a maioria das cerimônias. O restante das cerimônias ocorriam na aldeia “aberta”.

No início, as estranhas batidas de tambor e os cantos crescentes e decrescentes pairando sobre a quietude noturna pareciam insólitas. Os sons me faziam recordar que éramos os estranhos aqui. Vivíamos em meio a uma cultura diferente da nossa. Para nós, os cantos e tambores eram ruídos perturbadores, mas para os índios, as batidas simbolizava sua religião, seu próprio ser. Eles acreditavam na “magia” e no poder sobrenatural dos cantos e danças.

Até onde sabíamos, os índios neste remoto, mas bastante grande, vilarejo nunca tinham visto um missionário cristão, nem foram apresentados ao Deus dos cristãos. Os velhos métodos nunca foram questionados e eram mantidos com estrita rigidez. A chuva caía ou a geada destruidora descia em conformidade com o deleite dos espíritos, então cabia às pessoas fazerem tudo ao seu alcance para manter os deuses felizes, com ritual e adoração ancestrais.

A batida do tambor e a dança foram realizadas para dar as boas-vindas à chuva da primavera, para fortalecer os bezerros dos alces e veados, para tornar a armadilha rápida e forte, para engrossar as peles, enviar cardumes de peixes, tornar saudável o recém-nascido, salvaguardar o caçador, para proteger as mulheres, para dar uma “partida” tranquila para os idosos, e assim por diante.

Não era de se admirar — pois os índios se sentiam obrigados a realizar todos os rituais — que tínhamos a impressão de que os

tambores estavam sempre batendo, o ritmo de pés dançantes sempre vibrando no chão, o zumbido de vozes cantando sempre se propagando sobre o ar gelado da noite.

A morte era um evento muito importante para os moradores. Dia e noite, eles tocavam os tambores e cantavam, enquanto os enlutados lamentavam diante de seus deuses, comovendo-os com o fato de que a alma falecida faria muita falta aqui na terra e, portanto, devia sejam igualmente bem-vinda na nova terra.

Quanto mais alto o falecido estava no sistema tribal de castas, mais tempo eles tocariam os tambores. Quando o próximo na linhagem de chefes, o filho mais velho do chefe, morreu em um afogamento acidental, a batida do tambor seguiu-se por um total de sete dias. Para o próprio chefe, seria apenas sete dias mais um.

No momento em que os sete dias terminaram, todo o meu corpo estava protestando. Kip e eu íamos para a floresta sempre que podíamos, mas mesmo a muitos quilômetros da vila, o toque dos tambores ainda podia ser ouvido no ar frio e claro do outono.

Quando a cerimônia finalmente terminou, senti que de repente tinha ficado surda. O mundo parecia um pouco instável, sem a vibração dos pés se arrastando. Passaram-se dois dias antes que voltasse ao normal.

A tribo tinha muitas superstições e o povo se apegava a elas rigidamente. Não era incomum ver uma mulher largar no chão o que estava carregando de repente, e correr gritando para se trancar na cabana, porque tinha visto algo considerado *“tabu”*.

As crianças também eram muito conscientes dos costumes tribais e ensinamentos. Podíamos vê-los observando o céu, a floresta, o solo, em busca de “sinais” pelos quais guiar suas vidas.

Então eu não devia ter ficado surpresa quando soube da crença que tinham as mulheres indígenas, que, de alguma forma, podiam trazer sobre elas a ira dos deuses, se fizessem amizade com mulher “cara pálida”.

Parecia não haver qualquer consenso sobre porque os espíritos poderiam se opor à amizade, mas as mais velhas informaram as mais jovens, e as mais jovens alertaram seus filhos, e os

moradores, de forma unânime, tinham medo de desafiar esta convicção.

Eu não conseguia pensar em nada que pudesse fazer para romper a barreira — exceto esperar. Certamente se eu continuasse a viver entre eles, cumprimentá-los de maneira amigável e não me intrometesse onde não tinha sido convidada, com o tempo eles veriam e entenderiam que eu não invocava a ira dos deuses deles.

O povo indígena desta tribo tinha uma concepção estranha sobre a autoridade do Policial Montado. Para eles, Wynn representava a aplicação da lei. A lei estava intimamente ligada à punição por pecados cometidos. Os deuses desaprovaram as más ações e reagiam com vingança quando alguém saía da linha. Portanto, de alguma forma estranha e invisível, o homem da lei branco podia ter alguma conexão com super poderes. Eles tratavam Wynn tanto com deferência, quanto com medo.

Como esposa de Wynn, eu era suspeita. Talvez tivesse sido trazida para a aldeia com o único propósito de espionar os moradores, e como tal, relatar qualquer delito a Wynn, no momento em que ele voltasse no final do dia. Portanto, ninguém queria arriscar mantendo qualquer tipo de contato com a “cara pálida”.

O fato de não ter filhos e ser vista com frequência caminhando com um cachorro me tornava ainda mais suspeita, e me diferenciava ainda mais das mulheres da aldeia. Eu gostaria de poder fazer algo sobre minhas circunstâncias, mas não tinha ideia de como poderia desfazer as superstições.

Quando por fim entendi o motivo do distanciamento, creio que essa noção tenha colaborado com minha paz de espírito. Pelo menos fez que não me sentisse pessoalmente rejeitada. Orei sobre isso e entreguei toda a situação nas mãos de Deus, entretanto, pedi a Ele que me concedesse paciência e compreensão.

Tive que reconhecer também que minha posição como mulher branca contrastava muito com a das mulheres indígenas. Na cultura deles as mulheres faziam a maior parte do trabalho manual. Os homens caçavam a comida, capturavam os animais para obter peles e iam para a guerra se necessário.

A mulher, que era sempre uma obreira, também estava em total submissão ao homem, e a própria postura delas demonstrava sua posição. Ela nunca devia ficar diante de um homem da mesma forma que outro homem faria. O olhar deveria estar sempre abaixado, numa atitude de humildade e respeito.

Embora fosse profundamente comprometida com sua religião, a tribo também se dedicava à diversão. Eles amavam suas cerimônias simplesmente porque traziam prazer para uma vida que era, normalmente, um tanto monótona e difícil. Celebravam nascimentos e casamentos com absoluta entrega. Eles também adoravam eventos esportivos, como luta livre, corrida e caça, e os jovens eram muito sérios em seus desejos de superar seus oponentes.

As moças também adoravam os concursos. Elas ficavam separadas, muito tímidas, reunidas em grupos, escondendo os olhos escuros discretamente atrás de mãos delicadas e morenas, mas não perdiam nenhuma detalhe. E embora os jovens valentes fingissem que suas habilidades eram exibidas apenas para os olhos dos outros homens, ninguém era enganado por um momento sequer.

Muitos casamentos aconteciam logo após um desses eventos, quando o vencedor revelava suas intenções a alguma jovem donzela de sua escolha, dando-lhe presentes. Se a moça aceitasse os presentes, ficava entendido que aceitava também a proposta feita pelo rapaz.

Os índios também eram muito brincalhões — particularmente os jovens, embora as crianças também gostassem de pregar peças umas nas outras. Um jovem valente parecia não gostar de nada melhor do que “derrubar” outro jovem aos olhos de muitas testemunhas. O riso e a provocação faziam o infeliz esconder o rosto escarlate de vergonha. No entanto, ele geralmente se vingava em algum momento futuro, quando o brincalhão menos esperasse.

Portanto, vivíamos com nossos novos vizinhos — juntos, mas separados; habitando a mesma aldeia, mas sentindo que pertencíamos a outro tempo e outro mundo. Era tão diferente do Beaver River, onde não éramos apenas vizinhos, mas verdadeiros

amigos, partilhando da vida da aldeia por completo. Diariamente eu orava para que de alguma forma a reserva pudesse ser quebrada; que pudéssemos ser vistos como mais do que um “aplicador da lei” e sua esposa “espiã”; que os índios pudessem perceber que nós tínhamos vindo como amigos também.

Capítulo 9 – Primavera

Ousamos esperar que a primavera estivesse chegando quando o sol começou a permanecer mais tempo no céu e os dias começaram a ficar mais longos e mais quentes.

Para Wynn, o inverno foi tranquilo. Não houve nenhuma grande epidemia dentro da aldeia, sem desastres e muito poucos incidentes inoportunos.

Por esta razão estávamos verdadeiramente gratos, pois não tínhamos certeza de qual teria sido a resposta do povo se alguma calamidade tivesse caído sobre a tribo logo após nossa chegada. Talvez, por conta de suas supersticiosas inclinações, eles teriam sentido que o desastre tinha ocorrido por nossa causa.

Em um dos primeiros dias mais calorosos, Wynn sugeriu que eu talvez pudesse querer acompanhá-lo em uma de suas rondas. Concordei de forma enfática., pois parecia uma eternidade desde a última vez que estive além das trilhas de exercícios onde passeava com o Kip.

Eu me agasalhei, pois a temperatura ainda estava fria, e coloquei a coleira no Kip, até que passássemos do assentamento. A caminhada não era longa, então Wynn decidiu dispensar os cães de trenó, para que pudéssemos caminhar juntos e desfrutar dos sinais da primavera.

— Se você quiser embalar um almoço, podemos comemorar a partida de outro longo inverno — disse Wynn.

Então, preparei um piquenique, pois como os índios, eu estava pronta para comemorar praticamente tudo.

Mas havia ainda neve o suficiente para que precisássemos amarrar nossos sapatos de neve.

Kip estava animado. Ele sentiu que este era um passeio especial quando Wynn se juntou a nós.

Wynn caminhou mais devagar do que seu ritmo normal para me acompanhar. Eu ainda não tinha ficado verdadeiramente experiente

ao usar os sapatos de neve. Além disso, queria aproveitar cada minuto do dia. Conforme caminhávamos, eu fiz muitas das minhas costumeiras perguntas sobre todas as coisas, desde esquilos até samambaias. Wynn apontou os limites dos caçadores e me disse os nomes de alguns de nossos vizinhos.

— Você acha que eles vão nos aceitar? — perguntei. — Quero dizer, como parte do povo, não como a ‘Polícia’?

— Não sei, Elizabeth. Eles não parecem saber muito sobre o homem branco aqui, então ainda não têm onde basear sua confiança.

— Mas não houve nenhum outro Policial Montado aqui antes de nós?

— Sim... — Wynn hesitou. — E esse pode ser um dos problemas.

Olhei para Wynn, deixando a preocupação transparecer em meus olhos.

— Você quer dizer que eles tiveram um ‘mau’ oficial?

— Não, não era mau. O homem cumpriu seu dever como representante do rei com honestidade o bastante. Mas manteve-se à parte do povo. Pelo que ouvi, ele pode até ter aproveitado da crença do povo de que ele poderia ser... ah... diferente. Se os índios quisessem pensar que ele estava em conluio com os espíritos, para ele estava tudo bem.

— Oh, Wynn! Certamente ele não faria...

— Ah, ele não incentivou essa ideia, não foi o que quis dizer, mas o homem não se importava se o povo indígena pensasse que ele era um pouco diferente — um pouco superior a eles.

— Mas por quê?

— É difícil dizer. Alguns homens simplesmente gostam de ter autoridade. Ele era um homem solitário e não gostava de ser incomodado. Uma maneira de manter os aldeões à distância era fazer que acreditassem que havia um ‘grande abismo’ entre eles e o homem da lei, por assim dizer.

— Eu acho isso terrível! — exclamei. — E agora nós, que gostaríamos de fazer amizade com eles e ajudá-los, temos que suportar o pior de tudo.

— Só teremos que continuar a diminuir essa desconfiança. Acho que estou sentindo um pouco menos de tensão por parte de alguns dos homens.

— Fico feliz que alguém esteja fazendo progresso — disse balançando a cabeça. — Eu obviamente não fiz nenhum avanço. Este foi o inverno mais longo que lembro de já ter passado, pelo menos desde quando eu era criança, em que tive tanto sarampo quanto catapora.

Wynn riu e me abraçou.

Caminhamos por alguns momentos em silêncio, ambos ocupados com nossos próprios pensamentos. A claridade me fez apertar os olhos contra o resplendor matinal, e a neve rangia, com um som delicioso e limpo, enquanto nossos sapatos de neve faziam trilhas cruzadas através da brancura.

Um coelho do mato cruzou a colina à nossa frente, e Kip correu para persegui-lo. Poderia ter dito a ele para não se incomodar, pois ele jamais conseguiria pegar aquele coelho, mas não disse nada. Deixei-o se divertir!

— Você não me disse para onde estamos indo — comentei com Wynn.

— Oh, não disse? Há um caçador aqui que sofreu queimaduras, quando algumas de suas roupas pegaram fogo — ele adormeceu perto demais das brasas da fogueira. Achei melhor vir examiná-lo, para ver se precisa de algum cuidado.

— Foi muito grave a queimadura?

— Acho que não, mas é melhor não arriscar com uma infecção. Algumas dessas feridas não são limpas com muito cuidado e uma infecção poderia causar mais problemas do que a queimadura original.

Encontramos a cabana sem dificuldade. Sentei-me no toco de uma árvore e esperei enquanto Wynn foi examinar o homem.

Quando ele saiu, disse que a lesão felizmente não era profunda, e o homem parecia cuidar dela adequadamente. A queimadura foi na perna esquerda, do joelho quase até o tornozelo. Wynn deixou uma pomada medicamentosa e prometeu passar para vê-lo em alguns dias.

Refizemos nossos passos até o topo de uma colina e nos sentamos em um tronco para comer os sanduíches. Como era bom relaxar ao ar livre, especialmente depois do nosso exercício matinal.

O sol se elevou no céu e enviou raios tão quentes, que tiramos nossas jaquetas pesadas.

— Você acha que a primavera realmente chegou? — perguntei com grande anseio.

— Por que não? — respondeu Wynn. — Essa é aquela época do ano.

— Sempre tenho medo de ter esperança, temendo que volte a tempestade — confessei.

— Pode ser que volte — Wynn respondeu —, mas mesmo a tempestade não pode impedir a chegada da primavera. Talvez, possa adiá-la um pouco, mas a primavera ainda vai chegar.

Era um bom pensamento. Primavera e colheita, Deus havia prometido, sempre existirão na terra.

Respirei mais profundamente.

— Estou contente — respondi com animação. — Contente porque o inverno está quase no fim. Contente porque não terei que derreter neve para conseguir água — prefiro carregar o balde do riacho. Estou feliz por poder deixar o fogo apagar durante parte do dia. E estou especialmente feliz porque poderei pendurar a roupa do lado de fora de novo — toda a roupa. Estou tão cansada de me esquivar por baixo de camisas e vestidos e de ter que mover as meias da cabeceira da cama para a cadeira, e de volta para a cabeceira da cama — disse com um suspiro profundo. — Eu realmente ficarei feliz em ver a primavera.

Wynn estendeu a mão e acariciou meu cabelo.

Quebrei o momento de silêncio virando-me para ele.

— Wynn, nós ainda não encontramos um lugar para o jardim.

Ele abriu seu sorriso lento e fácil.

— Não, acho que não.

— Bem, então precisamos escolher.

— Creio que ainda temos tempo suficiente para isso. Ainda vai demorar alguns dias para que comece a semear, Elizabeth.

— Eu sei, mas precisamos encontrar um bom lugar antes...

— Temos todo o bosque e toda a campina, você pode fazer sua escolha — respondeu Wynn. — Pelo que ouvi, você será a única, em toda a região, a ter um jardim.

— É uma pena — eu disse —, isso é que é. Todo esse belíssimo solo — sendo simplesmente desperdiçado.

Wynn olhou ao nosso redor para as árvores densas. Sabíamos que, debaixo da neve, gramíneas e plantas cresciam em abundância.

— Bem, não são exatamente desperdiçados. Todas as criaturas do bosque parecem se alimentar muito bem.

— Você sabe o que eu quero dizer. Poderia fornecer alimento para o povo do assentamento.

— Mas acho que o solo também os está alimentando — disse Wynn. — LaMeche me disse que comem muito bem dos frutos da terra.

Ao ouvir o nome do comerciante, empertiguei um pouco as costas. Eu ainda não me sentia à vontade com o homem.

— Wynn — perguntei —, você sabe alguma coisa sobre ele?

— Sobre quem?

— Sobre o LaMeche. Ele parece tão estranho. Tão... tão... taciturno.

Pensei comigo que minha escolha de palavra poderia ser um elogio ao homem, mas não queria ser injusta.

— Louis LaMeche? Não muito. O pai dele era francês e a mãe era índia. O pai mudou-se para uma região a leste daqui, cerca de quarenta anos atrás, para tomar conta de uma concessão. O homem se saiu bem como caçador até que uma epidemia atingiu o

assentamento. Os pais e todos os filhos ficaram doentes, mas parece que LaMeche acabou ficando bem antes que os outros. LaMeche tinha mais ou menos nove anos na época. Ele partiu sozinho para encontrar ajuda para a família, mas acabou se perdendo, e levou vários dias para encontrar o caminho até uma cabana — e ainda assim chegou lá por acaso. Mas quando chegou a ajuda na cabana deles, toda a família estava morta.

Foi uma história terrível. Precisava mudar minha avaliação original sobre o homem. Não é de se admirar que ele seja tão retraído e... e carrancudo.

Que experiência terrível para um menino suportar!

— O que ele fez então? — surpreendi a mim mesma com a pergunta.

— Alguns dos caçadores locais se uniram e juntaram dinheiro suficiente para mandá-lo ‘para o mundo’. Parece que ele tinha uma tia ou algum parente perto de Winnipeg. O rapaz ficou por lá alguns anos, mas nunca se adaptou, então acabou voltando. Ele começou o comércio dez anos atrás, e está aí desde então.

— Quem te contou tudo isso? — questionei, querendo saber se o próprio LaMeche havia compartilhado.

— Está nos arquivos. Não está marcado como confidencial — ainda assim, não acho que seja do conhecimento de todos. Só achei que poderia ajudá-la a compreender um pouco melhor o homem.

Certamente ajudou. Agora eu estava com vergonha de mim mesma pela maneira como me senti por causa do Sr. LaMeche.

Wynn ficou de pé.

— É melhor voltarmos para casa — ele declarou. — Preciso escrever o relatório sobre Raposa Vermelha.

Levantei-me também. Não queria voltar para a aldeia, e queria menos ainda voltar para a pequena cabana. Estava tão grata que em breve seria primavera novamente e eu poderia desfrutar mais e mais ao ar livre.

— Obrigada por me deixar acompanhá-lo — sorri para Wynn com profunda admiração. — Eu precisava disso.

Wynn estendeu a mão e pegou a minha.

— Eu também precisava — disse ele. — Gostaria de poder trazê-la com mais frequência, Elizabeth. Você é uma excelente companhia.

— Obrigada, Sargento Delaney — disse brincando. — Agora que a primavera está chegando, vou ver se consigo encaixá-lo novamente na minha agenda lotada, uma hora dessas.

Wynn me deu uma piscadela e um sorriso, e fomos para casa.

Capítulo 10 – Plantando a Semente

— Acho que está na hora.

Fazia tempos que estava esperando que Wynn me dissesse essas palavras! Mal consegui conter os aplausos. Em vez disso, contive meu entusiasmo quase sufocando Wynn.

Ele riu quando o abracei.

— Se você não me deixar um pouco de ar... — disse ofegante —, não vou conseguir ajudá-la.

Então ele me abraçou novamente, antes que eu me afastasse rapidamente e começasse a agilizar os preparativos.

Era hora de plantar! Isso significava que o longo inverno havia acabado. Significava que eu podia novamente ficar mais do lado de fora. Significava que a nossa pobre dieta podia ser complementada com vegetais frescos. Eu mal podia esperar!

— Você escolheu um lugar? — Wynn me perguntou.

— Mais ou menos. Tem que ser um espaço aberto, pois não temos como arrancar árvores e, de qualquer forma, parece que as plantas crescem muito melhor onde podem receber bastante sol.

Wynn assentiu com a cabeça.

— Há uma pequena clareira ao sul da vila, mas é muito frequentada pelas crianças. Depois, há a pequena campina a oeste. Kip e eu vamos lá com frequência. É bonita, mas temo que possa ser um pouco baixa e úmida.

Wynn estava acompanhando cada palavra que eu dizia.

— Há, também, um grande prado a leste, mas os homens exercitam os cavalos por lá. O lago tem algumas áreas agradáveis ao redor, mas não acho que o veado e o alce deixariam as plantas em paz.

Parei para respirar rapidamente.

— Então, decidi que o melhor lugar que já vi até agora é aquela pequena clareira no riacho. A água se divide ali, e forma uma pequena ilha bem no meio. Tem que pisar em algumas pedras para

chegar, mas, quando a água estiver alta, as pedras ficam submersas, e a gente tem que ir rio acima e usar um tronco caído. Já viu a ilha? Parece que já teve uma cabana ali.

Eu estava quase sem fôlego quando terminei, mas fui recompensada por um largo sorriso de Wynn.

— Bom reconhecimento, Elizabeth. Ele me deu um tapinha de brincadeira. — Seus olhos são tão afiados quanto os de um índio. Boa escolha. Conduza o caminho.

Então, carregando a cesta com as amadas sementes, e Wynn com uma pá em cima do ombro, e Kip pulando ao nosso lado para supervisionar o projeto, seguimos, naquela manhã de sábado de primavera, descendo a trilha sinuosa que conduzia ao pequeno riacho.

Certamente havia muitos olhares curiosos acompanhando nossa passagem. *Eles deveriam estar se perguntando quem estávamos planejando enterrar, vendo Wynn com sua pá*, pensei, e não pude deixar de achar graça.

Quando chegamos ao lugar que eu havia selecionado, Wynn começou a trabalhar. Não foi fácil cavar, pois o solo estava denso, carregado de gramíneas e plantas. E eu estava certa, houvera uma cabana ali muito tempo atrás. Encontramos pedaços dos escombros enquanto Wynn cavava.

Eu ajudei a sacudir a areia dos torrões, enquanto Wynn os revirava. O solo era rico e promissor, e foi muito bom sentir a areia passando por entre meus dedos. Já estava conseguindo sentir o sabor de cenouras e batatas.

— Oh, oh! — Wynn exclamou enquanto virava uma pá cheia de areia com alguns objetos estranhos ali entrelaçados.

— O que é isso? — perguntei, curiosa porque ele havia parado para examinar os itens.

Wynn os virou com a mão, olhando cuidadosamente para cada objeto.

— Podemos estar mexendo em antigos tabus, Elizabeth — disse ele. — Esses são alguns objetos usados por um curandeiro.

Não conseguia seguir o raciocínio de Wynn. Balancei minha cabeça em perplexidade.

— Como assim?

— Não sei como esta cabana foi incendiada, ou quem era esse sujeito, mas tenho a sensação de que devemos descobrir antes de prosseguirmos — Wynn disse.

— Você está dizendo que... que...?

— Estou dizendo que este local pode ser outro dos tabus deles.

— Oh, oh! — deixei escapar dos meus lábios em um sussurro suave e suplicante. Eu certamente não teria feito algo mais para nos distanciar das pessoas da aldeia.

— O que devemos fazer? — perguntei para o Wynn, sentindo a cor se esvaindo do meu rosto.

— Não tenho certeza. Acho que vou procurar o LaMeche. Nós já reviramos o lugar, então é melhor eu ver quanto barulho isso poderá causar.

— Devo ir com você? — perguntei com a voz nervosa, pensando que a culpa tinha sido minha afinal, e eu deveria estar lá para assumi-la e desculpar Wynn.

— Não, não é preciso. Você pode esperar aqui, não devo demorar.

Dizendo isso, Wynn enfiou a pá no solo e começou o caminho para a aldeia.

Sentei-me na grama, olhando fixamente para a pá cheia de evidências, nervosa e agitada. Eu não sabia o que esperar, mas temia que algo viesse a acontecer. Será que os índios incendiariam nossa cabana, para vingar a perturbação de seu amado curandeiro?

Decidi me afastar um pouco mais. Encontrei um tronco caído a poucos metros, à sombra de um pequeno grupo de choupos que cresciam na pequena ilha, e ali me acomodei.

Os minutos pareciam se arrastar, mas na realidade não demorou muito até que Wynn estivesse de volta. Levantei-me quando o vi chegando, mas quando se aproximou, Wynn indicou que eu voltasse para o tronco, e sentou-se ao meu lado.

— Era mesmo um curandeiro que morava na cabana — mas ele não era popular entre os aldeões. Na verdade, ele veio de outra região e, pela força, assumiu a posição do feiticeiro médico — ou por conta de uma “magia” mais forte. Quase houve uma guerra na localidade por causa disso. O homem trouxe vários de seus seguidores, e eles se estabeleceram naquele grande prado.

Wynn apontou para o prado.

— Uma epidemia de algum tipo atingiu o acampamento deles. Os aldeões disseram que era devido à “magia” do legítimo chefe residente, que também era o feiticeiro da aldeia. Eles disseram que os deuses estavam mostrando quem realmente era o homem que deveria ter poder na aldeia. O curandeiro intruso também adoeceu e morreu com a febre. Alguns dos valente audaciosos, em um ato de desafio e vingança, cavalgaram e queimaram a cabana, com o corpo do homem dentro dela. Aqueles de seu povo que sobreviveram à doença foram embora apressadamente. Em seguida, os moradores tiveram uma grande celebração de vitória. Desde aquele tempo, ninguém jamais visitou a ilha. Estávamos certos — é um tabu.

— Oh, Meu Deus! — foi só o que consegui dizer.

— Olhe por esse lado, Elizabeth — Wynn disse com um sorriso —, você nunca vai precisar se preocupar com invasores em seu jardim.

— Oh, Wynn! — exclamei horrorizada por ele fazer piada sobre isto.

Wynn se levantou ainda rindo de seu comentário, caminhou para pegar a pá novamente e enfiá-la profundamente na terra, revirando outra pá cheia de solo rico e mais algumas relíquias indígenas.

— O que você está fazendo? — eu disse ofegante.

— Estou cavando um jardim para você.

— Mas...

— Qualquer dano que pudéssemos causar já foi feito. Nós podemos muito bem aproveitar o local do jardim.

— Tem certeza? — eu ainda estava hesitante.

— Mas é claro. Os índios deixam este local em paz porque tem medo dele — não porque o consideram sagrado.

Pensei a respeito. Eu certamente não tinha medo desse pedaço de terra, mesmo que um curandeiro tivesse vivido ali. Aquele lugar era, antes de tudo, a criação de Deus e o pedaço de terra de Deus. Se Ele escolheu me conceder um bom jardim aqui, então eu o aceitaria como de Suas mãos. Fui me juntar a Wynn.

Passamos o resto da manhã preparando o solo. Frequentemente nós sentíamos olhares ocultos nos observando por entre as árvores na outra margem do riacho. Tentamos não deixar que isso nos incomodasse e conseguimos continuar com nossa escavação.

“Vejam”, queria gritar para eles “não existe nenhuma maldição neste terreno. O poder do curandeiro não se compara ao poder do único Deus verdadeiro, que criou este solo e plantou essas gramíneas.” Mas não disse nada. Orei para que com o tempo pudesse provar isso para o povo.

Nesse ínterim, eu realmente sentia muito por termos colocado outra barreira entre as pessoas e nós, ainda que inadvertidamente. Queríamos muito ajudá-los, viver com eles, ser seus amigos, mas não podíamos por causa de todos os tabus religiosos daquele povo.

Quando o solo foi arado, o sol estava alto no céu. Fiquei de joelhos, enquanto Wynn cavava pequenas trincheiras para que eu colocasse as sementes. Regozijava quando cada semente caía, e eu acariciava o rico solo marrom sobre elas. Mal podia esperar que crescessem.

Wynn interrompeu meu devaneio.

— Eu pensei que precisaríamos construir uma cerca improvisada. Esse é o sinal habitual para os moradores de que este local tem propriedade e não deve ser perturbado, mas acho que não será necessário aqui, dadas as circunstâncias.

— Oh, Wynn — disse com um gemido. — Espero não ter criado algum problema para você.

— Não fizemos nada intencionalmente, Elizabeth — disse Wynn, endireitando-se e colocando a mão nas costas. Tinha sido um trabalho difícil. — Quem sabe, Deus pode usar isso para o bem.

— Oh, espero que sim.

Foi quase uma oração.

— Estive pensando — Wynn continuou —, talvez eu deva trazer os cães de trenó para cá. Isso me pouparia de pagar aluguel por aquele cantinho do LaMeche e lhes daria muito mais espaço. Onde estão agora, preciso manter as amarras tão curtas que eles dificilmente tem espaço para se mover. Aqui poderia acomodá-los em todo o seu jardim. Há espaço de sobra e isso impediria os animais de atacarem a plantação.

Pareceu-me uma boa ideia. Não tinha nada contra o plano de compartilhar minha ilha com os cães de Wynn.

— Não se esqueça de deixar bastante espaço livre para minha passagem — o adverti. — Não confio em alguns de seus cães.

Wynn riu e continuou.

— Há apenas um problema.

— O que?

— Kip.

— Kip? Por que ele é um problema? — fiquei intrigada.

— Você não poderá deixá-lo correr livre quando vier para o jardim. Ele sempre se mete em brigas.

Eu sabia que Wynn estava certo.

— Só terei que mantê-lo sob controle também, enquanto estivermos aqui — disse. — Ele pode se exercitar em outro lugar.

Bati no solo sobre as últimas sementes e me levantei. Nosso jardim estava feito. Agora só tinha que esperar e observar. A Mãe Natureza, a “força” de Deus faria o resto.

Capítulo 11 – Apresentações

Com os dias quentes da primavera, os mosquitos chegaram em enxames e as moscas negras também começaram eclodir e nos atormentar. Envolvia um pano na nuca sempre que ia para o riacho buscar água, trabalhar no meu jardim ou para exercitar o Kip. Mesmo assim era impiedosamente picada todas as vezes que saía da pequena cabana.

Entretanto, essas pequenas criaturas não eram suficientes para me manter dentro de casa. Eu saía tanto quanto conseguia inventar razões. Tinha ficado confinada tempo suficiente nos poucos metros de espaço da cabana, durante o inverno sombrio.

Encontrei motivos até para ir ao armazém. Agora que sabia algo sobre o mercador, tentei ser mais paciente e compreensiva.

Admito que foi difícil. O homem ainda era rabugento e hostil. Respondia de forma bruta quando falavam com ele e soprava a fumaça do cigarro na minha cara, sempre que chegava perto de seu balcão para acertar minha conta. Tentei não deixar que isso me tirasse a paz, mas às vezes era difícil manter o sorriso.

Eu ainda falava com as mulheres todas as vezes que tinha contato com elas. Eu não sei se foi apenas um pensamento positivo, mas estava começando a sentir que não se afastavam de mim tão rapidamente quanto no início. Talvez estivessem se acostumando com a minha presença entre elas.

Não se podia dizer que as crianças pequenas eram amigáveis, mas também já não se dispersavam com tanta rapidez. Às vezes nem mesmo corriam, apenas olhavam por um momento e então voltavam às suas brincadeiras.

Eu dificilmente poderia chamar isso de triunfo, mas com o sol a pino e algumas espigas promissoras brotando no meu jardim, não podia deixar de sentir felicidade em meu coração.

Wynn havia levado os cães para a ilha e sempre que eu ia arrancar ervas daninhas, também carregava restos de comida que juntava para alimentá-los.

Eles estavam começando a me receber com pequenos latidos de antecipação, e gostava de ser querida — até mesmo por cães de trenó. Descobri que alguns deles gostavam de ser acariciados, e me aventurei perto o suficiente para fazer isso. Eles realmente não eram um grupo tão ruim assim, se os comparasse individualmente.

Meu favorito era Flash, o cão líder, um irmão puro de Kip. Embora Flash não fosse tão bonito quanto Kip, ele certamente era um cachorro impressionante. Ele tinha ossos fortes, as pernas musculosas e fortes, o rosto era inteligente e seus olhos de um azul profundo e confiante. Eu acariciava Flash mais do que qualquer um dos outros e logo nos tornamos amigos próximos.

Eu gostaria que houvesse uma maneira de aproximar os dois irmãos cães. Certamente eles perceberiam que eram parentes e deixariam de lado todas as lutas por supremacia, mas quando mencionei a ideia para Wynn, ele riu.

— Não acredite nem por um minuto que isso possa acontecer, Elizabeth — ele me alertou. — Kip e Flash estão ambos determinados a liderar. Nenhum deles cederia nem um centímetro. Você veria a pior luta da sua vida.

Bem, eu tinha visto brigas de cães o suficiente desde que vim para o Norte e certamente não queria ver “a pior”, então mantive Kip bem longe do irmão.

Eu me senti um pouco culpada por fazer amizade com os cães de Wynn. Não tinha certeza de como devia tratar um cão de trenó. Conhecia muitos caçadores que lidavam com os cães deles com mão pesada e sem piedade ou nenhum amor. Eu sabia que Wynn não tratava os cães dele dessa maneira, mas como era que ele lidava? Será que eu poderia estragá-los com meu carinho e mimos? Decidi que seria melhor verificar com Wynn.

Certa noite, durante a refeição, toquei no assunto.

— Quando eu saio para o jardim, levo restos de comida para o meus cães.

Observei a reação de Wynn, e não vi nenhuma carranca.

Eu continuei:

— Eles realmente não são tão ruins.

— Claro que não — disse Wynn. — Nunca soube por que você tinha medo deles.

— Bem, eu realmente não os conhecia, não sei nem todos os nomes ainda.

Eu queria perguntar se iria estragá-los para o serviço se os acariciasse, mas Wynn se levantou da mesa.

— Que tal se eu a levasse para apresentá-los? — ele perguntou. — Se você deixar a louça, ainda temos tempo antes de escurecer.

Wynn sabia que raramente deixava pratos sujos, mas desta vez concordei.

— Está bem — assenti. — Você terá uma surpresa. — Estava ansiosa para mostrar a rapidez com que o jardim estava crescendo. — Você não vai acreditar! Com ou sem o Curandeiro, ainda acho que escolhemos o melhor local de toda a região para o nosso jardim.

Wynn riu e pegou seu prato e xícara e carregou para a bacia. Segui atrás dele e em pouco tempo a mesa estava limpa e eu estava pronta para ir.

Achava que os cães me recebiam bem quando eu chegava à ilha, e de fato recebiam; mas devia ter ouvido a algazarra quando viram Wynn! Cada cachorro clamava pela atenção de seu mestre, e Wynn os circulava, despenteando pelos macios e acariciando corpos que se mexiam da cabeça à cauda, enquanto se contorciam na ânsia de obter algum carinho. Fiquei admirada. Eu nunca mais me preocuparia em mimar os cães de trenó de Wynn.

— Este é o Flash — disse Wynn, enterrando o rosto no pelo grosso do cachorro, enquanto murmurava sons estranhos que só ele e Flash entendiam.

Eu conhecia o Flash.

— Ele é o melhor cão guia de todo o norte do país — Wynn seguiu falando. — Ele sempre seria o meu preferido, mais que qualquer outro. Ele dorme bem ao meu lado quando estamos na

trilha. Eu nunca o amarro. Nada se aproximaria de mim sem que o Flash me avisasse.

Eu nunca soube disso. Fiquei reconfortada ao saber que Wynn tinha Flash como “cão de guarda”. Senti uma nova apreciação pelo cão líder da matilha. Abaixei-me e acariciei sua cabeça enorme.

Seguimos em frente.

— Este é Peewee — disse Wynn, —, o único cachorro do grupo com quem Flash nunca precisou lutar para ensinar submissão. Peewee nunca questionou sua autoridade. Peewee é pequeno, mas ele é todo coração e força de vontade. Ele nunca desistiria enquanto tivesse um grama de energia restante.

Wynn se ajoelhou e pegou a cabeça do cachorro nas mãos. O animal resmungou, tinha estampada em seu rosto a mais profunda devoção.

— Peewee faria qualquer coisa que eu pedisse a ele — disse Wynn, —, ou morreria tentando fazer. Grande cachorrinho, não é, Peewee?

Senti um nó na garganta ao olhar para o pequeno animal. Com os olhos da minha mente, tive visões deste pequeno companheiro lutando bravamente para puxar sua parte da carga. Ele era menor do que o cão de trenó normal, mas se Wynn podia gabar-se dele desta maneira, então eu sabia que ele era digno de estar atrelado ao grande Flash.

— Esta é a Tip. Como você está, Tippy? — Wynn bagunçou o pelo da cadela, e brincou com as orelhas. — Ela adora ser elogiada, mas odeia ser repreendida. Temperamental, assim como qualquer mulher — na verdade, como muitas mulheres.

Wynn parou tempo suficiente para rir do próprio comentário e acariciar o pelo marrom escuro de Tip.

— Aqui está o Keenoo. Ele é meio-irmão do Flash. Observe algumas marcas iguais. Ele é o cachorro mais pesado da equipe. Conto com ele quando tenho uma carga pesada. Rapaz, como ele é forte! Poderia até superar o Flash — embora nunca o tenha testado. Mas o Flash é o mais inteligente. Apesar de seu tamanho, Keenoo odeia lutar, o que é incomum para a raça.

Wynn parou para acariciar o cachorro, que se empurrava contra ele, forçando o focinho com força na mão de Wynn.

— E este é o Franco. Eu não chegaria muito perto dele, pois é o menos amigável do grupo. Franco me deixa acariciá-lo sem exageros, mas não tem facilidade para aceitar os outros.

Franco soltou um rosnado profundo enquanto seus olhos estavam focados no meu rosto. Então, ele se virou para Wynn e balançou a cauda muito suavemente. Wynn passou a mão na cabeça de Franco, e conversou com ele, assim como fez com cada um dos animais, e então seguimos em frente novamente.

— Por que você fica com ele? — eu o questionei, preocupada com a diferença do temperamento do último cachorro.

— Ele é um bom trabalhador — disse Wynn, —, e ele nunca causou problema. Franco é o primeiro a começar uma briga e o Flash tem que dar um jeito nele de vez em quando, mas então, Franco se acalma e faz seu trabalho quando é necessário.

Eu me virei para observar Franco mais uma vez, e encontrei seu olhar atento ainda fixos em mim. Foi um pouco desconcertante. Perguntei-me se o cão estava com ciúmes da minha presença junto ao Wynn.

— Ele parece estar enfezado — comentei.

— Essa é uma boa maneira de descrevê-lo — Wynn disse rindo. — Ele certamente parece estar enfezado.

Havia mais dois cachorros para ver. Eles gemiam e puxavam as amarras, ansiosos para que Wynn chegasse até eles.

— Este é Morley. Ele é meio comum, eu acho, mas trabalha bem e se esforça, não é, Morley? Ele tem orelhas extraordinariamente sensíveis. Morley é geralmente o primeiro a me alertar se algo ou alguém está na área. Algumas vezes ele é afobado demais, e rosna por causa de um rato numa moita a quinze metros de distância.

Eu sabia que Wynn estava exagerando propositalmente, mas nós dois rimos.

— É difícil dormir às vezes, com o Morley por perto numa trilha — continuou Wynn —, mas uma ou duas vezes eu fiquei grato pelo seu aguçado sentido de audição.

Wynn parou para afagar Morley.

— E por último, esta é Revva, a outra fêmea. Estou pensando em usá-la para criar alguns filhotes. Tendo Revva como mãe e Flash como pai, acho que poderia conseguir cães de trenó de primeira qualidade. Veja seus olhos inteligentes e sua cabeça larga. Veja os ombros fortes e peito profundo. Ela tem muita resistência na trilha — algo muito importante para um cão de trenó. Odiaria perdê-la no trenó, mas acho que ela seria ainda mais valiosa para mim criando filhotes.

Wynn se abaixou para passar a mão no dorso sedoso de Revva. Ela empurrou o corpo contra a mão de Wynn, implorando por mais atenção. Eu me inclinei para acariciá-la também, e recebi uma lambida, para que eu soubesse que ela gostava das minhas carícias.

— Então, agora você conhece todos eles — disse Wynn, ainda acariciando Revva. — O único de quem não deve se aproximar muito é o Franco. Deixe-o em paz — pelo menos por enquanto.

Eu concordei. Certamente não pressionaria Franco, mas havia, no mais profundo do meu ser, um desejo de conquistar a amizade até mesmo daquele cachorro hostil. Eu iria devagar e com calma, mas sabia que iria tentar.

— Já acariciei Flash, Peewee e Revva— admiti, um tanto hesitante.

— Isso é bom — disse Wynn. — Eles gostam de muito amor e atenção.

Soltei minha respiração. Então não tinha feito nada de errado ao paparicar os cães de trabalho. Os cachorros, assim como as pessoas, precisam de absoluta garantia de que eram amados e apreciados. Wynn sabia disso, e os tratava dessa forma também.

Inclinei-me para dar um último carinho em Revva. O sol havia nos deixado.

O crepúsculo se infiltrava ao nosso redor, envolvendo-nos em um confortável manto de maciez. Os sons da noite começaram a permear o ambiente. Mais além, no bosque, um alce soltou um berro desafiador, ou um chamado de amor, eu não sabia qual. Uma coruja guinchou fazendo soar um alarme à direita de onde estávamos. À distância, um lobo ergueu o focinho para o céu e despejou sua melancolia em um longo, penetrante e solitário uivo. Revva estremeceu sob minha mão.

— Ela não tem medo de lobos, tem? — perguntei a Wynn. Eu ainda estremezia sempre que ouvia um deles.

— Não — disse Wynn. — Não acho que seja medo. Ela tem um parentesco muito próximo com aquele lobo para ter medo dele. Talvez seja apenas a parte ‘selvagem’ nela que está respondendo.

Eu acariciei a cadela. Revva choramingou, mas não se afastou da minha mão.

— Sente-se sozinha, garota? — perguntei a ela baixinho. — Gostaria de ser livre, para vagar com sua própria espécie? É um namorado que você ouve chamando?

Revva lambeu minha mão e abanou o rabo, empurrando seu corpo contra mim.

— Só estou querendo confirmar — eu disse. — Mas fico feliz em saber que você prefere ficar conosco.

Dei-lhe um último carinho, e me levantei para acompanhar Wynn.

Capítulo 12 – Verão

Já estávamos desfrutando de alguns vegetais da nossa horta, que resolveram brotar mais cedo. Wynn estava certo. Como a matilha de cães estava presa naquele local, não éramos incomodados por coelhos ou roedores. Os vegetais estavam livres para crescer ao sol quente do verão, livre de predadores.

Quando o verão ficou excepcionalmente quente e seco, até mesmo os mosquitos irritantes diminuíram. Estava muito seco para que pudessem eclodir.

Cerca de três vezes por semana eu ia ao jardim com meu balde de água e passava a maior parte da manhã regando as plantas. Era um trabalho difícil, mas recompensador. Com a água com a qual regava, o calor do sol, e minhas palavras de encorajamento, elas prosperaram.

Eu ansiava por compartilhar meu jardim assim que algumas das plantas estivessem grandes o suficiente. Eu levei alguns vegetais para Louis LaMeche, o comerciante, primeiro. Ele aceitou a oferta com uma carranca, sem ao menos um muito obrigado.

Decidi, então, compartilhar algumas das minhas cenouras com as mulheres indígenas. Tinha certeza que uma vez que provassem, iriam querer mais. Foi difícil encontrar uma mulher de quem pudesse me aproximar o suficiente até mesmo para oferecer os produtos. Quando me viam chegando, elas ou caminhavam na direção oposta ou então entravam em suas cabanas.

Por fim, encontrei uma jovem que não conseguiu me evitar. Entreguei a ela o pequeno cacho de cenouras recém-tiradas, explicando que agregavam muito sabor ao guisado. A jovem pegou as cenouras e foi embora. Fiquei observando ansiosa, mas assim que a moça pensou que eu não estaria mais olhando, jogou-os num arbusto ao lado da trilha, e enxugou a mão na saia. Com aflição, percebi que ainda tinha um longo caminho a percorrer para fazer amigos aqui.

Precisávamos desesperadamente de chuva. Wynn estava começando a ficar preocupado. A floresta estava ficando muito seca. Animais estavam sendo obrigados a sair para áreas abertas à procura de comida. O chão da floresta estava rachado sob os pés. Nosso pequeno riacho estava apenas cerca de metade do tamanho normal.

Eu não sabia o suficiente sobre esta parte do país para ter preocupação baseada em conhecimento, mas podia ver as linhas de preocupação marcarem a testa de Wynn, enquanto ele olhava para o oeste na esperança de detectar nuvens de chuva, e eu sabia que a falta de chuva era um problema real.

Podia ver os índios olhando para o céu também, e até os ouvi falando em vozes baixas e assustadas enquanto passava. Logo, comecei a notar novamente olhares em minha direção e os índios meneando a cabeça, e soube que, no pensamento deles, a falta de chuva e a cara pálida estavam de alguma forma conectados, e isso me deixou preocupada.

Um dia, enquanto passava pela trilha até o jardim, ouvi as palavras, “mau presságio” e vi o movimento do queixo em minha direção enquanto eu passava. Sabia que estavam falando de mim.

Queria ficar, para ouvir mais, mas me obriguei a continuar caminhando. Durante todo o tempo em que estive no jardim, eu orei. Mal sabia o que dizer em minhas orações. Os fatos estavam todos tão dispersos, como eu os via, mas continuei orando, confiando que meu Deus sabia muito mais sobre as circunstâncias do que eu.

— Senhor — eu disse —, realmente não entendo o que está acontecendo aqui. As pessoas da aldeia estão muito envolvidas em suas crenças pagãs. Eu não sei como ajudá-las, Deus, mas não quero ser culpada de afastá-los ainda mais de Ti. Está tudo atrelado a esta horta e ao fato de termos plantado aqui. Agora temo que eles pensem que a chuva não está caindo como uma punição para mim, e que todos eles e os animais da floresta, terão que sofrer por causa disso. Eu não quero isso, Senhor. Não sei o que fazer para resolver esse dilema. Precisamos de chuva. Wynn está preocupado com isso. Senhor, não sei nem mesmo o que Te pedir, mas se puderes

transformar meu erro em algo de bom, eu ficaria muito grata. Certamente, a coisa sensata para mim parece ser que o Senhor mandasse a chuva, que iria regar o solo, reabastecer o suprimento de comida para os animais e encher nosso riacho novamente. Ajudaria com nosso problema com os aldeões também, para que entendessem que eu realmente não tive nada a ver com a seca. Mas deixo tudo em Suas mãos, Deus. Ajude-me a ser paciente e a fazer as coisas do Seu jeito. Eu não posso esclarecer essa história sozinha. Obrigada, Senhor, por me ouvir. Amém.”

Acho que esperava ver uma *“nuvem do tamanho da mão de um homem”* quando ergui meus olhos para o céu, mas não havia nenhuma. Percorri os olhos pelo céu em todas as direções, que permanecia brilhando fortemente com o sol.

Eu tinha orado por paciência, pois sabia que ia precisar dela nos dias que viriam pela frente.

Então, minha alma foi preenchida por uma estranha paz. Eu não sabia quando ou como, mas tive a certeza de que Deus tinha ouvido minha oração e ia agir em meu nome.

Saí da horta e corri para casa. Não queria ficar encharcada no caminho, eu acho. Quando cheguei à nossa cabana, me debati com o barril de chuva vazio até conseguir posicioná-lo corretamente sob a calha em nosso telhado. Não tínhamos colocado água naquele barril desde o início da primavera. Na verdade, ele havia secado a tal ponto, que não tinha certeza se seguraria água. Ainda assim, o posicionei, sentindo, ao fazê-lo, muitos pares de olhos curiosos sobre mim.

— Espero que Wynn tenha levado a capa impermeável — disse para Kip que estava assistindo preguiçosamente minha atividade. — Ele pode estar encharcado quando chegar em casa.

Kip bocejou e apoiou a cabeça nas patas. Estava claro que o cão não estava impressionado.

— Espere — disse a ele. — Espere e verá.

Posso ter falado baixinho com o cachorro diante de mim, mas em meu coração sabia que as palavras eram de fato direcionadas às mulheres que espiavam por entre os galhos, observando

sorrateiramente para ver o que a louca “cara pálida” estava fazendo agora.

Wynn voltou para casa, muitas horas depois, tão seco quanto havia saído pela manhã. Não havia caído nem ao menos uma gota.

— O que há com o barril de água? — ele me perguntou, e eu senti meu rosto corar. Não adiantava tentar ser evasiva, então decidi contar a Wynn exatamente o que havia acontecido.

— Não posso explicar — eu disse honestamente —, mas quando estava orando esta manhã, pedindo a Deus para ajudar a quebrar a barreira entre as pessoas, senti fortemente que Ele iria responder à minha oração.

Os olhos de Wynn se fixaram nos meus, mas ele não me questionou.

— Wynn — continuei —, você sabe que eles estão culpando a mim e a minha horta pelo fato de não ter chovido?

— Eu ouvi pequenos fragmentos de boatos — disse Wynn.

Surpresa por ele ter guardado para si mesmo, perguntei:

— Por que não me contou?

— Que bem teria feito? Só teria servido para chateá-la. De qualquer maneira, não há nada que possa ser feito para resolvermos esse problema.

Sabia que Wynn estava certo. Eu não podia fazer nada, e só teria me deixado preocupada.

— Mas, continue — instigou Wynn —, você estava me falando sobre sua resposta à oração.

— Bem, eu apenas me senti tão certa... tão em paz, que eu... eu... achei que Deus faria algo a respeito. Tenho certeza que Ele vai mandar chuva.

Wynn sorriu e sussurrou:

— Bem, louvado seja Deus.

Então ele olhou de volta para o barril frágil.

— Não tenho certeza de quanto esse pobre e velho barril aguentará, não importa o quanto chova, Elizabeth.

— Eu realmente não me importo — eu disse. — Eu só... Eu só... bem, queria que Ele soubesse que eu acreditava nEle, só isso.

Houve alguns momentos de silêncio, enquanto Wynn e eu olhávamos profundamente nos olhos um do outro. Então ele deu um passo à frente e colocou uma mão no meu braço.

— Pegue alguns trapos velhos, Elizabeth, que eu vou pegar o piche, e nós vamos tapar esses buracos o melhor que pudermos — disse Wynn.

Com um sorriso, fui fazer o que Wynn havia pedido.

Trabalhamos juntos no barril. Algumas das rachaduras estavam muito grandes. Não tínhamos certeza se iria reter água mesmo quando terminássemos com ele. Todo o tempo que trabalhamos, podíamos sentir os aldeões nos observando.

Quando fizemos o melhor, posicionamos mais uma vez abaixo da calha, certificando-nos de que a prancha pregada ao longo do telhado estava inclinada corretamente para que a água corresse em direção ao barril, e depois entramos para jantar.

Esperei ouvir chuva a noite toda. Mesmo no meu sono, meu ouvido estava sintonizado. Não choveu. De manhã eu tinha certeza que iria acordar vendo o céu nublado, mas o sol brilhava intensamente na minha pequena janela.

Kip e eu saímos da aldeia pelo nosso caminho costumeiro. Eu saudei mulheres e crianças ao longo do caminho. Eles passaram por mim com olhos baixos e olhares de reprovação. Eu orei em silêncio e olhei para o céu, esperando ver aquela pequena nuvem. O céu estava sem nuvens, o sol forte já estava reluzente.

— Não entendo, Senhor — sussurrei.

— *Seja paciente* — ouvi a resposta interior.

— Senhor, me dê paciência! — eu clamei. — Eu nunca fui paciente, o Senhor sabe disso.

— *Então confie em Mim* — disse a voz interior. — *Você sempre confiou.*

— Senhor, eu confio em Ti, confio em Ti completamente.

Eu sabia, assim que proferi aquelas palavras, que elas vieram de um coração sincero. Eu confiava nEle!

E eu confiava! Podia não entender Suas obras, mas confiava em Sua forma de agir.

Capítulo 13 – Pânico

Durante todo aquele dia esperei pela chuva, mas nada aconteceu, não havia nenhuma nuvem no arco azul acima de nós.

Naquela noite, fiquei acordada novamente durante a primeira parte da noite. Não havia sinal de que um vento estava surgindo para trazer uma tempestade. Por fim, o puro cansaço me chamou para dormir.

Na manhã seguinte, o sol já estava alto, enviando tremulantes ondas de calor de volta da terra. Aquele prometia ser um dia ainda mais quente que o dia anterior. Rachaduras apareciam no solo onde a terra sedenta há muito perdera toda a umidade.

Peguei Kip e fui para a horta, conversando com Deus no caminho até lá.

— Senhor — expliquei. — Este balde na minha mão não significa que eu não confio em Ti. Sei que vais responder minha oração. Trazer chuva parece a maneira lógica de fazer isso, Senhor... mas pode não ser. No entanto, nesse momento tenho minha horta, que o Senhor abençoou com fartura. Eu acho que Tu esperas que eu faça a minha parte, então vou continuar a regá-lo, Senhor, até que o Senhor diga que essa não é Sua vontade.

Amarrei Kip em um arbusto bem longe dos outros cães, e passei a colher água do fluxo decrescente para dar bebida para as plantas sedentas.

Mesmo com meus tratamento cuidadoso, era evidente que as plantas também estavam sofrendo com a seca. Eu as regava, mas não podia fazer por elas o que apenas uma boa chuva enviada por Deus poderia fazer.

Eu vi as plantas decaídas, e sabia que não clamavam apenas por gotas de umidade, mas por um bom encharcamento da terra.

Carregar a água era um trabalho árduo. Levantei-me para descansar e olhei novamente para cima. O céu a oeste estava claro e brilhante. Em direção ao sul estava uma névoa tão deslumbrante, que eu não conseguia nem olhar para ele sem apertar os olhos.

Virei-me em direção ao norte — céu também sem nuvens. E então, por hábito, olhei em direção ao leste.

Havia uma nuvem estranha no leste. Meu coração deu um pulso. Nossa chuva viria do leste em vez do oeste ou norte, como de costume?

Sorri para mim mesma. Não era típico do Senhor fazer algo fora do comum para que não houvesse dúvida que estava vindo das mãos dEle?

Olhei mais atentamente para a nuvem. Levantava-se em estranhas e ondulantes baforadas marrons e cinzas. Parecia estar se originando na terra, não o céu. Não conseguia entender.

Continuei regando as plantas até minhas costas doerem tanto que não conseguia fazer mais nada. Encharquei a terra, despejando balde após balde. Kip choramingou, olhando para mim, deixando bem claro que, em sua opinião, eu realmente estava indo ao extremo.

— Eu sei — disse a ele. — Está ficando tarde, mas elas estão com muita sede. Parecem estar implorando por mais. Eu já vou. — E continuei a derramar mais água.

Quando saí da horta, grande parte do céu oriental estava sob a nuvem estranha. Kip resmungou em minha direção, e puxou a coleira, pois tinha pressa de voltar para casa.

Tinha gente em todo o lugar para onde eu olhava no momento em que entrei na aldeia. Estavam todos examinando o céu a leste, apontando e exclamando agitados uns para os outros. Meneavam a cabeça e tagarelavam nervosamente, mas quando me viram, se afastaram rapidamente, deixando o caminho totalmente aberto para mim.

Eu estava quase chegando na nossa cabana quando ouvi crianças gritando: “Fogo!” — gritaram um para o outro. “Fogo vindo!”

Olhei para a direção leste novamente e fui atingida pelo significado das palavras Fogo! Claro que era fogo.

Fui dominada pelo pânico. Eu pessoalmente nunca tinha vivido a experiência de um incêndio florestal, mas se o pouco que tinha

ouvido fosse verdade, estávamos todos em um perigo mortal.

Empurrei Kip para dentro da cabana e fechei a porta atrás dele. Em seguida, levantando minha saia, fui correndo até o armazém.

— Oh, meu Deus — orei —, se ao menos Wynn estivesse aqui, ele saberia o que fazer.

Mas Wynn não estava na aldeia. Pelo que sabia, estava a muitas milhas a oeste. Havia partido no dia anterior, em uma viagem que levaria três ou quatro dias. Ele carregara muitas provisões, se fosse o caso de ser detido além do terceiro ou quarto dia. Eu sabia que Wynn não chegaria em casa a tempo de nos dizer o que fazer.

Quando cheguei ao armazém, o comerciante já estava do lado de fora, cercado por muitos aldeões nervosos e falantes. Todos pareciam falar ao mesmo tempo e o Sr. LaMeche tentou silenciá-los e mantê-los sob controle, mas dava para sentir que o homem estava tão preocupado quanto nós.

Quando me viu, fez menção com a cabeça em direção à porta do armazém, e eu entendi que ele queria falar comigo em particular.

Assim que desvencilhou-se do povo, o índio entrou. Juntei-me a ele no balcão, com aparente agitação na minha pergunta feita em tom ofegante:

— Isso é um problema sério?

Meu nervosismo tornou ainda mais limitada minha compreensão do dialeto indígena, mas até sem entender a resposta eu compreendi que considerava que era algo sério.

— Está vindo nesta direção? — perguntei em seguida.

— Sim — foi tudo o que ele disse.

— Em quanto tempo?

— Difícil dizer. Se o vento começar a soprar, pode chegar mais rápido. Se chover... — ele deu de ombros.

Chuva! Agarrei-me a esta palavra. Chuva! Claro. Por que não pensei nisso? Deus estava usando o fogo para chamar a atenção de todos antes de mandar a chuva. Eu sorri e me virei para o Sr. LaMeche.

— A chuva pode parar esse fogo?

O índio me encarou com olhar intrigado. Sabia que ele devia achar que eu estava meio louca. No entanto, ele me respondeu:

— Boa chuva, sim. Se vier logo.

— Bom — respondi, e comecei a contorná-lo para sair pela porta.

— Sra. Delaney — ele me interrompeu —, se a chuva não vier logo... muito em breve... toda a aldeia será queimada. Não podemos parar um incêndio, não temos com que lutar. Só podemos correr — ou fritar como galinhas.

Detive-me tempo suficiente para absorver as palavras, então perguntei lentamente:

— Correr para onde?

— Não sei — respondeu ele e seus ombros cederam.

Queria dizer a ele para não se preocupar, para ser paciente e confiar em Deus, mas não sabia como dizer as palavras na língua indígena ou francês, então apenas sorri novamente e saí pela porta.

Eu olhei em direção ao oeste. Certamente as nuvens de chuva teriam que se mostrar agora. Não restava muito tempo. Mas o céu estava ainda claro. O cheiro de fumaça estava pesado no ar, e eu era inteligente o suficiente para saber que o cheiro não vinha dos fogos das cozinhas.

À minha volta, as pessoas circulavam com o semblante preocupado e assustado.

Havia poucos homens na aldeia. Todos eles haviam partido quatro dias antes, para participar de um banquete e dança da chuva em outra aldeia, que ficava a dois dias de distância dali. Agora tínhamos apenas aqueles que estavam doentes, os velhos, ou também jovens demais para participar de eventos masculinos. Não era um pensamento reconfortante.

Olhei para as mulheres nervosas. Crianças choravam agarradas às saias de algumas delas. Crianças mais velhas se reuniram em grupos, apontando para o céu e cochichando muito alarmadas.

Agora eu sabia que o fogo estava muito mais perto. Decidi ir correndo até a clareira onde poderia ter uma visão melhor do fogo.

Era ainda pior do que eu temia. Todo o céu oriental parecia ser uma nuvem de fumaça fervente. Conseguíamos ouvir o crepitar das chamas, e o estalidos, quando grandes pinheiros se partiam ao meio com a intensidade do calor. Detritos ofuscavam o sol, e o vento, que parecia vir de lugar nenhum, os carregava para plantar novas fogueiras, abrindo caminho para o gigante em chamas saltando atrás deles.

Eu olhei mais uma vez para o céu. Não choveu.

— Pai — orei com minha voz falhando —, não entendo o que está acontecendo, mas confio em Ti. O que eu faço agora?

Quando levantei minha cabeça, avistei duas carroças vazias.

Wynn as havia deixado ao lado da pequena clareira. No curral ali perto, pisoteavam os cavalos que puxavam aquelas carroças, com os olhos virando de um lado para o outro com medo, as narinas dilatadas enquanto bufavam por causa do cheiro desagradável de fumaça. Agarrando a saia com a mão, corri em direção ao armazém.

Sem esperar que o Sr. LaMeche dissesse alguma coisa, lancei uma ordem na direção dele.

— Ponha arreios nos cavalos e enganche nas carroças. Eu vou atrás dos condutores.

Eu nem esperei para ver se ele iria seguir a ordem, mas me virei, e continuei correndo.

Um grupo de mulheres assustadas estavam paradas no sendeiro.

— Preparem-se para partir — gritei para elas. — Juntem tudo o que conseguirem e coloquem nas costas, e depois vão para o lago — eu disse, gesticulando para enfatizar minhas palavras.

As mulheres ficaram me olhando. Eu sabia que tinham entendido minhas palavras indígenas — essa não era a razão por que estavam hesitantes. Era por causa de quem eu era que elas me questionavam. O pensamento me enfureceu.

— Andem! — gritei na direção das mulheres. — Façam o que eu digo!

No pânico do momento, elas agiram de acordo com minhas palavras e se dispersaram para obedecer a minha ordem.

Corri em direção a um grupo de meninos amontoados e peguei os dois que em minha estimativa, era mais provável que fossem de ser capazes de lidar com cavalos.

— Você e você — eu disse, puxando-os para frente —, vão correndo até os currais e ajudem o comerciante a encilhar os cavalos. Quando os animais estiverem atrelados às carroças, passem por toda a aldeia e reúnam todos os que não podem andar; depois vão para o lago.

Eles apenas ficaram me encarando, com os olhos arregalados de medo e hesitação.

— Vão! — eu disse, dando-lhes um pequeno empurrão na direção certa.

Eles começaram a correr hesitantes em direção ao curral.

— Corram! Rápido! — gritei e eles correram.

Eu me virei para o resto dos meninos.

— Digam a todos na aldeia para pegarem o que puderem e correrem para o lago. Rápido! Não temos tempo! Todos! Aqueles que não puderem correr vão nas carroças. Corram!

Os meninos se dispersaram, e eu podia ouvi-los gritando os alertas e as ordens conforme corriam.

Logo toda a aldeia estava cheia de atividade, as pessoas correndo para o lago com sacos recolhidos às pressas nas costas. Mães amontoavam crianças e as mandavam correndo na frente; então, pegavam os menores e corriam atrás deles.

Observei por apenas um momento e depois me virei e corri para os currais. LaMeche já estava com os animais encilhados e engatados aos dois vagões. Cada menino recebeu uma carroça para conduzir.

Não foi uma tarefa fácil, especialmente para meninos tão jovens e sem experiência, conduzir os animais. Os meninos pareciam tão assustados quanto os cavalos, que pinoteavam e empinavam,

pisando nos fragmentos enquanto meneavam as cabeças ao som do fogo que se aproximava.

— Vá rápido pela aldeia — gritei para um deles acima do rugido e crepitar. — Pegue todos os que não conseguem andar.

Sr. LaMeche olhou para mim, enquanto tentava segurar as rédeas do outro par de cavalos. Os animais queriam fugir e o comerciante estava com dificuldade para mantê-los sob controle.

Peguei as rédeas frouxas e segurei firmemente a parelha.

Eu nunca tinha lidado com cavalos antes e este não era o momento adequado para aprender, mas não via outra opção.

— Vá com ele — gritei para LaMeche. — Pegue o que você puder da Sede, então veja se todos foram embora.

Ele não largou os cavalos, mas ficou questionando meu comando.

— Vá! — eu gritei. — Não temos tempo!

Sr. LaMeche correu, então os cavalos empinaram no momento em que ele largou os arreios. Por um momento, tive medo de não conseguir segurá-los. Eles coiceavam descontroladamente, mordendo as rédeas em minhas mãos. Bati com a rédea no flanco do alazão, e pareceu ser o bastante para que os cavalos recobrassem a consciência.

Correndo atrás deles, consegui de alguma forma levá-los ao local onde ficava nossa cabana. Jamais saberei como, exceto pelo fato de que Deus estava comigo, pois de alguma forma consegui prender a parelha à nossa carroça. Pensei em nossos poucos pertences na cabana e me questionei como seria capaz de controlar os cavalos e pegar algumas poucas coisas.

Eu ainda estava pensando quando uma jovem índia apareceu.

— Eu seguro! — ela gritou. — Você pega panelas para cozinhar.

— Não — gritei de volta. — Não espere. Leve-os para o lago. Leve a carroça para dentro da água. Você entendeu? Leve-os para o lago.

A moça assentiu e então, coiceando descontroladamente, os cavalos andaram, a mulher gritando para os animais, insistindo para que seguissem. A carroça estava pesada, mas os cavalos saíram da aldeia a galope, costurando por entre as cabanas e as árvores que havia ao redor.

Não fiquei ali para vê-los partir, pois Kip ainda estava na cabana.

Corri para a porta e abri para ele.

— Corra! — eu gritei para ele. — Corra para o lago.

Mas Kip se levantou protestando, recusando-se a sair sem mim.

Eu esperei apenas tempo suficiente para rapidamente agarrar qualquer coisa à minha volta que minhas mãos pudessem tocar. Enquanto puxava as coisas da parede ou dos armários, as jogava sobre os cobertores da nossa cama. Em seguida, embrulhando tudo em uma grande trouxa, eu coloquei-a sobre meu ombro, e Kip e eu partimos para o lago o mais rápido que podíamos.

Agora o ar estava pesado com o cheiro de fumaça e eu mal podia respirar com a intensidade. Cheguei ao riacho e o cruzei. Minha garganta estava seca e meu peito queimava a cada respiração. Estava com medo de que não fosse conseguir. Atrás de mim podia ouvir o crepitar do fogo.

Virei-me uma vez para olhar para trás. O fogo já havia atingido o vilarejo. Eu vi as labaredas vermelhas crepitando mais alto, enquanto saciavam sua fome nas casas da aldeia.

— Oh, Deus! — eu gritei. — Que todos estejam no lago. Por favor, Deus, que eles estejam no lago!

E então meu grito mudou:

— Ajude-me a chegar até lá, Deus. Ajude-me a chegar!

Joguei de lado o fardo volumoso que estava carregando, para que pudesse correr mais rápido. Todas as necessidades para nossa vida estavam naquela trouxa, mas não parei para lamentar. Não tinha tempo.

Peguei minhas saias, que estavam pesadas por terem molhado no riacho e corri.

As mãos de alguém me alcançaram na escuridão. Uma voz me incentivava enquanto eu corria, e então senti o misericordioso frescor do lago. Eu caí de joelhos, enquanto a escuridão me tragava. Meu último pensamento foi: *“Obrigada. Eu consegui.”*

Capítulo 14 – Reviravolta

Alguém estava jogando água na minha cabeça. A água era fria. Estremeci e lutei para me endireitar. Eu estava no lago. Havia muitas pessoas ao meu redor. Elas deviam estar se lamentando e andando de um lado para o outro, mas não estavam. Havia um silêncio mortal.

À minha frente pude ver as três carroças. Todas tinham água quase até a caixa do vagão, e na frente de parelha alguém segurava as cabeças dos cavalos. Eles ainda bufavam e agitavam as cabeças, com os olhos assustados refletindo as chamas do fogo atrás de nós.

Podia ver nossos pertences ainda sob a lona, empilhados no alto de uma das carroças. Outra estava cheia de artigos que não pude distinguir através da fumaça e escuridão, e a terceira abrigava pessoas silenciosas. De vez em quando, alguém descia da carroça para mergulhar no frescor da água e depois subia lentamente de volta para a carroceria. Perto dali, as pessoas usavam panelas ou baldes para mergulhar a água e espirrar sobre eles mesmos ou uns nos outros.

Não tinha percebido o quanto estava quente até ponderar sobre o fato de estarem jogando água. Era uma sensação estranha. A água estava tão fria — o ar tão ardente. Mergulhei minha cabeça debaixo d'água novamente e estendi a mão para espremer um pouco da água do meu cabelo bagunçado.

Atrás de nós estava o rugido e crepitar das chamas. Eu não queria me virar e olhar para a aldeia, mas não consegui resistir. Virei lentamente, mas uma mão em meu braço me parou.

— Não devia olhar — disse uma voz familiar, e percebi que o Sr. LaMeche, o mercador, estava ao meu lado.

Não pude evitar meu olhar para trás.

As chamas haviam tomado toda a aldeia e estavam se movendo rapidamente em direção ao riacho. Era o único obstáculo agora entre o fogo e o lago. Meu rosto já parecia estar queimando

por causa do calor, e o fogo estava a quase oitocentos metros de distância.

Eu olhei de volta para LaMeche.

— Estamos seguros? — perguntei a ele.

— Quem pode saber? — respondeu ele. — Mas se não estamos seguros aqui, não estaremos seguros em lugar nenhum.

O lago era nossa única esperança. A água deveria nos livrar de queimaduras graves, mas ainda haveria ar para respirarmos?

Eu mergulhei novamente.

— Pegamos todo mundo? — perguntei a LaMeche.

— Acho que sim — foi a resposta dele.

— Graças a Deus! — chorei e as lágrimas quentes correram pelo meu rosto para se misturar com a água fria do lago.

Perto de mim, uma criança chorava. Eu me movi na penumbra.

A mãe estava exausta de carregar o filho.

— Aqui — eu disse —, deixe-me segurá-lo para você.

Ela largou a criança e com minha mão eu encharquei cuidadosamente o cabelo e rosto do garotinho, que se contorceu descontente, mas o segurei com firmeza.

— Está se aproximando — ouvi uma garotinha assustada dizer, e então olhei para as chamas.

Entreguei a criança para LaMeche e estendi a mão para ajudar uma senhora idosa. Por um momento, ela perdeu o equilíbrio depois de mergulhar no lago, e se debateu nas águas geladas. Ela murmurou no instante em que recobrou o equilíbrio, e me voltei para LaMeche.

— O riacho vai parar o incêndio? — eu perguntei, mas no meu coração eu já sabia a resposta.

— Não — respondeu ele. — O vento sopra forte, o riacho está muito seco. O fogo vai pular como se não estivesse lá.

Comecei a orar novamente. Ainda não havia chuva, embora não conseguisse ver o céu por causa da fumaça ondulante ao nosso redor.

Procurei pelo Kip. Em meio a minha preocupação com as pessoas, tinha esquecido dele. O cãozinho estava perto de mim, na água, mantendo apenas o nariz e os olhos acima da superfície.

Então percebi que Kip não era o único animal no lago.

Aqui e ali havia outros cães e criaturas da floresta, que foram expulsos de suas casas pelas chamas. Uma raposa boiava, não mais de um metro e meio de distância de onde estávamos, e logo mais atrás dela, apareciam os chifres de um cervo. Coelhos, relutantes em entrar na água, corriam em pânico ao longo da costa.

Pensei então nos cães de trenó de Wynn, que estavam amarrados na pequena ilha! Se o riacho não conseguisse deter as chamas furiosas, todos os cães seriam queimados vivos! Comecei a chorar, e para recobrar meu autocontrole, mergulhei minha cabeça na água e fiquei lá até que tive que arquejar para respirar.

As chamas estavam quase chegando às margens do riacho quando uma coisa estranha aconteceu. Acho que todos nós vimos, mas ainda assim, nenhum de nós podia realmente crer no que estávamos vendo.

Em um momento, o fogo estava se dirigindo diretamente para nós, o vento transportando fagulhas e pedaços de galhos carbonizados voando através do ar, e então no momento seguinte, o vento mudou completamente a direção, e as chamas estavam sendo empurradas para o outro lado, voltando-se novamente para a área que já havia sido consumida.

Nós assistimos sem acreditar. Isso era possível? Será que o vento mudaria novamente em outro momento? Ousaríamos ter esperança? Será que conseguiríamos?

Ainda enquanto observávamos, o fogo perdeu um pouco de sua ferocidade, pois naquele lugar não havia mais nada que o alimentasse. Embora as labaredas ainda soltassem faíscas das árvores em chamas e troncos das casas da aldeia, o fogo agora queimava mais lentamente, e o mais importante, os vapores letais e o ar sufocante foram soprados para longe de nós e o vento trouxe ar fresco para nossos pulmões que estavam explodindo.

Foi então que ouvi o latido de cães. A matilha de Wynn estava viva! Eles reclamavam de sua circunstância, mas ainda estavam vivos.

Eu suspirei outra oração de agradecimento e então olhei sobre mim.

— Quanto tempo mais ficamos aqui? — perguntei a LaMeche.

— Ainda não é seguro — respondeu ele. — Em breve, talvez.

Resolvi esperar que LaMeche desse a ordem para sairmos do lago. Tive que ter liderança e comando o bastante para uma vida inteira.

Foram os animais que saíram da água primeiro. As criaturas da floresta calmamente saíram saltitando da água para buscar novos abrigos para si mesmos.

À distância, o fogo ainda crepitava, mas o calor não era tão intenso agora. Olhei para os aldeões que estavam na água. Sabia que estavam tão ansiosos quanto eu para sairmos da água fria. Com as pernas doloridas e o corpo entorpecido, me questionava se algum dia eu me sentiria aquecida novamente. Exceto pelo meu rosto. Parecia frágil por causa do calor. Eu tinha certeza que minha pele estava seca e meus lábios rachados.

Os cães da aldeia saíram da água em seguida. Vários deles tinham sido libertados por pessoas atenciosas enquanto fugiam do fogo. Aqueles que não foram soltos, não estariam mais vivos, e eu estremeci ao pensar neles.

Os cavalos começaram a bufar e dar coices novamente e era evidente que precisávamos tirá-los do lago.

LaMeche me devolveu a criança.

— Vou tirar carroças agora — disse ele, e avançou, com a água subindo pela cintura.

Assim que LaMeche começou a andar na direção das carroças, as pessoas entenderam que esse era um sinal para sair da água, pois estariam no caminho se ficassem onde estavam.

De comum acordo, caminhamos em direção à costa. O ar da noite parecia quente em comparação ao frio da água. Eu estremeci.

Nós não tínhamos como nos secar — e estávamos famintos. Fazia muitas horas que ninguém comia nada, mas era provável que nem tivéssemos como fazer uma fogueira.

Com esse pensamento irônico, olhei para onde ficava nossa aldeia. *Imagine, pensei, diante de tudo isso, eu estou desejando uma fogueira!*

Nós nos reunimos em pequenos grupos ensopados e trêmulos. Aqui e ali uma criança chorava ou um cachorro solto decidia desafiar outro.

As lutas que ocorreram nem chamaram a atenção — tínhamos coisas muito mais sérias em que pensar.

Na sombria luz do fogo ainda aceso, as pessoas começaram a procurar os pertences que largaram na margem do lago.

LaMeche voltou depois de atar os cavalos. As carroças ficaram nas areias da margem do lago, as parelhas amarradas longe da companhia de pessoas. Os cavalos ainda estavam nervosos por causa do cheiro forte de fumaça e do crepitar das chamas morrendo. Eles bufaram, saltaram e coicearam, então LaMeche os amarrou com segurança em um galho próximo de choupos.

Alguém encontrou alguns fósforos e acendeu pequenas fogueiras aqui e ali. Em torno deles, se amontoavam mulheres e crianças encharcadas.

Alguns cobertores e peles foram estendidos e as crianças foram despidas de suas roupas molhadas e colocadas para dormir. Tantas quantas cabiam se amontoavam sob cada cobertor.

Homens idosos e doentes também foram para a cama. O resto de nós sentou-se ao redor das fogueiras, ainda muito atordoados para falar.

Eu não tinha cobertor e não conseguia chegar perto o suficiente do fogo. Estava pensando que precisávamos de mais fogueiras quando uma voz falou para mim através da escuridão:

— A senhora não tem cobertor? — LaMeche me perguntou.

Eu balancei minha cabeça.

— Deixei cair pelo riacho. Eu tinha tudo embrulhado em nossos cobertores, mas era muito pesado.

LaMeche acenou com a cabeça.

— Todos cobertores e peles de raposas do posto estão cobrindo os velhos — ele disse, e havia um pedido de desculpas no tom de sua voz.

Eu sorri, mas temo que tenha sido um sorriso vacilante.

— Estou bem — disse eu. — Estou aquecida agora.

LaMeche me deixou e logo muitas pequenas fogueiras surgiam pontilhando a margem do lago. Em cada uma das fogueiras, os índios se reuniam buscando o calor. Aos poucos, eles perderam seus olhares de terror e alguns até conversavam em voz baixa.

Conforme a noite avançava, nos revezamos, sem discussão, acrescentando lenha ao fogo. Além do riacho, o incêndio na floresta morreu. Apenas aqui e ali as chamas ainda cintilavam e faíscas periodicamente voavam para o céu.

O vento diminuiu e as estrelas surgiram. Em algum lugar, ouvimos o ruído de uma coruja. Ouvi um barulho no lago atrás de mim e acho que um peixe saltou. A natureza parecia estar se esforçando para retornar à normalidade.

Eu ainda tremia. Minhas roupas molhadas não colaboravam. Eu virava de um lado e depois para outro em direção à fogueira e esperava que pudesse secar um pouco.

Aqui e ali as pessoas se encolhiam na areia, ao lado das fogueiras e tentavam dormir um pouco. Disse a mim mesma que deveria caminhar pelo acampamento, para ver como todos estavam se saindo. Se Wynn estivesse aqui, era isso que ele faria. Eu não parecia ser capaz de me mover.

Totalmente exausta, estremeci de novo e ansiei pelo amanhecer.

De algum lugar, LaMeche produziu um bule e café. Jamais poderei encontrar as palavras para expressar como foi me sentar diante do fogo, sentindo o cheiro do café sendo preparado naquela noite horrível.

De alguma forma, parecia ser a promessa de que um dia o mundo voltaria ao normal. O mercador também encontrou alguns copos de lata. Segurei o copo com as mãos geladas e bebi do líquido escuro e quente. Eu sabia que com a ajuda do café eu, de alguma forma, sobreviveria a esse pesadelo até que chegasse o amanhã.

Capítulo 15 – Consequências

Quando o amanhecer começou a romper, tive dificuldades para sair de perto do calor do fogo. Minha roupa ainda estava molhada e eu sentia frio, apesar de ter ficado sentada perto da pequena fogueira durante a maior parte da noite. Ainda assim, quando o acampamento começou a se mover, sabia que eu também precisaria me levantar.

Meus músculos estavam enrijecidos e todos os meus ossos doíam. Minha saia frouxa estava pendurada no meu corpo como um trapo velho. Por baixo da roupa, a roupa íntima ainda estava molhada e friccionava desconfortavelmente minha pele sensível quando me mexia. Meus sapatos estavam maleáveis e encharcados. Queria ter tido a presença de espírito de removê-los na noite anterior, para que tivessem uma melhor chance de secar perto do fogo aberto.

À minha volta, as pessoas se agitavam. Bebês choravam, crianças chamavam umas às outras, e as mulheres gemiam em gritos de angústia, enquanto olhavam para o que havia sido aldeia.

Quando o sol apareceu, podíamos ver a fumaça ainda ondulando aqui e ali enquanto algumas fogueiras ardiam em alguns pontos. A área enegrecida e desolada que tinha sido nossa aldeia não estava visível, por causa das árvores que ainda estavam entre nós e o assentamento. Talvez tenha sido a misericórdia de Deus que escondesse a visão de todos nós, pois não creio que estivéssemos preparados para aquilo.

Agora era um novo dia — com muitos desafios pela frente. Aqui estavam quase duzentas pessoas sem casa, sem roupa, exceto a que levavam no corpo, e sem comida para preencher os estômagos vazios.

Fiquei andando de um lado para o outro diante da pequena fogueira. Eu estava tão dolorida, que parecia que nunca mais me sentiria confortável novamente. Movimentei meu braços e pernas e esfreguei minhas costas — o tempo todo pensando e orando. Não

conseguia dizer onde meus pensamentos terminavam e minhas orações começavam — pareciam ser uma única coisa.

— Senhor — eu disse —, precisamos de comida, e não sei onde vamos conseguir. Mas Tu sabes. Mostre-me como cuidar dessas pessoas. Encha-me com a Tua sabedoria — e Senhor, ajude-me. Eu não consigo fazer isso por sozinha.

Mal cheguei ao final da frase, uma voz falou atrás de mim.

— Senhora, acho que isso lhe pertence.

Eu dei um salto, e me virei. LaMeche estava com minha enorme trouxa apoiada nas costas.

— Você encontrou! — exclamei com alegria.

— Sim. Por sorte, a senhora o deixou cair deste lado do riacho. Está segura.

— Sim — eu disse, estendendo a mão para pegar as coisas. — Sim, eu me lembro. Eu tinha acabado de cruzar o riacho e não conseguia mais correr com tudo isso.

Apareceu um brilho no olhar do índio. Nunca tinha visto o homem nem mesmo insinuar um sorriso antes.

— Uma surpresa que a senhora tenha conseguido correr — brincou ele. — Deve ter trazido tudo menos a cama de ferro.

Peguei o volumoso pacote nas mãos, e o ergui com dificuldade.

— Oh, sim — eu disse, tentando rir. — O senhor está certo. O que será que tenho aqui?

Coloquei minha trouxa no chão e a abri.

Tinha pegado panelas. Lembrava vagamente de ter feito isso. Tinha trazido muitas peças de roupa. Devo ter tirado todos os pinos da parede, porque espalhados em meio às roupas encontrei utensílios de cozinha. Copos, pratos e talheres caíram no chão. Eu tinha um espanador — mas não tinha vassoura. Tinha um martelo — mas não os pregos. Uma frigideira. Um bule — mas nada de café. Achei chá — mas nenhuma chaleira. A fotografia de Wynn e eu no dia do nosso casamento. Um lápis pequeno, alguns papéis para escrever e dois dos meus livros ilustrados. Mas nada de

comida, nenhum par de sapatos. E três pesados tocos de lenha para o fogo.

Virei cada item enquanto olhava para eles. Por que escolhi as coisas dessa maneira? Ou melhor, será que escolhi alguma coisa? Devo ter agarrado o que quer que estivesse mais próximo da minha mão.

Olhei para os pedaços de madeira, e fiquei pensando como tinha conseguido pegá-los. Então, ri de mim mesma e os joguei no fogo. Talvez servissem para preparar nosso café da manhã — isto é, se eu conseguisse encontrar um pouco de café.

— Precisamos de comida — eu disse distraidamente. Sr. LaMeche ainda estava de pé perto de mim.

— Sim — ele me respondeu.

Tirei o olhar de onde ainda estava separando as coisas que carreguei de nossa casa. Eu vestiria roupas secas agora, se pudesse encontrar um lugar reservado para fazer isso.

— Como estão as pessoas? — perguntei.

— Bem. Alguns lábios rachados, rostos inchados com o calor, mas estão bem.

— Estão... todos? — detestei fazer essa pergunta, mas tinha que saber.

— Pedi para cada família verificar. Não falta ninguém.

Que alívio receber essa notícia! Já era ruim o suficiente pensar sobre os cães. Os cães do Wynn! Eu tinha que ir até a ilha para verificar a matilha.

Eu me levantei. Havia tantas coisas a serem feitas — e tão pouquinho com que fazer. Procurei pelo Kip. Ele estava brincando nas proximidades com algumas crianças da aldeia. Era difícil acreditar que ainda podia haver brincadeiras e risos depois de tudo que passamos. Eu balancei minha cabeça para tentar colocar meus pensamentos em ordem.

— Tenho que ir — disse ao mercador. — Tenho que ir até a ilha para ver como estão os cachorros do Wynn — e o jardim. Tenho que ver como está o meu jardim.

— Vá — respondeu ele. — É seguro ir até lá, mas não atravesse o riacho. O fogo ainda queima, embora nem sempre se possa vê-lo. Queima abaixo da superfície.

Balancei a cabeça em compreensão e me apressei.

Não me importei em usar as pedras, nem de passar por cima do tronco, pois meus sapatos já estavam molhados. Eu levantei minhas saias e passei por dentro do lago raso.

Assim que me aproximei da ilha, pude ouvi-los. Eles me viram chegando e me recepcionaram com latidos. Olhei ao redor, contando um de cada vez. Todos os sete cachorros estavam presentes, mas três não estavam latindo. Três deles estavam deitados no solo em vez de forçar em suas amarras. Eu corri adiante.

Flash parecia bem. Passei minha mão em suas costas. A um metro de distância de onde ele estava jaziam pedaços de destroços do fogo, transportados para a ilha pelo vento.

Fui até onde estava o Peewee. Ele também parecia bem, embora reclamasse enquanto se pressionava em mim, seus olhos escorrendo lágrimas, como se tivessem sido ferido.

Tip estava deitada de lado, ainda respirando, embora parecesse respirar com grande dificuldade. Seu corpo arquejava a cada respiração. Fiquei sem saber o que fazer por ela. Eu afaguei o pelo cacheado e me movi para frente, com os olhos marejados.

Keenoo também estava caído. Ajoelhei-me ao lado dele e passei a mão sobre sua forma imóvel. Estava rígido e estático, e eu sabia que Keenoo estava morto.

Franco também não conseguia se levantar. Pude ver seus olhos se agitarem, abrindo e fechando novamente. Os lábios dele se curvaram para trás quando sentiu minha presença. Mesmo perto da morte, Franco não ia aceitar uma mão estranha. Não sabia se devia me aproximar, então o deixei sem um toque.

Estes três cães haviam sido presos no lado sul da ilha, mais próximos das chamas devastadoras. Embora o próprio fogo não os houvesse tocado, parecia que tinha feito sua obra maligna.

Morley e Revva pareciam estar bem.

Embora os cães estivessem amarrados de modo que pudessem alcançar o lago quando estivessem com sede, eu sabia que eles deveriam estar com fome, mas não tinha nada para dar a eles.

— Eu vou voltar — prometi a eles. — Vou voltar com alguma comida.

Wynn deixou um menino indígena responsável por alimentar sua matilha, mas o suprimento de comida ficara na aldeia, e também havia acabado agora.

Fui até minha horta, que estava mole e ressecada. O calor das chamas deve ter praticamente cozinhado todos os legumes. E ainda assim, fiquei surpresa porque parecia haver vida em muitas das plantas. Elas conseguiam manter suas cabeças erguidas. Então me lembrei da rega completa do dia anterior. Eu as encharquei exageradamente, embora não tivesse entendido o porquê no momento. Mas Deus sabia. Tinha sido Ele que me convencera a regar meus vegetais.

Olhei para a horta com o coração agradecido. Os vegetais agora seriam mais importantes do que nunca, pois a aldeia inteira precisava ser alimentada. Ainda assim, o que um pequeno jardim faria para tantos?

— Confie em Mim — ouvi novamente as palavras.

Eu me virei e voltei para o acampamento ao lado do lago, formulando alguns planos enquanto caminhava. Comida era nossa primeira necessidade, então comida seria o primeiro assunto a resolver. Quando estávamos sem suprimentos em Beaver River, Wynn havia organizado a aldeia inteira em grupos com distintas responsabilidades. Era isso que eu ia fazer agora. Uma equipe de caça, uma equipe de pesca, uma equipe para a coleta das ervas; cada membro da aldeia que tivesse idade suficiente para assumir uma responsabilidade, teria uma tarefa.

LaMeche estava na fogueira. Eu estava feliz em vê-lo, pois ia precisar da ajuda dele.

O mercador tinha feito café de novo e eu agradeci ao aceitar a xícara. Meu estômago gritava, pedindo algo para acompanhar o

café.

Larguei minha xícara e vasculhei a trouxa com meus pertences, para pegar o lápis e uma folha de papel.

— Precisamos agir — afirmei, e LaMeche acenou com a cabeça.

— Temos comida?

LaMeche acenou com a cabeça para a carroça. Estava cheia de itens diversos que ele havia tirado às pressas de seu armazém.

— O que tem ali? — perguntei a ele.

— Farinha, sal, açúcar, café, chá, fubá, fermento. A maior parte das coisas necessárias, eu acho. Não tenho certeza, pois, como a senhora, peguei tudo correndo.

Fiquei grata por termos, pelo menos, “pegado tudo correndo.” Podíamos ter ficado sem absolutamente nada.

— Devemos tirar tudo do vagão e ver — eu disse.

— Agora? — ele questionou.

Parecia ser a hora certa, pelo menos as pessoas perceberiam que havia alguma ação.

— Sim — eu disse. — Agora. Encontre meninos e coloque-os para trabalhar. Eles podem colocar tudo em pilhas no chão.

Encontramos meninos que estavam mais que dispostos a cumprir nossas ordens, e voltei para a minha lista.

— Temos armas ou balas? — perguntei.

— Acho que peguei balas. Arma — talvez não.

— Facas para caçar, facas para cozinhar?

— Vou verificar — ele concordou.

— Anzóis ou redes para pegar peixes?

Ele assentiu. Isso não significava que Sr. LaMeche tinha os itens; significava apenas que ele veria se ia conseguir encontrá-los.

— Agora dividimos as pessoas em grupos — disse eu —, com uma pessoa para liderar cada grupo. Eles farão fogo e abrigo. Vamos mandar alguém para caçar e alguém para pescar. Mulheres vão para a floresta em busca de ervas e raízes. As crianças e os idosos carregam lenha.

LaMeche olhou para mim, seus olhos ficando maiores a cada instrução, assentindo com a cabeça para tudo que eu dizia.

Quando parei de falar, ele pegou o papel onde eu tinha apressadamente rabiscado nosso plano.

— Será feito — disse ele e pegou a folha da minha mão. Então viu que estava escrito em inglês e me devolveu.

— Vou ajudar — assegurei-lhe.

— Você conta os suprimentos de comida — ele replicou.

Pareceu uma boa ideia. Fui em direção à minha fogueira e minha trouxa de cobertor amontoado e vasculhei, buscando outro pedaço de papel. Depois fui para a carroça onde os meninos estavam descarregando e separando.

LaMeche estava certo. Tínhamos um bom suprimento de chá, café, e fubá, um bom suprimento de farinha, sal, açúcar e fermento em pó.

Havia várias latas de comida enlatada, alguns biscoitos e algumas especiarias. Havia também fósforos, conchas, algumas facas de caça, três anzóis, uma metragem de linha de pesca, quatro machados e algumas latas de alguma coisa. Peguei uma das latas. Não estava rotulado e a tampa não queria abrir, então desisti.

Disse aos meninos que tinham feito um bom trabalho e depois fui procurar LaMeche.

Ele havia reunido várias das crianças mais novas para ajudar a informar ao povo o que ele queria que fizessem. Ao longo da costa, vários estavam colocando para inspeção os pertences que conseguiram resgatar do fogo.

LaMeche e eu passamos por todos os utensílios dispostos no chão, fazendo um balanço.

Fiquei aliviada ao ver várias panelas. Havia mais facas e suprimentos de pesca, e alguns trouxeram até suas pedras de amolar para o lago. Muitas das mulheres conseguiram salvar recipientes e cestas com alimentos. Não duraria muito, mas ajudaria com algumas refeições. Havia alguns cobertores e peles. Embora

não fosse o suficiente para todos, ainda assim ajudariam pelo menos a proteger as crianças e os idosos do ar frio da noite.

Fizemos nosso censo, designamos nossas áreas para fogueiras familiares e convocamos voluntários para os trabalhos mais minuciosos.

Não foi um problema conseguir aqueles que quisessem pescar. Vários dos meninos alegremente pegaram as linhas e anzóis e correram para o lago. Várias mulheres jovens se ofereceram para entrar na floresta para buscar ervas e verduras para as panelas.

Alguns estavam dispostos a ir para a floresta para caça selvagem, mas de que adiantava ter balas, se não tínhamos uma arma? Não havíamos encontrado nenhuma em nossa busca. Não tínhamos sequer um arco e flecha em todo acampamento.

— Podemos mandar alguns meninos montarem uma armadilha para ver se apanhamos algo — eu disse, gesticulando com as mãos. Não parecia possível que fossem capazes de fornecer carne para tantas pessoas dessa forma, mas não havia mais nada que pudéssemos fazer.

Todo o acampamento fervilhava de atividade. Os rostos desolados e desesperados começaram a ganhar vida novamente, e gritos e risos de crianças soaram ao longo da costa. De repente, não estávamos mais no meio de uma tragédia, mas uma aventura.

LaMeche e eu distribuímos comida para o dia em cada acampamento. As mulheres vieram com seus recipientes para buscar os alimentos básicos. As meninas corriam rindo para o riacho em busca de água, baldes na mão, ou se dirigiam para a floresta para trazer de volta muita lenha para os fogos.

Começamos a nos animar um pouco, embora soubéssemos que os dias adiante seriam difíceis e incertos.

Capítulo 16 – Dificuldades

Nos limitamos a fazer duas refeições por dia. Estávamos todos tão famintos que nosso café da manhã, um mingau de fubá e café, era recebido com alegria. Cada panela alimentava um pequeno grupo. Na minha fogueira eu tinha dez pessoas de vários tamanhos e idades. Tinha uma jovem viúva com dois filhos pequenos, duas adolescentes que ficaram órfãs, uma viúva de meia-idade que estava sozinha, um casal de idosos que não tinham familiares para cuidar deles, LaMeche e eu.

No meio da manhã, os meninos voltaram do lago com quatro peixes.

Embora eles estivessem orgulhosos de sua conquista, eu sabia que quatro peixes não seriam suficientes para todas as pessoas. Eu sorri quando pensei em quantas pessoas os “dois peixes” haviam alimentado^[1]. *Bem, o Senhor vai precisar fazer outro milagre se todos quisermos comer hoje*, pensei.

A armadilha não tinha pegado nada. Os meninos que tentaram caçar voltaram para casa desanimados e envergonhados. Eu lhes assegurei que teriam mais êxito da próxima vez, mas sabia que caçar com armadilha requer grande habilidade, paciência inestimável e talvez uma boa medida de sorte.

Mantivemos o fogo aceso e as panelas fervendo. Dividi os peixes entre as famílias que tinham idosos ou doentes para alimentar. Colhi vegetais da minha horta e coloquei um pouco na minha panela. Finalmente teríamos ensopado de vegetais no jantar.

Andei por entre as fogueiras, levando um punhado de vegetais prontos para distribuir onde pareciam ser especialmente necessários. Queria me certificar de que todos tivessem algo para comer. Para muitos, foi apenas mingau novamente.

Eu estava me sentindo um pouco abatida. *Se apenas alguém, em algum lugar, tivesse uma arma de fogo!* Eu desejei. Quando os homens voltassem, eles, é claro, teriam armas, e Wynn traria uma arma com ele em seu retorno. Mas precisávamos de uma arma

agora. Poderia demorar três ou quatro dias até que algum deles voltasse, e com nossa quantidade limitada de fubá e farinha, tínhamos que ter carne. Com tantos para alimentar, os alimentos básicos durariam muito pouco tempo.

Estava tão imersa em pensamentos que mal percebi o latido dos cães, que era um som constante. E então percebi que desta vez soava de alguma maneira diferente, e olhei na direção de onde estavam vindo os latidos.

Outros na aldeia devem ter percebido a diferença também, pois vi mulheres erguendo a cabeça e crianças parando de brincar, e meninos hesitando no meio do caminho — todos olhando na direção de onde se aproximava o som.

E então, nossos olhos tiveram a visão mais incomum. Os cães haviam formado uma matilha e estavam caçando, e Kip liderava a perseguição.

Tropeçando na frente deles, com os olhos selvagens e a carne chamuscada pelo fogo do dia anterior, havia um alce mancando. Ele urrava de raiva e foi direto para a segurança do lago.

Levantei-me num salto, acenando meus braços em uma exibição tola de emoção.

— Parem-no! — eu gritava. — Alguém o segure!

Era evidente que não havia como pará-lo. Enquanto eu o observava se aproximar da beira da água, vi as esperanças de um suprimento de carne para os próximos dias desaparecer no mergulho que o alce se preparava para iniciar.

Mas assim que se aproximou da água, o alce tropeçou e caiu, incapaz de seguir em frente. Os cães avançaram rápido sobre ele, e, tão rápido quanto os cães, foi LaMeche. O índio parecia estar por todas as partes, arrastando animais e empurrando-os para o lado, desferindo um golpe fatal no alce sofrendo com uma clava grosseira.

Os meninos correram para ajudá-lo e buscaram seus cães e os tiraram dali. Com grande empolgação, as pessoas se reuniram ao redor do animal, exclamando sobre a carne que praticamente caiu direto em nossas panelas.

O alce foi limpo e fatiado, e porções de carne foram entregues às famílias famintas. Agreguei alguns pedaços de carne à minha própria panela e inspirei profundamente quando o aroma começou a flutuar sobre duas dúzias de fogueiras.

O restante da carne foi amarrado e içado bem alto em uma árvore para protegê-lo para a refeição do dia seguinte.

Lembrei-me dos cães de trenó de Wynn. Eu ainda não tinha levado qualquer alimento para eles, exceto uma pequena quantidade de mingau de fubá. Então escolhi cartilagens e ossos, e corri para alimentá-los enquanto meu guisado cozinhava.

Todos comemos com satisfação naquela noite. Agora estávamos secos, com os estômagos cheios e estávamos bem confortáveis. As famílias construíram abrigos rústicos com galhos e cascas de pinheiros. Alguns deles tinham até pedaços de toldo para esticar em pequenas áreas.

Estive muito ocupada para preparar um abrigo, mas não estava preocupada. Ia dormir perto do fogo novamente, se necessário. Agora pelo menos eu estava seca, e tinha um cobertor para me manter aquecida.

Eu tinha acabado de lavar meus pratos na água do lago e colocá-los para secar quando ouvi um som estranho. Olhei para o céu — tinha soado como um trovão distante.

A oeste, nuvens de tempestade se formavam. A tempestade estava se movendo em nossa direção e parecia sombria e ameaçadora. Puxei meu cabelo rebelde para trás e estudei o céu.

— Eu sei que precisamos de chuva, Senhor — sussurrei —, mas agora não parece ser um bom momento.

Olhei ao meu redor, para as moradias improvisadas. Poucas delas conseguiriam impedir a entrada de água.

Eu ainda estava de pé, pensando no que fazer, quando LaMeche se juntou a mim.

— Chove agora — comentou ele, e eu assenti.

— Onde você dorme? — ele perguntou, e eu interrompi minha cadeia de pensamentos e apontei para o fogo.

— Não — disse ele, balançando a cabeça —, não essa noite.

LaMeche olhou em volta, perdido em pensamentos. Quando seus olhos pousaram nas carroças, ele parou e as examinou.

— O que tem debaixo da lona? — ele questionou.

Olhei para ele com olhos arregalados e boca aberta. Até então não tinha parado para pensar no que havia debaixo daquela lona.

— Suprimentos — eu disse. — Cobertores, roupas, pratos e potes. Várias coisas que precisamos! Existem coisas inviáveis, que não podemos usar, mas...

— Podemos pegar a lona? — ele interrompeu.

Fiquei surpresa ao perceber que o comerciante estava mais interessado na lona do que no conteúdo das caixas.

— Sim — assenti vigorosamente. — Pegue.

Ele foi, reunindo três meninos enquanto caminhava. Logo os vi jogando cordas para fora da carroceria e liberando a cobertura de lona. Duas carroças foram alinhadas lado a lado, a cerca de dois ou três metros de distância, e a lona foi esticada de um lado a outro, formando uma espécie de abrigo. Então, com machados nas mãos, os quatro se dirigiram para os pinheiros.

Eu me virei para reabastecer a fogueira e conferir os membros da minha “família”. Agora o vento estava forte, trazendo consigo o cheiro de chuva. O trovão ribombou e relâmpagos riscaram o céu. Apressei-me em obter tudo o que pudesse debaixo de um tipo de cobertura.

Logo LaMeche estava ao meu lado novamente. Com ele chegaram também gotículas de chuva.

— Está pronto — afirmou ele, apontando para as carroças.

Tinham feito um abrigo — os três lados protegidos por galhos de pinho e o topo coberto pela lona. Parecia maravilhoso.

— Ótimo! — exclamei. — Ajude-me a levar todos para baixo.

— É para você — argumentou ele.

Eu olhei para o pobre abrigo improvisado que mantinha o casal idoso. Faria pouco por eles em uma tempestade. Então olhei para os dois bebês dormindo, e as duas meninas e duas mulheres que se

amontoavam em torno deles e seus poucos cobertores eram insuficientes para cobri-los.

— Por favor — eu disse ao impaciente comerciante.

Encolhendo os ombros, ele seguiu minha ordem.

Movemos as dez pessoas bem a tempo. No momento em que nos colocamos debaixo da lona, a chuva começou a cair mais forte. A chuva, pela qual tínhamosorado, tinha chegado.

Não havia espaço debaixo da lona para outra pessoa dormir, então me enrolei em um tapete de pele de urso, e voltei para o fogo.

LaMeche estava lá, fumando um cigarro. Perguntei-me onde ele tinha encontrado aquilo. Era a primeira vez que o via fumando desde o incêndio.

Ele fez uma careta para mim e se voltou para as chamas crepitantes. Eu não disse nada, mas peguei um galho de madeira.

— Não — ele me deteve. — Não adianta. Daqui a muito pouco o fogo vai apagar por causa da chuva. Não adianta desperdiçar madeira. Vamos precisar mais tarde.

Eu ouvi o que disse o índio, querendo protestar, mas sabia que ele estava certo. Não conseguiríamos manter o fogo aceso na chuva. Agora só restava uma pequena chama, lutando para permanecer viva, e então, enquanto observava, ela também estalou e morreu.

Então, eu teria que me virar sem nem mesmo o pequeno conforto do fogo. Estremeci na minha pele de urso. Meus pés estavam encharcados novamente, e minha saia, que se arrastava, parecia estar absorvendo a água da chuva como uma esponja. Muito em breve eu estaria completamente encharcada.

Ergui a saia da poça e a preendi com mais força ao meu redor. LaMeche ainda olhava para a frente sem dizer nada.

Eu lamentava o silêncio, não gostava da escuridão, detestava estar tão isolada de outro ser humano.

Tentei conversar.

— Estou feliz por toda a sua ajuda hoje — eu disse. — Não sei o que faria sem você.

Não houve resposta.

Falei novamente com ousadia, gentilmente, pois não sabia como o homem poderia responder.

— Quando acordo de manhã e olho para todas as pessoas, sabendo que o Sargento Delaney não está aqui para cuidar deles, eu não sei o que fazer.

Esperei por um momento e então continuei lentamente:

— Eu oro... Oro muito. Eu pergunto a Deus o que fazer — mas eu... eu peço algo mais. Peço a Ele por ajuda.

Olhei diretamente para o homem carrancudo.

— E Ele me respondeu — sussurrei. — Ele mandou você.

Eu observei seu rosto apenas o tempo suficiente para ver os músculos se contraindo em sua mandíbula, e então abaixei meu olhar.

Agora nós dois estávamos sentados em silêncio, enquanto a forte chuva caía em camadas ao nosso redor. Olhei novamente de relance para LaMeche. O índio não exibia mais a expressão sombria e zangada. Ele puxou o cigarro, soltando pequenas baforadas de fumaça ao seu redor, que o faziam apertar os olhos.

Eu mal conseguia ver o rosto dele através da tempestade, mas percebi pequenos rios que deslizavam por suas bochechas e eu me perguntei se era tudo água da chuva. Ainda assim, eu ainda não disse nada.

Ele passou a mão pelo rosto.

— Você é uma mulher teimosa — disse ele, mas não havia malícia nas palavras.

— Eu sei — admiti calmamente.

— Você salvou a vila, sabe?

— Não é verdade, eu só...

Ele interrompeu:

— Ninguém mais pensava. Todos nós andávamos em círculos, e então era tarde demais para correr.

Eu não sabia o que dizer, então fiquei em silêncio.

— Agora você senta na chuva enquanto todo mundo dorme.

Olhei ao redor para as habitações rústicas. Eu tinha certeza que muitos no nosso grupo também não estavam realmente confortáveis onde estavam.

Muito poucos, eu imaginei, estavam dormindo muito esta noite.

Mas talvez LaMeche tenha pensado...

— Não sou ingrata pelo que você fez por mim — tentei explicar.

— Abrigo muito bom — o melhor. Eu não pensei em arranjar as carroças e...

— Mas alguém precisa mais disso?

— Sim. Sim. Os velhos e...

Uma risada me interrompeu, e eu ergui meu olhar surpresa. Não conseguia mais ver o rosto de LaMeche através da chuva e escuridão, então não pude ler em suas feições o que poderia estar fazendo-o rir de maneira tão inesperada.

— Mulheres! — disse ele. — São criaturas estranhas. Elas querem a mais — mas aceitam menos.

— Como é? — perguntei sem compreendê-lo.

— Você. Você enfeita a janela com cortinas elegantes, escova o cachorro como se fosse um brinquedo, afofa o cabelo como se fosse uma festa, e então... isto. Quando não há nada, você dá o pouco que tem para pessoas mais fortes que você, e fica sem.

LaMeche riu novamente.

Eu estava com medo de estar sendo ridicularizada. Então suas palavras vieram suavemente através da chuva:

— Eu tinha esquecido. Era o jeito da minha mãe também.

— Sinto muito, sobre sua mãe — sussurrei.

Houve alguns momentos de silêncio; então ele falou novamente.

— Ela era índia — disse ele. — Ela não se preocupava com cortinas ou penteados, mas gostava de coisas bonitas. Ela fazia coletes com contas e mocassins com belos designs. Ela buscava flores silvestres apenas para estudá-las. Nos mostrava o arco-íris, o pôr do sol. — ele parou novamente. — Mas ela era lutadora também. Ela foi a última a desistir quando a febre nos levou. Ela

cuidou de outros quando mal conseguia engatinhar. Ela me deu o último remédio quando ela precisava mais — ele hesitou novamente. — Ela era índia — ele disse —, mas iria gostar muito de você.

Pisquei as lágrimas dos meus olhos. Foi o melhor elogio já havia ganhado e se formou então um grande nó na minha garganta.

— Obrigada — sussurrei em inglês, pouco antes do trovão retumbar e uma nova rajada de chuva cair sobre nós.

A noite estava fria e úmida, o fogo estava apagado, estávamos sentados e tremendo nas peles de urso, que ofereciam pouca proteção, mas de alguma forma, havia surgido em mim um novo calor.

Capítulo 17 – Contando os Dias

Desconfortáveis em suas camas encharcadas, as pessoas começaram a se levantar mais cedo do que o normal. Uma chuva constante ainda caía na manhã seguinte. Molhados e angustiados, eles rastejaram de uma cama fria para um dia frio. Crianças choravam e as mulheres as silenciavam em tons baixos, tão infelizes quanto sua prole. Fiquei feliz por não ter me incomodado em trocar de roupa.

Algumas mulheres tentaram acender o fogo. A madeira úmida fumegava e chiava, mas não produzia chama. Não haveria mingau quente, nem café ou chá quente para esquentar os corpos frios.

Alimentei meu grupo com sobras de ensopado frio da noite anterior e orei para que a chuva cessasse logo.

LaMeche pediu minha permissão para usar uma parelha e a carroça que restava. Eu não perguntei o que ele tinha em mente, mas concordei. Fiquei surpresa por ele presumir que eu tinha autoridade para responder, de uma forma ou de outra.

Ele reuniu alguns dos meninos mais velhos e eles partiram em direção ao que tinha sido nossa aldeia. Eu questionei o motivo de sua missão, mas estava ocupada demais servindo ensopado para perguntar.

Em cerca de uma hora, eles estavam de volta. Pela carga que traziam e as mãos e roupas sujas, era evidente que estiveram remexendo nas cinzas da aldeia. Três pequenos e enegrecidas fogões de cozinha estavam na carroça, além de algumas panelas sujas de fuligem e ferramentas. Minha banheira escurecida pela fumaça e a tábua de esfregar também estavam ali. Eles também tinham uma pequena quantidade de carvão que não tinha completamente queimado no fogo.

Com meu martelo e os pregos do comerciante, eles começaram a construir uma espécie de abrigo. Não havia madeira suficiente para preencher as laterais, mas pelo menos uma saliência foi

fornecida. Então peles foram jogadas sobre a madeira e dois dos fogões foram dispostos debaixo do toldo.

Não demorou muito até que um fogo tremulasse em cada um deles. As crianças foram mandadas para a floresta para trazer gravetos para alimentá-lo, e as mulheres empolgadas moviam suas panelas para os fogões.

Tínhamos que nos revezar no abrigo. Pareceu levar a maior parte do dia para preparar uma rodada de refeições. Muitas das crianças queriam amontoar-se em torno da cozinha improvisada tentando aquecer-se um pouco no calor dos fogareiros, e as cozinheiras tinham que estar constantemente tirando os pequenos de debaixo de seus pés.

Que dia de angústia! Não vimos o sol nem por minuto, e não havia maneira de secar a roupa de cama para a noite seguinte.

Até as camas sob a lona e as duas carroças ficaram molhadas.

O solo estava tão encharcado que corria sob os galhos de pinheiro, e encharcava a cama dos que estavam ali dentro.

Mas ninguém poderia acusar a tempestade de ser parcial — tratou a todos de igual maneira. Ninguém estava isento do frio e da umidade.

Mais uma vez nos sentamos aninhados em nossos pedaços de peliça, peles ou cobertores. Como galinhas protetoras, as mães tentavam aglomerar todos os seus filhos sob seus braços estendidos. Os mais velhos e os doentes eram convidados a se revezarem perto do fogo. LaMeche assumiu a tarefa de alimentar as fogueiras.

Não houve sono para mim naquela noite também. Eu estava muito infeliz.

Fiquei me movimentando pelo acampamento, tentando atender aos outros. De qualquer maneira, era mais confortável continuar me movendo do que ficar parada.

Wynn deve chegar amanhã ou no dia seguinte, eu continuava prometendo a mim mesma. Essa era a esperança que me fazia

continuar. Quando Wynn estivesse de volta, eu tinha certeza que ele iria consertar as coisas.

Perto da manhã, a chuva começou a diminuir — não parando inteiramente, mas diminuiu a intensidade. Tinha chegado a minha vez no fogão à lenha para preparar uma refeição quente para minha “família”. Preparei uma grande panela de fubá, e enquanto cozinhava, também preparei a carne e os vegetais para o ensopado da ceia. Achei que economizaria tempo e espaço fazer toda a comida de uma vez.

Estrela de Prata, a jovem viúva, veio se juntar a mim.

— Eu trabalho agora — disse ela. — Você descansa.

Eu pensei, enquanto ouvia sua voz suave, que ela deveria ter sido chamada de Língua de Prata em vez de Estrela de Prata. A voz dela era suave e musical, como um riacho que flui suavemente ou um pássaro canoro vibrante.

— Se você cuidar da comida, vou alimentar os cães do trenó — eu disse, sorrindo para ela.

Ela assentiu, e eu entreguei a colher para ela e saí.

LaMeche estava ocupado fatiando porções de carne para o jantar daquele dia. Eu pedi a ele alguns de seus retalhos e peguei a trilha da pequena ilha.

Lembrei-me de que não tinha voltado para ver os cães desde o dia em que o alce foi morto. Eu tinha enviado alguns dos meninos com alguns restos de comida para eles e prometi a mim mesma que iria dar uma olhada neles mais tarde, mas tinha esquecido. Repreendi a mim mesma por não cuidar melhor da matilha. Devia ter feito algo para Tip e Franco, mas estivera tão ocupada cuidando das pessoas que os cachorros tinham saído da minha mente.

— *Bem* — disse a mim mesma, — *não tenho ideia do que eu poderia ter feito por eles de qualquer maneira.*

Ainda assim, senti que tinha falhado com Wynn nesse ponto. Eu sabia como era importante uma boa matilha para ele.

Quando cheguei ao riacho, não pude acreditar no que via. Os degraus nem mesmo podiam ser vistos e o tronco caído que ficava

esticado de margem a margem estava debaixo de água também. *Como vou fazer para atravessar?* Eu me desesperei.

Olhei para minhas roupas, que já estavam molhadas. Meus sapatos espirravam água a cada passo que eu dava. Decidi que não podia ficar muito pior que isso, então, sem nem mesmo erguer minha saia, entrei na água corrente.

Pega de surpresa pela força da corrente contra o movimento das minhas roupas pesadas, tropecei, mal conseguindo manter o equilíbrio. Finalmente me endireitei e cheguei à outra margem.

Os cães ficaram felizes em me ver. Acho que ansiavam tanto por companheirismo quanto por comida. Eles se esfregaram em mim, deixando os restos de carne momentaneamente intocados enquanto lambiam minhas mãos e balançavam o corpo inteiro.

Alguém tinha removido o corpo de Keenoo. Eu tinha contado a LaMeche sobre o cachorro, e presumi que tenha sido ele. Havia outro lugar também vazio. Vi a coleira pendurada na estaca onde o cachorro tinha sido amarrado, e olhei ao redor do círculo para recontar os cães em minha mente, antes de me dar conta de qual estava faltando. Tip também deve ter sucumbido à fumaça do incêndio.

Franco estava de pé, mas parecia fraco e vacilante. O cão espirava com um som áspero, e me perguntei o quanto seus pulmões tinham sido danificados. Talvez ele nunca mais fosse capaz de puxar o trenó.

Alimentei todos eles, afaguei, onde afagos seriam bem recebidos e conversei com cada um dos cachorros por vez, e então colhi alguns vegetais da minha horta e iniciei a jornada de volta ao acampamento. Eu não queria que a corrente ficasse mais profunda ou mais rápida antes que eu cruzasse o riacho novamente, e a chuva e a enxurrada ainda o alimentavam.

Quando voltei para a margem do lago, Estrela de Prata já tinha servido o fubá. Ela e a Pequena Mulher, que era a outra viúva, estavam lavando a louça no lago. As duas mulheres sorriram quando me aproximei.

— Você come agora? — convidou a Pequena Mulher, enquanto me entregava a tigela que ela tinha acabado de lavar.

Eu sorri agradecida e fui servir meu fubá. Estava quente, e isso era tudo o que se podia dizer sobre ele. Embora não estivesse saboroso, era nutritivo e, dadas as circunstâncias, estávamos gratos por termos pelo menos isso.

Kinook, a mais velha das jovens moças, trouxe-me uma xícara de lata cheia de café. Ela sorriu timidamente enquanto me entregava, e abaixou o rosto para evitar o contato visual.

— Você me traz alegria — eu disse em sua língua nativa. Não havia palavras para agradecer.

O rosto da moça enrubesceu. Ela se afastou de mim, mas não sem antes roubar um pequeno vislumbre do meu rosto.

— Kinnea e eu encontramos gravetos secos — disse ela, e foi embora.

Ao meio-dia, abriu-se um espaço nas nuvens, e no meio da tarde o sol saiu. Seu brilho e calor logo deixaram a terra e as pessoas fumegando. *Talvez*, pensei com grande anseio, *talvez possamos dormir esta noite*.

Nós estendemos nossos cobertores e peles em arbustos e galhos ao nosso redor. Tudo o que pudesse ser retirado das nossas costas foi pendurado para secar. Os ramos de pinheiro foram arrancados dos abrigos para permitir o acesso total do sol, na esperança de que o solo estivesse seco o bastante para dormir ao anoitecer.

As crianças se mobilizaram para ajudar nas tarefas. Os meninos pegaram as varas de pescar improvisadas com as linhas e anzóis e correram para a margem do lago. As meninas entraram na floresta em busca de material seco para o fogo. As mulheres jovens deixaram os filhos sob os cuidados dos mais velhos e foram para a floresta de pinheiros em busca de galhos secos para a base das camas.

Até as crianças mais novas ficaram mais alegres, parando sua agitação e retomando suas brincadeiras. Muitas delas foram totalmente despidas e estavam correndo nuas sob o sol de verão.

Os idosos se movimentaram ou foram auxiliados a buscarem lugares ao sol, onde pudessem se beneficiar do calor dos raios. Sentaram-se buscando o calor na claridade da tarde, enquanto as roupas que usavam começaram a secar.

As mulheres e crianças indígenas caminhavam descalças, e decidi que era a coisa certa a fazer. No entanto, eu ainda usava minhas meias. Eles estavam rasgadas e manchadas de lama, mas não havia privacidade para que pudesse tirá-las. Mesmo ao olhar para baixo e notar sua condição deplorável, percebi que aquele agora era o único par que eu tinha.

Eu observava constantemente as trilhas, em busca de qualquer sinal de Wynn. Ah, como ansiava por ele! Mesmo que nossa situação ainda fosse sombria, sentia que tudo iria funcionar de alguma forma quando Wynn voltasse.

Enquanto olhava para o oeste, vi muitas das índias olhando para o nordeste. Sem dúvida, elas estavam ansiosas pelo retorno de seus maridos com a mesma intensidade que eu esperava pelo meu.

Mas outro dia acabou e Wynn não apareceu. Com um coração pesado eu novamente preparei as camas sob a lona.

As esposas cuidaram de seus preparativos noturnos, com os olhos tão pesados quanto os meus. Elas também ansiavam pela chegada de seus companheiros.

Sentei-me diante de nossa lareira particular. Os grandes fogões tinham realizado seu trabalho muito bem, mas como as nuvens de chuva estavam passando, agora podíamos acender as fogueiras novamente. Eu estava sozinha e cansada. Cada osso do meu corpo parecia doer. Estava com medo — medo de que LaMeche e eu não conseguíssemos fazer este grupo de pessoas sobreviver outro dia. Nosso suprimento de carne havia acabado e nós não tínhamos arma. Parecia improvável que Deus levasse outro alce ferido até o nosso acampamento. Mas, acima de tudo, precisava dormir. Muitas noites haviam passado, desde a última vez que tive um bom descanso. Sentia-me exausta.

Estava à beira das lágrimas de frustração quando uma voz falou suavemente ao meu lado.

— Você dorme agora.

Era Estrela de Prata.

— Não há espaço — respondi e rapidamente me apressei. — Mas está tudo bem, agora tenho cobertores secos. Durmo aqui no fogo.

— Não, você tem que dormir bem. Você vai para carroças. Eu sento perto do fogo.

— Mas seus bebês?

— Eles vão dormir... a noite toda. Eles dormem bom. Você vai dormir ao lado deles.

Eu estava cansada demais para discutir.

— Você pega meu cobertor — eu disse e passei para a jovem índia. Estrela de Prata não objetou, pegou o cobertor e se enrolou nele.

Então, se sentou ao lado do fogo.

Eu me preocupei com a jovem, enquanto rastejava cuidadosamente para o local vago sob a lona, cuidando para não acordar seus filhos adormecidos ou os outros ocupantes da área fechada. Detestava pensar na ideia de Estrela de Prata sozinha na quietude da noite. Mas eu estava cansada demais para seguir lutando contra o sono.

Quando estava cochilando, lembrei-me de LaMeche. Ele também não tinha lugar para dormir, e também estaria sentado perto do fogo. Estrela de Prata teria companhia, boa companhia. Talvez, LaMeche fosse fazer café para eles e conversariam sobre os eventos do dia juntos. Fiquei contente, e deixei o sono tomar conta de mim.

Capítulo 18 – O Presente

Vozes animadas e o som de pisadas me despertaram. Por um momento a névoa do sono me impediu de focar onde eu estava e o que estava acontecendo ao meu redor, e então me lembrei do fogo devastador. Éramos todos sem-teto e estávamos esperando que os homens voltassem.

Como um raio, estava fora da cama. *As vozes!* Eram masculinas. Talvez Wynn estivesse de volta. Rastejei cuidadosamente da minha cama e perscrutei o amanhecer do novo dia.

Ao meu redor, os homens se reuniam com suas famílias e os encontros se transformaram em conversas animadas. As esposas estavam chorando e se agarrando a seus maridos, tentando responder a perguntas que pareciam não ter respostas.

Eu emergi lentamente, fiz uma tentativa de ajeitar meu cabelo bagunçado e olhei ao redor do acampamento para ver Wynn. Meu marido não estava ali. Lágrimas começaram a arder meus olhos. Virei-me para voltar para a cama quente quando uma voz masculina me chamou.

— Mulher branca! — ele gritou.

Eu gelei onde estava. Lenta e relutante, virei-me para encará-lo, e tenho certeza de que meu rosto pálido estava mais branco do que o normal.

Não falei. O homem diante de mim era o chefe da tribo, e ninguém, especialmente uma mulher, poderia se dirigir a ele. Era algo que eu sabia sobre a ética tribal.

O chefe se aproximou de mim com o rosto inexpressivo. Não sabia o que o homem pretendia fazer. Talvez tivesse decidido que a maldição do incêndio florestal recaiu sobre eles por causa da horta disposta em lugar indevido.

Permaneci onde estava, como exigia o costume — com os olhos baixos.

Não olhei para cima nem mesmo quando vi o par de brilhantes mocassins a menos de um metro de distância de onde estava.

— *Oh, meu Deus* — orei silenciosamente. — *Traga o Wynn de volta rapidamente. O chefe certamente respeitará a lei do homem branco — e o homem da lei — até mesmo se a esposa do homem da lei for a culpada.*

O chefe estendeu um braço comprido, coberto com pele na minha direção. Eu estremeci. Já tinha visto isso antes. Para sentenciar o condenado, o chefe colocava a mão na cabeça do acusado e pronunciava seu julgamento.

Mas a mão não foi até para minha testa, em vez disso, pousou-a levemente no meu ombro.

— Você faz o bem — declarou a voz forte, alta o suficiente para que toda a tribo ouvisse. Um arrepio percorreu todo meu corpo. Eu dificilmente poderia acreditar nos meus próprios ouvidos.

— Você fez bem — afirmou novamente. — Você salva mulheres e crianças, nossos velhos sábios e nossos doentes.

Fechei os olhos e fiz uma oração de agradecimento.

A mão marrom saiu do meu ombro. Eu esperei, mas o chefe não se afastou.

— O que você quer? — ele me perguntou.

Fiquei confusa, não entendi bem o que ele quis dizer.

Meus olhos se ergueram involuntariamente para examinar o rosto do chefe da tribo.

— O que o grande chefe quer dizer? — gaguejei na língua nativa do índio.

— Cavalos? Peles? Eu dou.

E então compreendi. O orgulho deste homem não permitia que ele ficasse em dívida com quem quer que fosse. Em seu pensamento, o fato de eu ter salvado a aldeia conferia a ele uma grande dívida, que deveria ser paga, ou o chefe seria uma vergonha aos olhos do povo. Fiquei buscando palavras, para encontrar uma maneira afirmar que não era como se ele estivesse em dívida comigo.

— Ah não. Não, por favor — eu tentei dizer, mas ele continuou nomeando quantidades de cavalos ou peles, pois parecia pensar que seu preço ainda era insatisfatório.

A esposa mais velha do chefe caminhou para o lado dele e falou-lhe em voz calma. O chefe encarou a mulher, com o rosto sisudo, e respondeu como se questionasse o que a mulher tinha dito, mas ela baixou os olhos e balançou a cabeça com determinação.

O chefe da tribo parecia derrotado, mas endireitou os ombros e chamou a esposa mais nova. A moça se dirigiu lentamente para o lado dele. Nos braços ela segurava o filho, e os olhos estavam focados no rostinho da criança. A mãe agarrou-se ao filho como se sua vida dependesse disso, mas vi quando ela endireitou os ombros e ergueu o queixo.

Ela ficou ao lado do chefe com o olhar orgulhoso de seu povo.

O chefe falou comigo novamente.

— Eu dou o melhor que tenho. Eu dou um menino.

Eu arquejei enquanto olhava do homem orgulhoso para a esposa tímida que segurava a criança em seus braços. Ele era um lindo bebê, e eu ansiava por abraçá-lo — acariciá-lo. Com todo meu coração queria poder abraçá-lo. O que eu mais queria, mais do que qualquer outra coisa no mundo estava sendo oferecido! Elevei uma rápida oração e recuei um passo.

— Dê a ela — ordenou o chefe, e a jovem deu um passo à frente e estendeu o bebê para mim.

Por um momento, eu o segurei, as lágrimas começando a deslizar no meu rosto. Seus sóbrios olhos negros me observavam de perto e então uma mão gordinha se estendeu e acariciou descuidadamente minha bochecha. Eu podia sentir o silêncio dos espectadores, todos os olhos em mim. Os minutos se passaram enquanto eu apreciava o calor do bebê em meus braços. Então eu respirei fundo, enxuguei minhas lágrimas e levantei meus olhos para o chefe.

— Mulher branca tem o coração feliz por causa do presente. Ele é um bonito menino. Me dá alegria segurá-lo.

Então olhei para cima, diretamente nos olhos do chefe. Respirei profundamente e dei um passo à frente.

— Agora eu dou um presente ao chefe.

Eu não vacilei enquanto o encarava. Os olhos, no bonito rosto marrom, não davam nenhuma indicação de suas emoções.

— Eu dou um menino.

Com essas palavras, devolvi o bebê ao pai dele.

— A dívida está paga — disse simplesmente. — Você não me deve mais.

Em seguida, baixando os olhos com o devido respeito, dei um passo de volta como um sinal para o chefe de que ele poderia me dispensar se esse fosse seu desejo.

Eu ouvi a exclamação gutural, um sinal de que a pequena cerimônia tinha acabado, e terminara de forma satisfatória. Eu me virei, meu olhos ainda baixos, e tomei meu caminho de volta para o abrigo sob as carroças.

Eu estava feliz por estar sozinha. Enterrei minha cabeça nos cobertores e chorei até não poder mais chorar. Em meus braços ainda sentia o calor do bebê que tinha acabado de segurar. Oh, se o chefe soubesse o que acabara de me oferecer! *Oh, se ao menos Wynn chegasse!*

E então, tão rápido quanto começou meu choro, eu o controlei. Havia muito trabalho a ser feito. Segurei-me e rastejei até o lago para jogar água fria em meu rosto. Então saí em busca de LaMeche. Com os homens agora de volta ao acampamento, decidi que seria sensato um homem organizar as coisas.

Encontrei-o sentado numa rocha fumando um cigarro. Ele encostou o toco do cigarro no chão quando me juntei a ele e colocou o restante no bolso da camisa.

— Você está procurando por mim?

Eu enrubesci de leve. Não tinha certeza de como abordar o assunto.

— Sim eu ... não tenho certeza — homens — agora de volta, não precisa de mim para dizer o que fazer.

Ele concordou com a cabeça.

— Mas precisamos de carne — continuei. LaMeche assentiu com a cabeça. — E eles têm armas

— Sim — disse ele. — Eu darei a eles balas — direi para irem caçar.

Soltei um suspiro e sorri levemente quando LaMeche acenou com a cabeça.

Eu me virei para ir, mas ele me interrompeu com suas palavras.

— Você gosta do bebê?

— Oh, sim — admiti antes que pudesse me conter.

— Então por que não ficou com ele? O chefe manteria sua palavra. Ele não aceitaria o menino de volta.

Lágrimas arderam meus olhos novamente.

— Não está certo. Uma criança pertence aos pais. Você viu a mãe dele? Preço muito alto para qualquer um pagar, desistir do próprio filho.

— Entendo — disse ele, e senti que ele realmente entendia. — Então por que não pediu cavalos? Ou peles? — ele questionou.

— Mas eles não me devem nada. Fiz o que Wynn faria se estivesse aqui. Não é por pagamento.

— Você acha que não?

— Claro que não!

— Não há nada que você peça em troca?

— Não, nada — balancei minha cabeça e então parei e meus olhos se encheram de lágrimas, apesar do meu esforço para detê-las. — Somente... apenas para ser uma amiga... um deles. Uma amiga... eu... eu...

Não consegui continuar falando.

— Tem sido difícil para você, esse último ano?

Meus lábios tremiam, então não confiei em minha voz. Eu balancei a minha cabeça, enxugando as lágrimas do meu rosto com uma mão instável.

— Você nos envergonha — disse ele suavemente. — Você dá, mas não quer receber. A partir de agora, vai ter uma aldeia inteira como

seus amigos. Você verá.

Capítulo 19 – Mal-entendido

Foi difícil dormir naquela noite. Agora todos os homens indígenas estavam de volta ao acampamento, e deveria ter sido um grande alívio para mim. Mas por algum motivo, eles ainda pareciam esperar que eu estivesse no comando.

Em torno de cada fogueira familiar havia várias pessoas adicionais para alimentar.

Os homens pegaram as balas que LaMeche forneceu e saíram em uma expedição de caça. O resultado foi dois veados pequenos, cinco esquilos, três coelhos e quatro perdizes para nossa ceia. Dificilmente o suficiente para todas as panelas. Eu novamente adicionei alguns dos meus vegetais na minha panela de ensopado. Melhorou o sabor, agregou nutrição, e fez a carne render. Muitas das famílias comeram a carne com uma espécie de pão achatado cozido na brasa.

Os aldeões que voltaram significavam mais pessoas para se alimentar, mais para dormir e menos espaço para se mover. Eu não queria dormir ao relento, ao lado da fogueira, mas não havia espaço para nem mesmo mais um corpo em nosso abrigo sob o carroça.

Mais uma vez, Estrela de Prata veio em meu auxílio. Ela se aproximou de mim calmamente, enquanto colocava alguns gravetos ao fogo. A voz suave soava como ondulação da água.

— As crianças dormem. Eu vigio o fogo — você dorme agora.

Tentei argumentar, mas ela insistiu. LaMeche, aproximando-se da fogueira com uma braçada de lenha recém-cortada, ouviu nossas palavras e se juntou ao coro insistente de Estrela de Prata.

— Você precisa dormir — disse ele. — Você trabalha duro.

— Mas a Estrela de Prata trabalhou comigo o dia todo — continuei.

— Mas eu durmo melhor na fogueira do que você — ela disse com firmeza.

— Ela está certa — disse LaMeche, — Você precisa de um pouco de privacidade.

Eu ri internamente com suas palavras. Como poderia dormir sob uma lona com duas crianças, dois adolescentes, uma viúva e um casal de idosos ser descrito como “ter privacidade”?

— Eu fico aqui com ela — continuou LaMeche, e notei Estrela de Prata timidamente abaixar a cabeça. Eu sorri. Ela era uma moça atraente, e LaMeche certamente poderia se beneficiar da suavidade que uma mulher e crianças trariam para sua vida.

Parei de protestar e fui em direção à carroça.

Os índios não estavam cansados. Eles conversaram e riram e visitavam uns aos outros nas sombras das fogueiras dançantes. Muito de sua conversa chegava até onde eu estava deitada na escuridão, segurando os poucos cobertores perto do meu corpo totalmente vestido. Mesmo com a proximidade de tantos corpos, ainda estava frio. Eu estremeci e me aproximei de Kinook.

Eu estava tão cansada que só queria dormir. Fechei meus olhos, tentando ignorar o som das vozes. Eles continuaram chamando um ao outro à distância nas fogueiras. Então alguém decidiu que, como as famílias tinham sido poupadas do incêndio, eles deveriam celebrar com uma dança de agradecimento, ou os espíritos poderiam pensar que a gentileza deles tinha passado despercebida. Alguns tambores que haviam sido salvos do fogo foram trazidos para fora e a batida começou. Isso foi o suficiente para fazer que a própria terra pulsasse com a vibração, conforme o ritmo acelerava. Eu me senti como se estivesse tentando dormir com a cabeça no coração palpitante da Mãe Natureza.

O próprio chão parecia ressoar com as batidas dos tambores e os pés dançantes. Muitas mulheres e crianças se juntaram aos homens. Kinook e Kinnea foram as duas primeiras a deixar nosso abrigo. Saíram silenciosamente, levando os cobertores para se protegerem contra o frio da noite.

Mulher Pequena saiu em seguida, não tão silenciosa em sua partida.

Embora fosse pequena em estatura, a índia não tinha o passo leve, e tropeçou no idoso Shinnoo, cujo ronco pesado foi interrompido no meio da expiração e substituído por um rosnado zangado.

Mulher Pequena nem parou para se desculpar, apenas apressou-se nas sombras enquanto Shinnoo rolava de volta e logo roncava novamente.

Todo o meu ser clamava por descanso, mas as batidas dos tambores e as pisadas não permitiram que ele viesse. Conforme a noite avançava, em vez de cansaço, os tocadores e dançarinos pareciam ficar mais frenéticos.

Gritos e risos muitas vezes se misturavam aos cânticos, e eu me deitei tremendo em meus cobertores, orando para que não houvesse “água ardente” no acampamento.

Era quase manhã quando a dança acabou. Kinnea e Kinook rastejaram novamente para seus lugares entre os adormecidos. Pequena Mulher descuidadamente afastou os corpos para que pudesse reivindicar seu lugar sob a lona. Logo o ronco dela se uniu ao de Shinnoo, e eles formaram um dueto e tanto. Enquanto a voz dela se erguia, o ronco de Shinnoo baixava; depois, o dele ganhava volume, enquanto o dela diminuía. Intenso e suave, intenso e suave, como se eu estivesse em um barco balançando.

Foi na modulação dos roncoss que finalmente sucumbi, e dormi.

Quando a manhã chegou, rápido demais, odiei sair de debaixo da segurança da minha lona. O sol já estava riscando o horizonte a leste. Pensei em todas as pessoas famintas ao redor minha fogueira e me forcei a abandonar os cobertores.

Estrela de Prata já estava mexendo uma grande panela fervente de fubá no fogo. LaMeche não estava ali. Havia corpos adormecidos por todos os lugares. Os foliões da noite anterior nem mesmo foram se deitar em seus abrigos rústicos. Homens, mulheres e crianças estavam deitados, amontoados no chão contra o frio da noite.

A maioria das fogueiras fora negligenciada e acabaram apagando. Apenas algumas mulheres mexiam nas panelas. Eu sabia que aqueles deitados espalhados pela beira do lago estariam

com fome quando acordassem. Passei contornando por eles, tomando cuidado para não perturbá-los, e depois de uma caminhada e um banho na água fria do lago, fui para a minha própria fogueira.

Estrela de Prata sorriu timidamente para mim enquanto continuava a mexer na panela.

— Você conseguiu dormir? — perguntei a ela, encobrendo um bocejo e imaginando se ela também participara das festividades.

Ela balançou a cabeça.

— Tanto quanto uma coruja noturna num arbusto — ela respondeu.

Voltando-se para sua caldeira de fubá quente, ela perguntou:

— Você come agora?

Como não tínhamos pratos suficientes para alimentar todos ao mesmo tempo, nós nos revezamos. Normalmente todos eram alimentados antes que chegasse minha vez, mas agora, como os outros ainda estavam dormindo e havia muito a ser feito, eu assenti para Estrela de Prata.

— Nós duas comemos — eu disse a ela, e percebi que estava com fome. — Onde está LaMeche? Devíamos alimentá-lo também.

— Ele pegou um cavalo e uma arma emprestados e saiu.

Ele deve ter percebido que teríamos pouquíssima ajuda dos homens que gastaram todas as suas energias na noite de folia. Eu esperava que ele tivesse alguma sorte — nós precisaríamos de muita carne.

Enquanto eu olhava para os aldeões adormecidos, senti um peso sobre mim. *Se ao menos Wynn chegasse...* Era tão difícil ser responsável por todos eles. Eu não queria a tarefa, não tinha pedido por essa responsabilidade, mas tinha de alguma forma caído sobre os meus ombros.

Soltei um suspiro pesado e voltei para o fogo. Estrela de Prata estava segurando um prato de mingau quente. Eu estava com fome, mas meu estômago não tinha mais apetite por fubá insípido. Peguei o prato com a mão bastante relutante e comecei a comer

lentamente. Quanto tempo teríamos que viver assim? *Querido Senhor, ajude-nos*, orei. E então me lembrei que nem tinha agradecido ao Pai pelo meu café da manhã. Olhei para a polenta. Será que poderia ser grata? Sim, é claro. Poderíamos estar nesta situação sem nada — absolutamente nada. Eu estava grata por Deus ter nos dado tempo de pegar suprimentos no armazém. Pelo menos não estávamos morrendo de fome. Baixei a cabeça e orei novamente.

As crianças foram as primeiras a vir procurar comida. Como os pais ainda estavam dormindo, Estrela de Prata e eu nos ocupamos tentando encher barrigas famintas. Fizemos polenta, servimos café da manhã, lavamos pratos, fizemos polenta, servimos café da manhã, lavamos pratos — repetidas vezes.

Conseguia ouvir os cães de Wynn protestando na pequena ilha pois não tinham sido alimentados, mas eu não tinha nada para dar a eles. Já passava do meio-dia e LaMeche ainda não tinha voltado. Poucos homens haviam despertado. Aqueles que tinham acordado, buscaram algo para comer, e quando não encontraram nada, voltaram para seus cobertores.

As mulheres também não haviam levantado. Comecei a ficar preocupada, pensando que se dormissem o dia todo, estariam prontos para dançar novamente a noite toda. Até considerei despertá-los e atribuir-lhes tarefas na esperança de que estivessem cansados ao anoitecer. Mas eu não era corajosa o bastante para fazer isso.

Pela inclinação do sol, era cerca de duas horas quando o chefe saiu de seus cobertores. Como nenhuma das três esposas estava preparando comida na própria fogueira, o chefe veio para a nossa. Senti a tensão de Estrela de Prata. Ela baixou os olhos e movimentou o corpo esguio inquieto.

O chefe começou a conversa com um grunhido. Presumi que era sua maneira de anunciar que agora estava pronto para comer. Movimentei-me também nervosamente, mas na verdade eu estava cansada e incomodada com todos eles.

Por que apenas alguns deviam carregar toda a carga? E por que devia ser as mulheres? Por que ele não podia tirar os valentes do chão e colocar na trilha por um alce?

Baixei os olhos como era esperado, mas não me movi para pegar um prato de comida para o chefe. Como Estrela de Prata considerava aquela “a minha fogueira”, ela também não ofereceu comida ao chefe.

Quando nenhuma de nós avançou, o chefe se sentou em um tronco e grunhiu novamente.

Ainda assim, não me mexi. Fiquei quieta, meus olhos estudando a ponta desmazelada do meu único par de sapatos.

— Com fome agora — afirmou o chefe em tom desnecessariamente alto.

Eu levantei meus olhos apenas uma fração.

— Chefe honra nossa fogueira — eu disse respirando fundo —, mas o chefe não sabe que está no fogo errado. O acampamento é dividido em fogueiras, e este lugar humilde não é onde o grande chefe come. Suas panelas estão no fogo perto de um pinheiro alto, um lugar adequado para o chefe comer.

Parei e esperei para ver o que aconteceria. Estrela de Prata tinha parado de se mexer, e eu quase podia senti-la segurando a respiração. O chefe olhou para mim com olhar admirado, então grunhiu novamente e se levantou. Ele ia deixar nossa fogueira sem nenhuma palavra. Eu respirei novamente. Então ele parou e se virou, um dedo apontado para o pote de legumes fervendo.

— O que tem na panela? — ele me perguntou.

— Legumes. Legumes da minha horta na ilha.

O chefe inspirou. Então se aproximou e inspirou novamente. O índio olhou diretamente para mim, e desta vez não abaixei meus olhos. Eu tinha expressado submissão suficiente à autoridade daquele homem. Ele estava na minha fogueira, estava me questionando, eu era a esposa do homem da lei, não era submissa às suas leis. Levantei-me e mantive meus olhos fixos nos olhos dele.

— Você plantou isso?

— Sim.

— Disseram-me que a ilha não queimou.

— Não queimou.

O chefe me observou mais de perto, seus olhos escuros e penetrantes enviando mensagens que eu não entendia.

— Você faz magia forte — disse ele.

— Não é magia — eu o corriji balançando a cabeça. — É comida.

— Faz magia forte — repetiu ele —, para fazer crescer comida na ilha amaldiçoada e para fazer o fogo virar e correr.

E então o homem se foi, suas costas rígidas enviando sinais mesmo em sua partida, que ele era o chefe de seu povo.

Voltei-me para Estrela de Prata. Ela voltou a mexer na panela de cozido.

— Que o chefe quis dizer? — perguntei em voz baixa.

Não era um mistério para Estrela de Prata. A jovem me olhou timidamente e em seguida, explicou:

— Chefe Grito de Corvo diz que você tem ótimo poder para fazer o alimento crescer onde existia maldição. Quando alguém faz o bem vir do mal, então essa pessoa tem mais poder do que o mal que existia antes.

— Mas... mas... — gaguejei. — Não tenho poder... nenhum.

— Então por que as plantas crescem? Por que o Grande o tirou do fogo? Por que você tem sabedoria para saber o que fazer?

— Eu... não... É isso que toda aldeia pensa?

Estrela de Prata apenas abaixou a cabeça novamente, como se na presença de alguém maior que ela. Fiquei confusa e com vergonha. Como essas pessoas podiam ser tão supersticiosas a ponto de acreditar que eu era alguma — alguma feiticeira ou algo assim? Fiquei muito angustiada.

Oh, Deus, eu orei, por favor, mande Wynn de volta logo!

O chefe despertou uma das esposas, que por sua vez despertou alguns de seus filhos. Ela se voltou para as panelas e as crianças

foram mandadas para encontrar lenha para o fogo. Eu assisti tudo que ocorria, tremendo desconfortavelmente com a posição incrível que eles tinham concedido a mim. De repente, me sobreveio um novo pensamento. Endireitei meus ombros, engoli algumas vezes, esfreguei as rugas em minha saia suja e fui até a fogueira do chefe.

Capítulo 20 – Alívio

Chefe Grito de Corvo estava sentado em uma grande pedra ao lado da fogueira da sua família, de costas para a esposa do meio, que estava tentando trazer uma pequena chama de volta à vida. Limpei a garganta para que o chefe soubesse que eu desejava uma audiência com ele. Quando ele grunhiu de volta, me atrevi a encará-lo e começar a falar.

— Grande chefe me dá a honra de receber-me para falar com ele.

Eu hesitei, procurando as palavras certas.

— Venho ao Chefe Grito de Corvo para falar da horta. Sei que minha horta está plantada em uma ilha onde ninguém se atreveu a ir devido ao feitiço do mal. Não tenho poder sobre esse mal. Eu sou uma mulher — mulher branca — que sabe pouco sobre os feitiços dos índios, e eu não sou forte contra eles. Mas eu conheço o Grande Deus de todo o céu e terra — o mesmo Deus que fez todas as coisas e governa sobre todas as pessoas.

Ele olhou impassível para mim e eu sussurrei uma oração pedindo sabedoria.

— Ele é aquele que dá conhecimento e poder — continuei. — É no nome dEle que eu venho ao chefe. Este poderoso povo do Chefe está necessitado porque o fogo tomou uma aldeia. Precisamos de muita comida para muitas pessoas. Precisamos de valentes habilidosos para caçar veados, alces e cervos.

Ele estava me observando com muito cuidado agora. Ele parecia estar interessado no que eu dizia, apesar de seu jeito rude. Continuei:

— Precisamos de muitas mãos para juntar ramos de pinheiro para construir abrigos. Se as chuvas vierem novamente, as pessoas não vão ficar quentes e secas. Devemos construir agora. Precisamos de moças jovens para colher ervas compridas do pântano para tecer cestos e redes para pescar. Jovens que conhecem caminhos dos irmãos peixes devem arrastar redes para

que os peixes encham nossas panelas para cozinhar. Precisamos de crianças para recolher gravetos da floresta para manter o fogo embaixo das panelas. Devemos todos trabalhar juntos para cuidar da aldeia — concluí, mordendo o lábio sem fôlego.

Foi um discurso mais longo do que eu pretendia, mas o chefe foi gentil o suficiente para me dar sua total atenção. Quando terminei, ele assentiu. Ficou em silêncio por vários minutos e então falou:

— O que Mulher de Cabelo Dourado quer do chefe?

— Alguém para dizer às pessoas o que deve ser feito.

— Você diz.

— Não mais. Eu dizia quando havia apenas mulheres e crianças, doentes e idosos no acampamento. Agora os homens voltaram. O chefe está de volta. Não é adequado que a mulher ainda dê ordens.

O chefe ponderou nas palavras. Então acenou com a cabeça novamente.

— Diga você — disse ele. — Eu dou ordens.

— Primeiro, deve escolher os melhores caçadores para encontrar carne para as panelas da cozinha — comecei, preocupada se precisaria revisar todo o raciocínio novamente.

O chefe chamou o filho mais velho. O jovem não tinha se mexido desde sua dança selvagem da noite anterior. Pensei que nada iria acordá-lo, mas quando soou o penetrante comando de seu pai, ele ficou de pé.

— Muito a fazer — disse o chefe severamente.

Então o homem começou a falar tão rápido em sua língua nativa que só consegui acompanhar uma palavra aqui e ali.

O filho ouviu com muita atenção. Eu presumi, enquanto falava, que o chefe havia transmitido minha mensagem completa. Ele desacelerou perto do fim e eu consegui acompanhar a conversa novamente.

— Quando tudo estiver feito — concluiu ele —, pergunte à Cabelo Dourado se ela precisa de mais.

Respirei fundo e recuei um passo. Eu não tinha esperado ser tão bem sucedida. No mesmo momento o filho mais velho estava despertando outros homens e dando-lhes atribuições. Alguns pareciam grogues e descontentes com a tarefa, mas ninguém o questionou.

O chefe então chamou a esposa mais velha e deu-lhe o trabalho de organizar as mulheres para suas tarefas. Chamou a esposa mais jovem e a colocou para trabalhar em instruir as crianças na tarefa de carregar lenha para o fogo.

Em poucos minutos, toda a cena tinha mudado. De um bando de gente dormindo sob o sol, às margens do lago, eram agora um povo ocupado com alguma tarefa. Era inacreditável.

O chefe se virou para mim.

— Mais? — perguntou ele.

— Não — eu gaguejei. — Não, não agora não mais. Chefe me traz alegria, e eu...eu...

Como diria ‘obrigado por sua cooperação’ na língua indígena? Eu procurei minha mente rapidamente, mas não veio nenhuma palavra.

— As pessoas vão comer e ser felizes — terminei desajeitadamente.

Baixei meu olhar, para demonstrar minha saída, e me afastei da fogueira da família do chefe.

Quando voltei para minha fogueira, Estrela de Prata olhou para mim com admiração. Ela não disse nada, mas ocupou-se colocando mais lenha na fogueira.

LaMeche, que havia retornado de sua caça, estava comendo um pouco do ensopado de vegetais, e seus olhos olharam para mim achando graça.

— O que você fez para fazer o grande chefe dançar ao toque do seu tambor? — ele me perguntou, sorrindo.

Eu ignorei brincadeira.

— Disse a ele que precisamos das mãos de todos se quisermos comer — respondi simplesmente.

LaMeche sorriu.

— Você tem poderes mágicos — afirmou o índio.

Eu me virei e olhei para ele, com os olhos arregalados. Mas tentei manter minha voz firme.

— Não tenho mágica — informei-o calmamente. — Mágica não é necessária quando o trabalho é feito.

Eu repeti:

— Não é mágica, é trabalho — com grande ênfase.

Ele jogou a cabeça para trás e riu.

Eu o encarei com frieza, que só o fez rir ainda mais.

— Acho que o Chefe é sábio. Melhor não deixá-la com raiva. Você é pior do que um urso ferido.

E ele riu novamente.

Eu não poderia ficar com raiva por muito tempo. A risada de LaMeche era o que precisava para esquecer os pesados fardos dos últimos dias.

— Você está rindo? — eu disse a ele. — Você não ri quando ouve o que lhe dou o que fazer.

LaMeche e Estrela de Prata trocaram olhares e ele suspirou.

— Não, não! — exclamou ele. — Cumpri meu dever, não é verdade, Estrela de Prata?

Estrela de Prata evitou encará-lo novamente, mas sorriu ligeiramente.

— O que você fez? — perguntei a LaMeche.

— Trouxe carne para cozinha na sua panela.

— Você trouxe?

Agora eu estava animada. A provocação podia esperar.

— O que você conseguiu?

— Um porco-espinho gordo, dois coelhos — e um alce.

— Você não... você está brincando agora!

— Não, não. Não estou brincando. Pergunte à Estrela de Prata. Ela já tem carne na panela.

Inclinei-me para cheirar, e vi que ele estava certo.

Sorri para ele.

— Então você trabalha. Podemos comer esta noite. E eu alimento cachorros. Os cães de trenó pedem comida o dia todo.

— Eles pedem agora? — perguntou LaMeche.

Parei para ouvir e não pude ouvir os cães.

LaMeche sorriu novamente.

— Eu os alimento — disse ele. — Quem pode com o barulho de cachorros famintos?

Eu assenti muito agradecida a LaMeche, com medo de que minha voz pudesse entregar meus sentimentos se eu tentasse falar.

O sol estava baixo no céu ocidental quando a esposa do meio do Chefe Grito de Corvo veio me ver.

— Meu marido disse que quer falar com você.

Fiquei apreensiva. O que isso significa? Só os homens eram chamados ao conselho do chefe. Relutante, eu a segui para a fogueira dele. Ele não ficou de pé para me receber, mas fez um gesto para um assento ao lado dele em peles espalhadas no chão.

Sentei-me e esperei que o chefe falasse.

— Está feito. Tudo o que você diz — informou. — Caçadores encontram carne. Dois veados, um urso. Mulheres carregam ramos de pinheiro, fazem abrigos quentes. Amanhã terminarão as redes para pescar. Fogueiras queimar. Pessoas aquecidas e cheias.

O chefe esperou e eu sabia que o homem esperava minha resposta.

— Está bom — eu respondi.

Ele assentiu solenemente com a cabeça.

Então prossegui.

— Amanhã os homens devem caçar novamente. Mulheres devem terminar as redes e os jovens devem pescar. Precisamos de mais cestas. Mais esteiras.

O chefe concordou com a cabeça e sem que ele dissesse mais alguma coisa, fui dispensada.

Estava voltando para minha própria fogueira quando ouvi uma comoção em um extremo do acampamento. Alguém estava

entrando ali pela trilha do lado oeste, apressando-se em nossa direção.

E então, ao longe, reconheci Wynn! Chorando de alegria corri em direção a ele.

— Elizabeth! — ele exclamou enquanto jogava os braços em volta de mim. — Oh, graças a Deus você está segura — ele exclamou, puxando-me para perto enquanto eu o abraçava e chorava em sua túnica escarlate.

Ele afastou o cabelo que encaracolava ao redor do meu rosto. Como não tinha nenhum pente passava meus dedos pelas mechas e o trançava como os índios, mas os cachinhos teimavam em ficar soltos.

— Fiquei tão assustado quando voltei para a aldeia — sussurrou em meu cabelo. — Não sabia o que tinha acontecido com você.

Sufoquei meus soluços e tentei falar.

— Estou bem. Agora que você está aqui, estou bem.

— Oh, minha querida — disse ele e me puxou para perto novamente.

Não conversamos por muitos minutos e então Wynn se afastou um pouco e me observou com cuidado.

— Tem sido difícil para você — estar aqui com todas essas pessoas que... que desconfiam de você?

Por um momento, fiquei perplexa. Nos dias, desde o incêndio, não parei para pensar em como minha situação havia mudado.

Há pouco tempo, as pessoas da aldeia nem mesmo falavam comigo. Como Wynn disse, eles me consideravam uma estranha, uma impostora — mas agora? Agora o chefe me chamou para o conselho. Agora toda a vila cumpria minhas ordens. Agora eles queriam atribuir a mim poderes mágicos!

Comecei a rir. Wynn deve ter pensado que a tensão de toda a situação era mais do que eu podia suportar. Ele me olhou atentamente com olhar ansioso.

— Estou bem — assegurei-lhe. — Muito bem, e estou tão feliz que você esteja de volta. Senti tanto a sua falta. Não havia ninguém para assumir o comando.

Wynn olhou ao redor para as fogueiras das famílias, os abrigos, a carne pendurada nas árvores, a rede arrastão que estava tomando forma, os cestos recém-trançados.

— Parece muito bem organizado para mim — comentou ele.

— Contarei tudo a você mais tarde — prometi. — Agora eu só quero ouvir que você nunca mais me deixará.

Sabia que Wynn não podia me fazer tal promessa, e ele sabia que eu entendia. Mesmo assim, eu estava feliz que ele me abraçasse apertado por um momento, antes de voltarmos para o fogo e a panela para preparar o jantar. Wynn olhou o tamanho do ensopado que estava fervendo. Então olhou para trás de mim.

— Parece que você está cozinhando para um exército — disse ele.

— Não é um exército. Apenas nossa 'família'. Ela cresceu um pouco desde que você saiu, e eles logo virão para o jantar, então é melhor se apressar e comer logo. Precisamos lavar o prato que você está usando umas quatro vezes antes de terminar de alimentar a todos eles.

Então eu ri e beijei a bochecha barbuda de Wynn.

— Você ficou longe por tanto tempo que fiquei preocupada — disse a ele. — Graças a Deus, finalmente você está de volta.

Capítulo 21 – Reunião

Após a refeição da noite ser servida a todo o nosso pequeno grupo e os pratos serem lavados e colocados para secar, Wynn e eu nos sentamos ao redor do fogo com LaMeche, enquanto Estrela de Prata colocava os filhos para dormir. Eu não estivera observando-a de perto, e não percebi que ela foi a um abrigo de galhos de pinheiro em vez do abrigo provisório entre as carroças.

Eu sabia que nossos aposentos lotados não abrigariam Wynn agora também, mas ele e LaMeche estavam conversando, então não pude fazer planos.

Wynn queria saber todas as circunstâncias do incêndio, e LaMeche explicou tudo detalhadamente, usando todo o seu vocabulário mais sua herança francesa de gestos. Ele me descreveu de tal forma como a heroína que fiquei vermelha de vergonha.

LaMeche contou a Wynn como eu havia organizado as mulheres e crianças para cuidarem de si mesmas e umas das outras após o incêndio, e então quando o chefe e os homens voltaram, eu novamente tinha conseguido manter as coisas funcionando.

Os olhos de Wynn estavam arregalados de admiração. Era tão atípico da minha personalidade e tamanha reviravolta, se comparado ao meu contato anterior com os índios, que ele mal podia acreditar. Agora que tinha parado para pensar, eu mesma achava difícil de acreditar.

— O povo da tribo acha que ela tem grandes poderes ‘mágicos’— continuou LaMeche.

— Mágicos? — disse Wynn. — Por que mágicos?

— Porque a horta dela cresce em um lugar proibido — o fogo parou quando chegou perto da horta, se virou e correu. Ela tirou todas as pessoas da aldeia e as mantém no acampamento. Até o chefe acha que ela tem mágica!

Wynn olhou para mim como se me perguntasse se isso era verdade. Eu só pude dar de ombros, me sentindo desconfortável.

— Não fiz nada para fazê-los pensar isso — protestei baixinho em inglês para ele. — Eu só... oh, Wynn! É tão confuso e ridículo. O que vamos fazer agora?

Wynn sorriu.

— De pária a deusa, tudo em alguns dias. É uma mudança e tanto, Elizabeth — ele respondeu, também em inglês.

— Não acho engraçado — protestei. — Gostaria que você não brincasse. Você não vê que situação embaraçosa? Eu não quero estar relacionada com a adoração supersticiosa deles.

Wynn pegou minha mão. Ele podia ver que eu estava profundamente preocupada.

— Nós iremos explicar — disse ele com segurança. — Vou falar com o chefe amanhã — e Wynn não resistiu em agregar —, se você for tão gentil para me conseguir uma audiência.

Fingi que lhe dei um tapa, mas Wynn conseguiu evitar meu golpe de brincadeira.

A conversa, então ficou séria. Wynn se virou para LaMeche.

— Quanto você perdeu? — questionou no idioma indígena.

Os olhos do mercador escureceram. Ele encolheu os ombros e respondeu descuidadamente:

— Simplesmente tudo.

— Não conseguiu salvar nada?

— Só o que será consumido pelas pessoas antes que se passem muitos dias.

— Nenhuma de suas peles?

— Apenas algumas peles e cobertores que as pessoas estão usando — LaMeche respondeu.

Eu não tinha parado para pensar sobre o altruísmo do comerciante. Ele não reteve nada, tudo que tinha no mundo colocou à disposição do povo.

— Verei se algo pode ser feito por você — prometeu Wynn.

— E você? — perguntou LaMeche.

— Eu? — disse Wynn.

— Você perdeu muito também.

Wynn balançou a cabeça, e pegou minha mão.

— Eu perdi muito pouco — disse ele —, agora que sei que Elizabeth está segura.

Eu apertei a mão dele com força.

— Lamento — Wynn continuou — termos perdido todos os meus remédios. Espero que não tenhamos necessidade de nada antes que um novo carregamento possa chegar aqui.

— E como você planeja conseguir mais? — perguntou o comerciante.

— Vou ver o chefe amanhã e pedir sua ajuda no envio de um mensageiro até Athabasca. De lá, enviarei uma mensagem para o Quartel, e eles farão o que for necessário.

LaMeche assentiu.

— Quanto tempo? — ele indagou.

— Não tenho certeza. Depende do clima e da disponibilidade de material e homens.

Foi um alívio ouvir Wynn fazendo os planos e arranjos. Eu me acomodei, relaxei e deixei suas palavras tomarem conta de mim. O fogo tremeluziu e seu calor se espalhou em meu corpo, me fazendo ficar cada vez mais sonolenta, enquanto ouvia o zumbido de vozes.

Me encolhi e puxei o cobertor sobre mim.

— O que você vai fazer? — Wynn perguntou ao comerciante.

— Vou construir de novo. Vai ser difícil começar, não tenho dinheiro. Posso ter que voltar às trilhas de caça por alguns anos, mas vou trabalhar e vou construir

Pude ouvir o riso na voz de LaMeche quando ele agregou:

— Não é mágica — ele disse — mas trabalho.

Estava certa de que Wynn não ia entender todo o significado dessa declaração.

— O que restou para as pessoas? — Wynn perguntou.

— O bastante — disse LaMeche. — Eles sobreviveram com menos.

Então houve apenas silêncio até que LaMeche disse suavemente:

— Você deve levá-la para a cama. Ela dormiu pouco por muitas noites. Ontem à noite, quando poderia ter dormido, os valentes dançaram e tocaram a noite toda. Ela vai ficar doente.

Senti as mãos de Wynn em meus braços.

— Beth — ele sussurrou. — Beth, é hora de dormir. Venha, vamos dormir um pouco.

— Não podemos ir para a cama — murmurei. — Não há espaço.

— Espaço o suficiente — respondeu LaMeche. — Tirei todos os índios do seu abrigo hoje. Eles têm seu próprio lugar agora.

Eu não sabia disso.

Wynn desejou boa noite a LaMeche e ajudou-me a ficar de pé. Eu mal tinha consciência de ser conduzida enquanto ziguezagueava nosso caminho pelo acampamento e depois para o abrigo das carroças.

Eu estava tão cansada que não conseguiria nem me despir, mesmo se tivéssemos privacidade. Wynn me trouxe para perto nos cobertores e então tirou as botas e se deitou ao meu lado.

Lembro-me de seu braço puxando-me para perto, e meu sussurro:

— Graças a Deus você está em casa — e então eu fui embora, relaxando nos braços reconfortantes de Wynn e do sono.

Capítulo 22 – Recomeçando

Ninguém me acordou na manhã seguinte, e dormi muito depois do que eu pretendia. Fiquei envergonhada quando finalmente me levantei e achei o acampamento num alvoroço de atividade. Estrela de Prata e Mulher Pequena alimentaram toda a nossa família, e as duas meninas carregaram madeira suficiente para o dia. Chefe Grito de Corvo já havia enviado cada um dos trabalhadores do campo para sua tarefa designada.

Quando Estrela de Prata me informou que Wynn tinha ido ver os cães, eu nem esperei para comer o café da manhã, mas me apressei até a pequena ilha para me juntar a ele.

Eu o encontrei curvado sobre Franco. O cachorro estava bastante estável de pé, mas ainda respirava pesadamente, como um velho com asma. Os dedos de Wynn percorreram o peito e as costelas do cão, buscando a extensão do dano.

Ajoelhei-me ao lado dele, questionando-o com os olhos.

— Bom dia, Elizabeth — disse ele, com o rosto sério abrindo-se em um sorriso.

— Ele está muito mal? — perguntei.

— Muito mal. É incrível que não tenhamos perdido todos eles quando vemos o quão perto chegou o fogo.

— Esqueci de contar sobre Tip e Keenoo — disse suavemente. Eu sabia o quanto a matilha de Wynn significava para ele.

— LaMeche me contou.

Os outros cães estavam todos clamando por alguma atenção, então eu saí e Wynn foi acariciá-los, começando primeiro com Flash e depois com os demais. Wynn logo se juntou a mim.

— Franco ainda será capaz de trabalhar no trenó? — questionei.

— Acho que não — disse Wynn, —, mas vamos dar a ele algumas semanas e ver o que acontece.

Conduzi Wynn pela mão para admirar minha horta. Ele mal podia acreditar que as plantas tivessem sobrevivido ao calor do fogo. Conteí sobre minha extensiva rega no dia anterior, e ele apenas sorriu e balançou a cabeça.

— Você já esteve na aldeia, Elizabeth? — ele me perguntou.

— Não. Realmente não houve tempo — e eu acho que não queria ver — admiti.

Wynn olhou para meus sapatos.

— Há algo que gostaria que você visse, mas vai deixar os seus sapatos cheios de fuligem.

— Eles não podem ficar muito piores — brinquei, olhando para as botas manchadas pelo lamaçal de chuva.

Wynn me ajudou a cruzar o riacho e partimos para o assentamento.

Não havíamos dado muitos passos até entrarmos nos restos de carvão que antes haviam sido árvores e arbustos. A trilha para a aldeia não era mais distinguível. Tudo ao nosso redor estava carbonizado... tocos e árvores caídas que não queimaram completamente. Era uma visão horrível.

— O que aconteceu com LaMeche? — Wynn me perguntou.

As palavras aterrorizaram meu coração.

— Aconteceu alguma coisa...

— Não, não — Wynn foi rápido em explicar —, só quis dizer que ele está mudado, está diferente de alguma forma. Lembra como você costumava ter pavor de falar com ele por causa do mau humor...

— Ele está diferente. Oh, Wynn, não sei o que teríamos feito sem ele. Ele tem ajudado tanto. Creio que foi o fogo que fez isso.

Fiquei pensativa por um momento.

— Acho que o fogo mudou muitas coisas.

— Bem, não gosto de algumas mudanças, mas LaMeche — eu até que gosto dessa mudança — respondeu Wynn.

— Eu também — concordei. — Ele sorri e até dá risada. E também zomba de mim — sem piedade.

Sorri para mim mesma, lembrando como tinha ficado zangada com a zombaria dele, mas talvez isso tenha me ajudado a manter minha sanidade no processo.

— Você sabe o que eu acho? — continuei. — Não acho que ele tenha sido sempre tão rude e taciturno quanto tentava parecer. Acho que era tudo um disfarce. Olhe para ele. Deu para as pessoas tudo o que tinha sobrado de suas coisas, sem um murmúrio. Ninguém poderia mudar tanto, tão rapidamente, a menos que já fosse assim em seu íntimo.

Wynn riu.

— Talvez você esteja certa — disse ele. — Talvez LaMeche estava apenas tentando parecer durão.

Chegamos então ao que tinha sido a aldeia. Foi uma visão lamentável. Muitos pedaços de toras se cruzavam onde antes ficavam as casas. Na verdade, eram moradias rústicas, mas haviam sido lares, de qualquer maneira. Aqui e ali, algum objeto de ferro erguia a cabeça através dos escombros, desafiando até o fogo.

Queria fechar meus olhos para tudo aquilo, mas não consegui. Observei cuidadosamente enquanto caminhávamos, tentando recriar em minha mente o que tinha estado ali antes. Podia ver a cabana, recordar quais cachorros estavam amarrados ali, qual das mulheres se ocupava ao redor daquela porta, para deixar seu trabalho enquanto eu passava. Podia recordar as crianças brincando no quintal, com os olhos arregalados de admiração ou medo diante da estranha mulher branca.

E agora, essas mesmas mulheres lavavam os pratos no lago ao meu lado, as crianças corriam até mim para receber ordens, outros cozinham na minha fogueira ou compartilham do meu ensopado. Como as coisas mudaram!

— Olha aqui — comentou Wynn e eu voltei ao presente.

Estávamos diante do que tinha sido nossa cabana. Parte da estrutura de uma parede permanecia de pé, parecendo que iria tombar com o primeiro sopro de vento, mas ainda sustentando alguns metros do telhado. A prancha que foi pregada no telhado em uma inclinação, que formava um rústico canal de água, ainda se

estendia ao longo do comprimento do telhado, carbonizado e queimado, mas ainda visível.

Então meus olhos seguiram o dedo indicador de Wynn. Ali, diante de nós, estava meu barril da “promessa”, transbordando com água da chuva.

Eu não podia acreditar no que meus olhos estavam vendo. Em alguns pontos, os trapos salientes mostravam onde havíamos trabalhado no barril. O alcatrão descoloriu muito do lado de fora, mas estava segurando a água!

Lágrimas brotaram de meus olhos e não consegui falar. Senti o braço de Wynn deslizar ao meu redor e me puxar para perto. Olhei para ele com os olhos úmidos e percebi que seus olhos também brilhavam.

— Oh, Wynn — finalmente consegui —, Ele cumpriu Sua promessa, mesmo em meio ao fogo.

— Ele sempre cumpre Suas promessas, Elizabeth — Wynn me lembrou.

Então olhei ao redor, para os restos da aldeia.

— Mas isso é tão diferente do que eu esperava.

O braço de Wynn me apertou. Nós dois ficamos em silêncio.

Saímos de perto do barril e começamos a olhar para os destroços marcados de nossa cabana, para ver se havia algo recuperável.

Wynn pegou a chaleira de metal.

— Você acha que ainda mantém a água aí dentro?

— Vamos levar para ver — respondi.

A estrutura de metal da nossa cama estava lá, mas estava retorcida demais para ser reaproveitada. Havia alguns recipientes e potes, a maioria deles não podiam mais ser usada. Mas parecia que algumas coisas valiam a pena serem esfregadas.

Depois que terminamos de vasculhar, voltamos para o acampamento. Lembrei-me que não tinha tomado café da manhã e estava com fome.

Também sabia que havia muito trabalho a fazer no acampamento e, como eu dissera ao chefe, todos precisavam trabalhar juntos. Embora eu estivesse feliz por ter Wynn de volta para carregar a maior parte das responsabilidades, eu ainda tinha tarefas que precisava cumprir.

— Preciso voltar — disse a Wynn. — A pobre Estrela de Prata teve de fazer todo o meu trabalho esta manhã.

— Falando em Estrela de Prata — disse Wynn com um brilho nos olhos —, estou imaginando coisas ou eu a vejo lançando olhadelas na direção do nosso mercador?

— Espero que sim — disse entusiasmada. — Não seria maravilhoso?

— Se o mercador concordar...

— Espero que sim. Não seria maravilhoso para ele ter uma esposa e família? Oh, Wynn, espero que dê certo!

— Você se transformou em cupido? — Wynn me perguntou com um sorriso malicioso.

— Não, claro que não — retruquei. — Honestamente, não tive nada a ver com isso. Mas — admiti mais lentamente —, se achasse que poderia ter alguma influência, poderia tentar.

Wynn riu e me ajudou a passar pelo tronco caído na corrente.

Caminhamos em um silêncio confortável. Ao nos aproximarmos do acampamento, Wynn disse:

— Vou conversar com o chefe esta manhã. Precisava ter algum tempo primeiro para revisar os danos e calcular nossas necessidades. Espero enviar um mensageiro o mais rápido que puder me organizar. Será que você pode parar um pouco para elaborar uma lista de coisas que está precisando?

— Farei isso.

Wynn ainda parecia pensativo.

— Ainda não descobri como farei isso — admitiu ele. — Ninguém consegue simplesmente lembrar uma lista inteira — e dificilmente tentará raspar em casca de bétula.

— O que quer dizer com isso? — questionei.

— Não tenho nada com que escrever uma carta ou fazer uma lista — respondeu Wynn.

Eu sorri lentamente.

— Sabe — eu disse —, simplesmente não há como minha cabeça ter funcionado tão bem, para me antecipar, e pegar lápis e papel — mas foi exatamente o que eu fiz.

— Você o que?

— Tenho um toco de lápis e folhas de papel. Quando corri para a cabana, eu apenas peguei coisas ao acaso, sem nem pensar — peguei até mesmo alguns pedaços de lenha — eu ri. — Achei estranho quando vi o lápis e o papel, mas creio que havia uma boa razão, afinal de contas.

— Acho que sim — disse Wynn, me dando outro abraço.

Depois de falar por várias horas com o chefe Grito de Corvo, Wynn passou o resto do dia organizando as necessidades da aldeia e elaborando sua lista no papel que eu havia salvado do fogo. Não tinha uma aparência muito oficial, mas bastava. Quando ele terminou sua tarefa, cada folha do papel tinha sido coberta com uma lista de suprimentos essenciais.

Na manhã seguinte, três valentes e LaMeche partiram nos melhores cavalos para o assentamento de Athabasca Landing. Wynn deu a eles instruções sobre quem procurar quando chegassem lá.

Os valentes pareciam entusiasmados com a nova aventura, mas tentaram não deixar este fato transparecer. LaMeche não parecia gostar da ideia de retornar à “civilização”, mas foi sem questionar. Vi Estrela de Prata olhando timidamente de olhos baixos para obter um último vislumbre dele, antes que desaparecessem de nossa vista. Tivemos que esperar muitos dias antes que os homens e os materiais necessários pudessem chegar ao nosso acampamento.

Capítulo 23 – Ajustes

Wynn agora tinha grande cooperação do chefe na execução dos assuntos do acampamento. Embora o chefe não tivesse sido abertamente hostil no passado, ele tinha sido às vezes retraído e um pouco arrogante. Era muito mais fácil trabalhar com ele em seu atual estado de espírito.

As mulheres conversavam e riam enquanto lavavam a roupa na água do lago ou transportado seu abastecimento de água fresca da corrente. Agora que os homens estavam de volta, a experiência de ‘acampar’ não era difícil para elas — exceto nos dias e noites em que chovia. Mesmo tendo reforçado os abrigos de pinheiros, não havia maneira de se protegerem totalmente da água, então as pessoas andavam encharcadas, com frio e um tanto miseráveis. Eu temia uma epidemia de resfriados ou febre, mas eles pareciam permanecer saudáveis.

Wynn encontrou mais lona em nosso vagão de suprimentos, que colocou ao redor do nosso abrigo. Nós quase tínhamos privacidade, um grande alívio para mim. Eu pude trocar as roupas sujas e tomar uma espécie de banho. Fiz como as índias e lavei o cabelo na água do lago. Estava frio e eu não tinha nenhum tipo de sabonete, então não ficou um trabalho muito satisfatório, mas saiu um pouco do cheiro de fumaça do meu cabelo.

As mulheres indígenas agora timidamente me incluíam em suas conversas, até mesmo vindo à minha fogueira para uma xícara de chá.

As crianças também sorriam e até acenavam ocasionalmente quando passavam pelo acampamento em seu caminho para pegar lenha. Estou certa de que o fato de termos em nossa fogueira as duas órfãs, Kinook e Kinnea, colaborou para tal fato.

Fiquei pensando nas duas meninas. Contaram-me que elas viviam sozinhas desde a morte da mãe, tendo perdido seu pai vários anos antes. Agora que tinham perdido a cabana, será que o povo do assentamento reconstruiria outro lar para elas? Seriam forçados a

encontrar refúgio com outra família aglomerada? Ou será que se casariam cedo — cedo demais, na minha opinião — com um ou outro dos aldeões como segunda ou terceira esposa?

Queria mantê-las comigo e com Wynn. Mas lembrando de nossa pequena cabana de um cômodo e esperando a nova casa ter tamanho semelhante, percebi que não teria como fazer isso. Ainda não tinha tido oportunidade de falar com Wynn sobre elas, mas prometi a mim mesma que o faria assim que tivesse oportunidade.

Algumas mulheres encontraram um canteiro de frutas silvestres a noroeste de onde estávamos, um local que não tinha sido afetado pelo fogo, e todas nós partimos para ir até lá numa manhã com cestos recém-tecidos.

Estávamos animadas no dia claro e brilhante de final de verão, apesar de nossa realidade precária. A conversa das mulheres e a risada das meninas giravam ao meu redor, enquanto eu caminhava lentamente aproveitando o passeio.

Estrela de Prata deteve-se para andar ao meu lado. Tinha deixado os dois filhos pequenos aos cuidados das mulheres que partilhavam da nossa fogueira.

Caminhamos em silêncio por alguns minutos, e então a jovem índia falou baixinho:

— O Sargento já teve notícias dos valentes?

— Não — respondi —, ainda não.

Seus olhos pareciam tristes.

— Estrela de Prata está preocupada? — eu perguntei gentilmente.

Estrela de Prata apenas assentiu ligeiramente, baixando os olhos, mas não antes que eu pudesse perceber o olhar preocupado.

— Está preocupada com um dos valentes? — indaguei.

Ela balançou a cabeça.

— Então se preocupa com o mercador?

Os cílios dela tremeram e o rosto enrubesceu ligeiramente, mas a moça não disse nada.

— Ele vai ficar bem — assegurei-lhe. — Ele viveu fora antes, sabe tudo como é viver lá.

— Estrela de Prata sabe disso — ela sussurrou.

— Então por que está com medo? — eu perguntei a ela.

De repente, soube a resposta. A jovem tinha medo de que LaMeche não voltasse, que decidisse ficar no mundo exterior, onde o modo de vida era muito mais fácil do que enfrentar incêndios florestais, doenças e fome, longe de qualquer ajuda.

— Ele vai voltar — disse em tom consolador, esperando de todo o coração que estivesse certa.

Estrela de Prata se atreveu a olhar para mim com o semblante ainda ansioso, mas com esperança brilhando em seus olhos.

Chegamos ao canteiro de frutas vermelhas e todas se puseram a trabalhar enchendo nossas cestas. Os frutos eram pequenos e escassos por causa da falta de chuvas de verão, mas estavam deliciosas e eram um verdadeiro deleite, depois de tantos dias de dieta limitada. Comi alguns de vez em quando, enquanto colhia. As outras também — podia afirmar pelas manchas azuis na língua e nos dentes.

Não teríamos como preparar uma torta ou fazer compotas com o que restasse, mas as desfrutaríamos frescas e talvez até mesmo deixaríamos algumas para secar ao sol.

Tiramos tudo que podíamos do canteiro antes de deixá-lo, embora não tivéssemos nem mesmo enchido nossas cestas. Precisaríamos fazer mais patrulhas na área para procurar mais canteiros se quiséssemos colher mais.

Em silêncio, partimos para casa, andando em fila única ou de duas em duas.

Novamente Estrela de Prata se juntou a mim na caminhada, mas ela não ofereceu nenhuma conversa enquanto caminhávamos e, respeitando o silêncio dela, também não falei.

Nanawana, a esposa mais jovem do chefe, caminhava um pouco à nossa frente, levando o filho adormecido amarrado às

costas. Não pude evitar de ficar olhando para a criança enquanto ela caminhava.

Que bebê lindo! meu coração exclamou. Seus cabelos e olhos negros, suas bochechas rechonchudas e com covinhas, seu punho fortemente cerrado perto da boca, caso ele precisasse de algo para chupar, me fez lembrar do Samuel.

Uma lágrima veio espontaneamente, e Estrela de Prata me viu enxugá-la.

A índia olhou para o bebê, com a cabecinha balançando a cada passo de sua mãe, e eu soube que Estrela de Prata entendia meus braços vazios.

Fiquei feliz quando chegamos à aldeia, quando novamente fiquei ocupada demais para pensar em qualquer coisa além das tarefas que tínhamos nas mãos.

Os dias não mudaram muito. Nossa maior tarefa era manter todos alimentados. Minha pequena horta estava quase vazia, não haveria nada para guardar e usar no inverno.

Sem admitir uns para os outros, logo começamos a vigiar o horizonte sudeste, para ver se tínhamos algum vislumbre dos homens retornando. Se queríamos ter casas decentes construídas antes que chegasse o inverno, era preciso começar imediatamente. Todos os dias estavam contados.

Wynn não expressou nenhuma de suas preocupações, mas constantemente via seus olhos virarem em direção ao sudeste. Sabia que estava ansioso pelo retorno daqueles que havia enviado.

Ao chegar o pôr do sol do décimo segundo dia, tínhamos acabado de lavar os pratos pela última vez após o jantar. Ouvimos o grito de alguém no acampamento.

Todos os olhos se ergueram rapidamente em direção ao sudeste, onde três cavalos apareceram, e os cavaleiros respondiam com as mãos erguidas. Eram três cavaleiros, mas deviam ser quatro! Olhei rapidamente para Estrela de Prata.

A cabeça dela estava abaixada, e o rosto escondido. Sabia que a jovem também estava ciente que faltava um dos homens.

Como ele pôde? Pensei comigo em silêncio, acusando LaMeche, sabendo que isso partiria coração de Estrela de Prata. *Como ele pôde fazer isso com ela?*

Mas quando os três cavaleiros chegaram à aldeia e foram recebidos pelos aldeões rodeando os que chegavam, vi que não era LaMeche que estava faltando. Ele abriu caminho no meio da multidão e se aproximou da nossa fogueira.

Sorri, dando as boas-vindas, mais aliviada do que ousava demonstrar, e procurei Estrela de Prata. Ela não estava lá. Em algum momento durante a comoção, ela escapuliu silenciosamente.

Percebi que LaMeche também estava olhando ao redor, e imaginei que ele também estivesse procurando por ela, embora não tenha perguntado. Em vez disso, pegou uma xícara e pediu um café.

— Ainda há sopa quente — informei.

Agradeceu pela tigela e sentou-se perto do fogo.

— Como foi a viagem? — perguntei.

— É bom estar em casa — foi a resposta.

Sabia que um relatório seria entregue integralmente a Wynn, então não fiz mais perguntas.

— É bom ter você em casa — eu disse em vez disso.

LaMeche tomou um gole lentamente da xícara fumegante.

— As coisas correram bem? — ele perguntou.

— Sim — eu disse com certa hesitação, pensando nos dias de chuva e as dificuldades com as roupas e cobertores molhados. — Bem como poderíamos esperar.

Wynn se juntou a nós então, e LaMeche ficou de pé, estendendo a mão. Então pôs a mão no bolso e retirou um envelope volumoso. Wynn o pegou, sentou-se em um tronco e abriu o envelope para revisar o conteúdo. Wynn ficou em silêncio enquanto lia. Quando dobrou a carta oficial e a devolveu ao envelope, eu não aguentava mais.

— Então? — eu questionei.

— Os suprimentos vão chegar assim que puderem passar — disse ele com algum alívio. — Eles também vão enviar alguns homens para ajudar na reconstrução.

Soltei um grande suspiro. Um grande peso foi tirado dos nossos ombros, ao sabermos que viria ajuda para fornecer aos aldeões abrigos adequados antes da chegada do inverno.

— Como foi sua viagem? — Wynn perguntou a LaMeche.

LaMeche apenas encolheu os ombros.

Achei que o índio fosse se recusar a falar, mas ele me surpreendeu. Assim que terminou a sopa, encheu a xícara de café, enrolou um cigarro para si mesmo e se acomodou em um tronco de uma árvore, LaMeche começou a contar tudo sobre a viagem, sobre os valentes com os quais viajou, as pessoas que conheceu, onde ficaram, a reação dos três jovens às coisas que viram. Então, contou sobre a “água ardente” que os três valentes obtiveram de alguma maneira, como conseguiram beber até o estupor, que eventualmente os levou a uma briga, que resultou na prisão de um dos valentes, por um período de dois meses.

Por mais que tentasse arrazoar e negociar, LaMeche não conseguiu libertar o jovem da prisão. Por fim, desistiu e foi forçado a voltar para casa sem ele.

Conhecia o rapaz apenas de vista, mas ele era arrogante e se gabava até mesmo entre as pessoas do acampamento. Não era difícil imaginá-lo se metendo em apuros ao chegar a um lugar onde não era supervisionado de perto.

— Por que o chefe o enviou? — perguntei a Wynn mais tarde, quando estávamos sozinhos. Ele balançou a cabeça.

— Talvez tenha pensado que o rapaz precisava de uma lição, não sei.

— Você falou com o chefe? — perguntei.

— LaMeche foi passar o relatório para ele. Se o chefe quiser falar comigo, mandará me chamar.

Wynn estava certo. Em poucos minutos o filho do chefe veio pedir a presença de Wynn em sua fogueira.

Eu agitei as brasas e adicionei mais alguns gravetos à nossa fogueira, ainda me perguntando sobre Estrela de Prata.

Não precisei ficar me perguntando por muito tempo. Logo ela estava de volta, com os olhos pesados.

Eu estava prestes a dar a notícia sobre o retorno de LaMeche, mas a jovem falou primeiro.

— Estrela de Prata pode precisar deixar sua fogueira — disse ela em tom solene.

— O que quer dizer? — perguntei rapidamente.

— Lobo Cinzento me deixa presentes.

Ergui a cabeça. Deixar presentes era a maneira de um índio demonstrar suas intenções para a uma moça.

Mas Lobo Cinzento? Ele era barulhento e rabugento. Ele já tinha uma esposa e era conhecido por bater nela com uma boa regularidade. Prendi a respiração, sem saber o que dizer.

Estava claro no rosto de Estrela de Prata que ela não gostava da ideia. E então percebi que Estrela de Prata gostava do comerciante e esperava que LaMeche pudesse agir antes que Lobo Cinzento exigisse sua resposta.

— Mas... mas... — gaguejei —, não pode esperar?

— Ele diz que já esperou o suficiente. Ele olha para mim com raiva nos olhos.

— Você não pode simplesmente dizer não?

Estrela de Prata levantou-se de sua posição agachada, seus olhos encontraram os meus e ela falou suavemente, mas com força.

— Sou viúva, com duas crianças pequenas. Sou um fardo para as pessoas da aldeia. Se alguém deseja se casar comigo e cuidar de minhas necessidades, é meu dever aceitar.

— Mas... mas Lobo Cinzento? — eu disse, odiando o pensamento.

Estrela de Prata baixou os olhos novamente e se agachou perto do fogo. A cabeça dela e os ombros magros se curvaram em resignação, formando uma imagem lamentável.

Eu estava estendendo a mão para colocar a mão em seu ombro quando uma voz atrás de nós falou com força, rompendo a quietude da noite escura.

— Nunca! — exclamou, e seguiu-se um insulto. — Eu nunca vou deixar ele levar você.

Era LaMeche, que tinha voltado a tempo de ouvir ao menos uma parte da nossa conversa. Estrela de Prata deu um suspiro assustado e estendeu a mão involuntariamente em direção a LaMeche, mas rapidamente recuperou o equilíbrio, baixou o olhar e deixou cair a mão.

O silêncio caiu e pareceu ser duradouro. Ninguém estava fazendo ou dizendo qualquer coisa. Por que LaMeche não continuava falando? Ele apenas ficou lá, parecendo irritado e chateado, com os olhos ainda fixados na trêmula Estrela de Prata.

Respirei fundo e dei um passo para trás. Queria sacudir os dois, fazer que falassem um com o outro.

— E como ela pode impedi-lo? — ousei perguntar incisivamente.

LaMeche não olhou para mim. O olhar dele ainda estava fixo em Estrela de Prata. Logo, os olhos de LaMeche suavizaram, e a jovem o encarou, com amor e esperança nos olhos negros como gemas.

— Se ela aceitar meus presentes — respondeu LaMeche gentilmente, e Estrela de Prata baixou novamente os olhos brilhantes. Então a jovem viúva saiu, desaparecendo silenciosamente na escuridão da noite.

Olhei para LaMeche, que acenou para mim com o rosto ainda sério, e foi, então, engolido também pela escuridão da noite.

Quando cheguei em nossa fogueira na manhã seguinte, Estrela de Prata já estava lá, mexendo a panela fervente com as bochechas coradas. Não tinha certeza se a nova cor era devido ao calor ou pelo mesmo motivo que estava fazendo seus olhos brilharem.

A jovem também estava vestindo uma saia nova — com cores brilhantes que circulava todo o volume da saia, destacando-se entre

todas nós, que usávamos saias desbotadas. Tinha também uma corrente de prata com pedras turquesas em volta do pescoço, brilhando ao sol da manhã.

Não fiz perguntas, mas creio que manter o silêncio naquele momento foi uma das coisas mais difíceis que já fiz em toda a minha vida. Era óbvio que alguém tinha “presenteado” Estrela de Prata e que ela realmente tinha aceitado o presente. Eu tinha quase certeza que conhecia o doador.

Não esperei muito pela confirmação. LaMeche e Wynn logo vieram para a refeição matinal. Eu vi os olhos curiosos de Wynn caírem sobre a jovem viúva atraente, e então eu rapidamente indiquei LaMeche com meu olhar. O mercador tentou ser muito casual ao tomar seu lugar, mas o vi fitando Estrela de Prata e seu rosto estava relaxado.

La Meche sorriu levemente, e os olhos deles se encontraram e uma promessa se passou entre eles. Eu sabia que nosso assentamento logo estaria comemorando um casamento.

Quando passei por Estrela de Prata para pegar a panela fumegante do fogo, estendi a mão para dar um pequeno aperto na mão dela. A jovem índia entendeu minha mensagem e devolveu a pressão ligeiramente. Meus olhos estavam úmidos enquanto servia aos homens o café da manhã.

Capítulo 24 – Mudança

—Elizabeth, você tem alguns minutos?

A voz de Wynn me fez parar de estender algumas roupas recém lavadas nos arbustos. Eu olhei para ele, assenti e sorri.

— O que foi? — perguntei.

— Pensei que poderíamos dar um passeio fora do acampamento e conversar por alguns minutos — ele convidou.

Eu estava confusa. Wynn geralmente não me pedia para abandonar minhas tarefas matinais apenas para conversar.

— Certamente — respondi, percebendo que havia algo diferente nessa conversa. Senti uma pequena apreensão, mas tentei não deixar transparecer.

Kip se juntou a nós, quando nos viu descendo o caminho que passava ao redor do lago. Estendi a mão para acariciar o pelo denso. Fazia dias que Kip não tomava banho, ou era escovado, e o pelo estava sujo e emaranhado como a maioria dos cães da aldeia. No entanto, Kip estava bem humorado. A vida rústica parecia combinar com ele.

Decidi que não questionaria Wynn até que ele estivesse pronto para falar. Em vez disso, conversei sobre Estrela de Prata e LaMeche, compartilhando que eles se casariam assim que LaMeche pudesse construir um abrigo permanente.

Wynn sorriu, sabendo o quão satisfeita eu estava com aquela união.

Caminhamos até uma pequena colina com vista para o lago e Wynn indicou que deveríamos nos sentar na margem coberta de grama. Sentei-me no chão e tinha a esperança de que ele não me fizesse esperar muito mais.

— Há algo errado? — eu perguntei, incapaz de aguentar um minuto a mais quando Wynn parecia estar decidido continuar em silêncio.

— Não. Nada de errado — disse ele rapidamente, virando-se para mim. — Desculpe-me se a deixei alarmada.

Respirei com mais facilidade.

— Só queria conversar sobre a carta que recebi do quartel. Não tive oportunidade antes, com tudo o que a mantém ocupada.

Ele se aproximou e pegou minha mão.

— Você não acha que poderia desacelerar um pouco agora? — ele me perguntou.

— Estou bem — assegurei-lhe. — Gosto de estar ocupada. Faz os dias passarem mais rápido.

Wynn sorriu, mas ficou em silêncio novamente.

— Mas e a carta? — perguntei a ele.

— Eles têm novas ordens para nós.

— Novas? O que quer dizer com isso? — questionei, meu rosto erguendo rapidamente para estudar os olhos de Wynn.

— Eles não querem que passemos o inverno aqui.

— Não entendo...

— Eles acham que não vão conseguir fazer uma residência adequada para nós a tempo para o inverno.

— Mas você disse que eles viriam em breve para construir — recordei.

— Sim, eles virão. Mas o povo nativo deve ser atendido primeiro. Eles não têm para onde ir.

Estava ficando cada vez mais confuso para mim. Balancei a cabeça para limpar a névoa. A pressão de Wynn na minha mão aumentou.

— Deixe-me começar do início — disse ele.

Eu balancei a cabeça concordando e ele começou a falar.

— A Força prometeu não apenas enviar o necessário, mas também alguns homens, pagos pelo governo, para construírem novas cabanas para as pessoas da aldeia. Enviarão também um homem para ocupar meu lugar durante os meses de inverno. O homem é solteiro e será mais fácil que ele passe o inverno inteiro em alojamentos apertados.

Não pude deixar de rir, lembrando-me da cabana onde Wynn e eu havíamos passado o inverno anterior. *Como alguém podia ter “alojamentos mais apertados” do que aquilo?* eu pensei. Mas Wynn continuou:

— Ele continuará a aplicar a lei quando necessária, enquanto a aldeia estiver sendo reconstruída. Eles também aceitaram minha sugestão de compensar LaMeche de alguma maneira — explicou ele. — O armazém será o primeiro edifício a ser construído, devido à sua importância para a comunidade. Eles planejam separar uma sala pequena na sede do comércio, para ser usado pelo oficial como quarto de dormir. A sala depois será devolvida ao mercador, ou usado como uma cela temporária se LaMeche e a Polícia chegarem a um acordo, assim como tínhamos em Beaver River.

Lembrei-me do quartinho na loja dos McLains. Tinha um lugar onde a Mary Louca fora mantida até sua morte prematura.

— Quando todos os outros estiverem devidamente abrigados, voltarão sua atenção para a construção de uma nova cabana para o sargento.

— Então vamos poder voltar? — eu o interrompi rapidamente.

Eu de repente percebi o quanto queria ficar aqui, agora que as coisas tinham mudado com os aldeões.

— Eles não deram certeza — disse Wynn honestamente. — Disseram que considerariam.

Isso não parecia muito promissor para mim. Fiquei irritada com essa resposta evasiva, mas não disse nada a Wynn. Havia pouco que ele pudesse fazer sobre isso.

— Quando vamos partir? — perguntei, com pouco entusiasmo.

— Devemos voltar com as carroças que vão trazer os suprimentos.

Não levaria muito tempo. Agora esperávamos os vagões e suprimentos em qualquer dia.

— E para onde vamos? — perguntei. Então, com súbita esperança, continuei: — Podemos voltar para o Beaver River?

Wynn sorriu, mas balançou a cabeça.

— Desculpe-me, mas não vamos para Beaver River. Porém, seria bom, não seria?

— Oh, sim — eu disse, suspirando.

— Nós vamos para Athabasca Landing.

— Para fazer o que?

— Vou trabalhar no escritório lá, supervisionando os dois soldados mais jovens que estarão patrulhando a área. Você irá... Acho que você poderá ser apenas uma... dona de casa.

— Creio que não vou gostar disso — eu disse sobriamente.

— Quem sabe — disse Wynn, esforçando-se para me animar —, talvez você aprenda a gostar.

Balancei a cabeça com teimosia. Não conseguia me imaginar desfrutando de uma vida onde não tinha nada para fazer, além de arrumar as camas e cozinhar as refeições. Seria tão ruim quanto o último inverno, quando não tinha nada para fazer e nenhum lugar para ir. Eu tinha detestado. Aquilo era tudo que pude fazer para manter minha perspectiva alegre para que não me tornasse um peso para Wynn.

— Lá será bem diferente do que esta aldeia — continuou Wynn sabendo para onde meus pensamentos estavam me levando. — porque já é um assentamento de tamanho razoável. Você encontrará muitos vizinhos... brancos e indígenas. Isso vai lhe dar uma boa folga de ter que procurar amizades.

Eu ainda não tinha certeza se iria gostar do novo destacamento, mas sabia que Wynn precisava do meu apoio. Pensando bem, não tinha certeza se Wynn estaria muito receptivo à nova vida também. Ele não gostava muito de burocracia, mas ficaria preso a isso pelo inverno, enquanto homens mais jovens faziam o patrulhamento e mantinham contato com os indígenas. Tentei parecer um pouco mais entusiasmada e me voltei para Wynn com um sorriso lento.

— Acho que podemos aguentar por alguns meses — eu disse, e ele me puxou para perto.

Kip veio pulando em nossa direção e quase me empurrou com sua exuberância. Eu ri e me esforcei para ficar de pé novamente,

empurrando Kip para longe e brincando, esfregando sua orelha.

— Fica calmo — eu disse a ele —, não iremos sem você. Então olhei rapidamente para Wynn, com a voz preocupada: — Não é mesmo?

— Vamos levar Kip — Wynn me assegurou.

— E quanto ao resto dos cães? — perguntei a ele, na esperança de que não pedissem que Wynn desistisse de sua matilha de cães bem treinados.

— Pretendo levá-los.

— Ainda está faltando dois ou três cachorros, não é? — eu o lembrei.

— Essa é uma das minhas razões para levá-los. Espero que em breve chegue uma cria de filhotes de Revva com idade suficiente para começar a treinar.

Fiquei animada ao pensar em ver a ninhada da Revva quando chegasse.

Eu queria ajudar a treiná-los desde pequenos. Sabia que era assim que Wynn preferia trabalhar com os cães. Vivendo em Athabasca, tinha certeza de que teria muito tempo livre para ajudá-lo.

Eu me levantei e olhei para o pequeno lago. À distância, podia ouvir os chamados das crianças do acampamento. Um mergulhão gritou — um grito solitário que soava selvagem. Sabia que ia sentir falta de tudo.

— O que LaMeche disse? — perguntei a Wynn.

Wynn estava ao meu lado, seu braço ao redor da minha cintura.

— Sobre o quê? — me perguntou.

— Sobre tudo isso?

— Ainda não falei com ele — e não acho que tenham contado a ele nada sobre estes planos quando lhe deram a carta com as novas ordens.

— Então ele não sabe?

— Eu queria falar com você antes de falar com qualquer outra pessoa — Wynn me informou.

Eu sorri para ele.

— Obrigada — eu disse suavemente. — Estou feliz por ser a primeira.

Ele pegou minha mão e começamos a voltar para o acampamento.

Sabia que veria de forma diferente nos dias que viriam pela frente. Cada vez que olhasse ao redor, estaria pensando, “Vou deixar isso em breve.” Faria uma diferença. Sem dúvida, ocasionalmente as lágrimas cairiam.

— Wynn — eu disse enquanto caminhávamos —, tem um assunto que gostaria de tratar com você. Estou preocupada com Kinnea e Kinook. O que vai acontecer com elas? Elas terão uma cabana novamente? E se não tiverem? Estou muito preocupada com elas, Wynn.

— Eu também — respondeu Wynn. — Ouvi dizer que o Chefe Grito de Corvo está interessado em Kinook.

Eu parei de repente e encarei Wynn.

— Não! — eu disse. — Certamente não...

— Ela poderia estar em circunstâncias mais difíceis — Wynn me assegurou.

— Mas a quarta esposa? Quem iria querer tal posição? Ela seria a serva de todas as outras.

— Até ter seu primeiro filho, talvez.

— Uma criança? Ela ainda é uma criança. Wynn, isso é impensável! Você não pode fazer alguma coisa?

— Nossas leis não regulamentam os casamentos deles, Elizabeth. Você sabe disso.

— Não podemos levá-las conosco — deixei escapar. — As duas. Não podemos conseguir algum tipo de custódia e...

— Você acha que elas seriam felizes? — Wynn perguntou suavemente.

Pensei em dizer que era evidente que sim, mas antes mesmo de formar as palavras, eu soube que estava errada. As duas

meninas só ficariam felizes em sua própria aldeia, com seu próprio povo.

Parecia uma situação desesperadora. Engoli o nó na minha garganta e peguei novamente a mão de Wynn. Em meu coração, orava por sabedoria e ajuda de Deus enquanto caminhava. Certamente havia algo que poderia ser feito — alguma maneira de fazer arranjos para elas. Orei para que o Senhor trabalhasse em favor das meninas.

Na noite seguinte, Wynn me convidou para ir com ele para cuidar dos cães. Eu fui prontamente, mas internamente suspeitei que ele tivesse outros motivos para pedir minha companhia.

Eu tinha razão. Assim que nossas voezes estavam fora do alcance das pessoas da aldeia, Wynn pegou minha mão e diminuiu meu passo. Nunca nos sentimos livres para falar por muito tempo na frente dos índios, quando queríamos uma conversa privada. Nós dois sabíamos que eles não podiam entender nosso inglês, mas não conseguimos discutir um assunto particular na frente deles.

— Tive uma longa conversa com LaMeche — Wynn me informou.

Virei-me para Wynn em minha ansiedade, esquecendo-me de avançar um passo, quase tropeçando em meus próprios pés.

— Por que não nos sentamos por um minuto? — Wynn me perguntou, apontando em direção a um local sombreado perto do caminho.

Nos sentamos e Wynn preguiçosamente escolheu uma folha de grama alta, quebrou um pedaço dela e colocou na boca. Quase pude sentir o gosto, divertido e doce.

— LaMeche ficou animado ao saber que receberá ajuda na reconstrução e reabastecimento de seu Armazém — disse Wynn. — Ele mal pode esperar pelos suprimentos chegarem aqui, mas tenho esta estranha noção de que pode tem mais a ver com a Estrela de Prata do que com o comércio.

Wynn sorriu.

— Ele está bastante disposto a deixar o Policial Montado que vem tomar nosso posto ter um pequeno quarto — Wynn continuou. — Mais adiante, vai deixar a Força ter espaço para uma cela temporária, como eles esperavam. Depois de termos discutido isso por um tempo — disse Wynn, pegando minhas mãos nas suas —, LaMeche começou a me perguntar sobre você... sobre como uma mulher branca nessas circunstâncias poderia ter a força interior e a sabedoria para salvar toda a aldeia da destruição certa.

Estava observando o rosto de Wynn com cuidado, minha mente avançando para o que ele poderia estar me dizendo.

— Eu expliquei a ele que sem a inspiração e ajuda de Deus, você provavelmente não teria conseguido fazer o que fez. Ele parecia tão interessado e tão melancólico ao mesmo tempo que passei a explicar a ele sobre nossa fé em Jesus Cristo. ‘Gostaria de ter uma fé assim’, foi seu comentário. Eu mal pude acreditar no que estava ouvindo — a voz de Wynn estava cheia de profunda emoção enquanto falava. — As pessoas aqui nunca mostraram o menor interesse em Jesus ou na nossa fé quando falei sobre isso no passado. Disse a LaMeche que ele *podia* ter uma fé assim. Disse que Jesus morreu por ele — que ele poderia se arrepender de seus pecados, receber o Senhor Jesus como seu Salvador e nascer na família de Deus.

Tenho certeza de que meus olhos estavam tão maravilhados e alegres quanto os de Wynn quando ele disse:

— E sabe de uma coisa, Elizabeth? Foi exatamente isso que LaMeche fez! Oramos juntos em um tronco lá na floresta, e ele agora é um cristão!

As lágrimas rolaram pelo meu rosto enquanto eu agradecia ao Senhor por esta pequena luz na escuridão espiritual do Lago Smoke.

— Oh, Senhor — eu orei —, ajude-o a ser forte, crescer e convencer outros aqui para seguir seu exemplo.

— LaMeche disse outra coisa que acho que vai deixá-la muito feliz — Wynn continuou, e então hesitou, me deixando louca de curiosidade.

— Estrela de Prata já tinha conversado com ele. Parece que ela ficou bastante apegada às duas meninas órfãs.

Prendi minha respiração.

— Estrela de Prata perguntou a LaMeche se ele se importaria se eles ficassem com as meninas. Kinook logo estará em idade de se casar, mas Kinnea ainda tem dois ou mais anos para ficar solteira. Parece que Estrela de Prata está tão preocupada com elas quanto você.

Baixei a cabeça em outra oração de agradecimento. Então, pedi a Deus que também abençoasse Estrela de Prata pelo amor e preocupação que ela demonstrava. Não teria nenhum medo de deixar as duas meninas aos cuidados de Estrela de Prata e seu novo marido.

— Oh, Wynn — eu disse —, essa é uma verdadeira resposta à oração. Eu nunca pensei em Estrela de Prata cuidando delas. Vai ser perfeito! Elas já amam seus pequeninos.

— Mas há algo mais também — Wynn continuou —, e acho que isso a deixará igualmente feliz.

— O quê? — perguntei, imaginando o que no mundo poderia me fazer tão feliz quanto essa última notícia.

— Ousei ter uma conversa com o chefe.

— E?

— E ele me ouviu — com muita paciência. Eu disse a ele sobre minha preocupação. E me atrevi a contar a ele sobre a preocupação da cara pálida: você. E ele acenou com a cabeça solenemente e, em seguida, aprovou um decreto que nenhum homem na aldeia deve levar presentes para Kinook até que venha a geada, daqui a um ano.

— Oh, Wynn — eu exclamei —, foi mesmo? Ele realmente disse isso?

— Ele disse. E se certificou de que todos os homens da aldeia soubessem sobre isso também.

Um pensamento novo e mais sombrio me ocorreu. *Será que o chefe fez essa lei para guardar a jovem para si mesmo?* Não gostei

de pensar nisto.

— Por quê? — perguntei a Wynn. — Por que você acha que ele fez isso? Foi para guardá-la para si mesmo? Ela é muito bonita, Wynn.

— Se ele a quisesse — disse Wynn, —, não haveria nada que o impedisse de tomá-la agora.

— Eu sei, mas talvez até ele perceba que ela ainda é muito jovem.

— Então dê ao homem um pouco de crédito — mesmo que a queira para sua quarta esposa, pelo menos está disposto a dar a ela um pouco de tempo para crescer. Vamos ser gratos por isso, Elizabeth.

Então Wynn continuou.

— Estou mais inclinado, no entanto, a achar que o chefe pode querer Kinook como esposa para o filho mais velho. Ele não disse isso diretamente, mas eu o peguei olhando na direção do jovem valente enquanto conversávamos. Eu não ficaria surpreso se o rapaz tenha tornado seus planos conhecidos para o pai.

Visualizei o jovem valente. Pensando sobre isso, eu o tinha visto passando por nossa fogueira em mais de uma ocasião. Tinha certeza de que Kinook, embora tivesse mantido os olhos devidamente abaixados, também percebeu o rapaz. Eu sorri.

— Isso seria bom — algum dia no futuro — murmurei.

— No futuro — repetiu Wynn. — Por enquanto, vamos ficar contentes por ela ter oportunidade de crescer.

Wynn estava certo. Por enquanto, Kinook teria uma casa, onde seria amada e cuidada. Pelo menos não precisaria ser uma noiva criança. Um ano não era muito, mas talvez até lá ela já esteja pronta para receber presentes do jovem valente índio.

Wynn me disse que enviaria uma tradução francesa do Novo Testamento para LaMeche.

— Oh, Wynn, não seria maravilhoso se houvesse um grupo de crentes aqui quando voltarmos?

Wynn sorriu, diante da certeza do meu “quando” e me deu um abraço.

Capítulo 25 – Partindo

O dia em que as carroças carregadas e a equipe de construtores adentraram laboriosamente no acampamento foi uma surpresa em mais de um aspecto.

Eu nunca teria imaginado que o povo reagiria de forma tão estranha. Os homens indígenas se pavoneavam, dando um show de grande bravura diante do possível perigo nas mãos de desconhecidos homens brancos. As mulheres se mantiveram temerosas em sua posição, com olhos baixados e respiração suspensa — podia perceber que elas desejavam buscar a proteção da floresta. Na verdade, algumas delas fizeram exatamente isso. Muitas das crianças correram e se esconderam, loucas de medo ao ver todos os recém-chegados de aparência estranha.

O chefe também mostrou a frente valente, e saiu para encontrar os homens, mas estava claro que ele temia colocar a vida em perigo ao agir assim.

Wynn e LaMeche assumiram o comando e orientaram a equipe onde podiam deixar as carroças e amarrar os cavalos cansados. Então Wynn supervisionou a montagem das tendas de lona e acolheu o grupo de homens cansados da jornada em nossa fogueira para tomar café, no intuito de lavar a poeira de suas gargantas ressecadas.

Havia nove homens na comitiva, e seis deles permaneceriam no acampamento. O soldado montado que ia tomar nosso lugar me pareceu muito jovem, e me perguntei se esse era seu primeiro posto, e se ele seria capaz de lidar com os problemas, se lhes sobreviesse uma crise.

Não é da minha conta, lembrei. A Força deve conhecer seus homens, e certamente todos eles tiveram que começar em algum lugar.

E então a adorável jovem Kinook passou por nossa fogueira, suas costas altas e elegantes, o cabelo escuro balançando livre, carregando um pote de água fresca. E eu vi o soldado observá-la

com os olhos cheios de admiração, quando praticamente esqueceu de engolir o café quente que tinha na boca. Eu sorri para mim mesma, percebendo o quão jovem ele realmente era.

Contemplei as carroças de suprimentos com emoções confusas. Sabia era melhor para o assentamento que os trabalhos comessem o mais rápido possível na construção do armazém e das cabanas. Sabia que havia muito a ser feito antes da chegada das neves do inverno. Sabia também que LaMeche estava ansioso para ter uma casa para que pudesse levar Estrela de Prata para ser sua esposa. Mas apesar de todas essas coisas, eu também percebi que, dentro de alguns dias eu teria que partir com essas mesmas carroças, e temia esse pensamento — mesmo que nossas circunstâncias aqui fossem primitivas.

Os homens passaram a noite em conselho com o Chefe Grito de Corvo. Ele teve que ser consultado sobre seus anseios para o local do novo assentamento. Por respeito à sua posição, o chefe foi também informado sobre o novo armazém, foi apresentado ao jovem soldado que representaria a lei, e informado que Wynn e eu iríamos embora.

Wynn ficou surpreso com a reação do chefe a essa notícia. Ele expressou primeiro surpresa e depois desagrado, perguntando se era possível revogar a decisão.

— A casa de Cabelo Dourado pode ser construída primeiro — ele insistiu. — O chefe e o povo desejam que ela fique.

— Parece que você causou uma boa impressão em nosso chefe — Wynn me disse com um sorriso. — Ele não quer perdê-la.

Eu corei levemente, muito surpresa com a reviravolta dos eventos. Os moradores tinham realmente tanto medo do mal conectado ao antigo feiticeiro invasor que o chefe estava vendo em minha partida uma possibilidade de que os poderes pudessem ser restabelecidos? Era tudo muito estranho.

Estrela de Prata ficou perto de mim no dia seguinte. Eu estava feliz por tê-la por perto, mas tivemos muito pouco tempo para conversar em particular.

Quando fomos ao lago para lavar a louça da noite pela última vez, finalmente ficamos sozinhas.

— Eu quero dizer o quanto... quão cheio de alegria estou em saber que Kinook e Kinnea estarão em sua casa — eu disse a Estrela de Prata enquanto esfregava areia em uma panela para limpar as laterais.

Estrela de Prata manteve os olhos baixos.

— Elas são como irmãs para mim — disse ela suavemente.

— E para mim — eu disse, uma lágrima rolando em cada uma das minhas bochechas. — Sentirei sua falta — continuei. — Lamento por não poder estar em seu casamento.

Ela assentiu silenciosamente.

— Espero que muita alegria compartilhe seu caminho — continuei.

Ela olhou para mim então.

— Vou fazê-lo feliz se eu tiver poder para fazer isso; nisso eu encontrarei alegria.

Sim, pensei, esse é o segredo. O amor de Estrela de Prata a levava a pensar apenas na maneira como ela poderia trazer felicidade para o homem que ela amava. Não pedia nada em troca, exceto que tivesse sucesso nesse objetivo. Então ela também encontraria sua felicidade.

Estrela de Prata deixou de lado a panela em que estava trabalhando.

Ela me encarou e não havia timidez nela agora, me olhou como igual, sem baixar os olhos quando encontraram os meus.

— Você estará de volta quando o verão chegar novamente? — ela me perguntou.

— Isso é o que eu quero — respondi com sinceridade.

— Eu também tenho muita esperança — disse ela em sua voz suave e fluida.

— Louis me contou sobre sua oração, e peço a ele que me conte mais sobre isso. Quero honrar o Grande Espírito de Louis.

— Oh, Estrela de Prata! — foi tudo que consegui dizer naquele momento. Eu queria abraçá-la, mas como não era o jeito indígena, apertei o braço dela em vez disso. — Algum dia Ele será o seu Grande Espírito também. Vou orar por você todos os dias — prometi a ela.

— Vejo você orar após a hora do fogo, como falar com uma pessoa real.

Estrela de Prata me disse com admiração em sua voz. Então completou:

— Quero cultivar sua horta. Louis prometeu ajudar. Eu não sei o caminho da semente, mas ele já plantou antes. Você precisará da sua horta quando voltar.

Fiquei profundamente comovida. Estendi a mão para pegar a mão de Estrela de Prata.

Ela devolveu meu breve aperto muito gentilmente.

— Isso me deixaria satisfeita — disse eu. — Vou trazer sementes.

Uma coisa tão pequena — que me trouxe tanta alegria. Quando voltasse — *se eu voltasse*, me lembrei — estaria chegando, não para uma aldeia onde a hostilidade e o isolamento me aguardavam, mas estaria voltando para amigos queridos — amigos que pensaram em mim enquanto estava fora. Amigos que me acolheriam de volta. Amigos que tomaram conta da minha horta. Amigos que estariam prontos para serem apresentados ao Deus que eu conhecia e amava. Eu engoli as lágrimas na minha garganta e sorri para Estrela de Prata.

Foi uma triste despedida na manhã seguinte ao nascer do sol. Eu queria pegar Estrela de Prata e seus queridos bebês em meus braços e segurá-los e me despedir deles, mas esse não era o costume desse povo.

Eu olhei ternamente para a bela Kinook e desejei abraçá-la, também. Então me virei para sua irmã mais nova, Kinnea. Muito em breve, ela seria tão bonita quanto a bela irmã.

Eu disse meu adeus da maneira adequada, o tempo todo dolorida por dentro. Será que realmente ajudaria a aliviar a dor se pudesse abraçá-los?

Suponho que se pudesse abraçá-los, também choraria.

Mas até o choro pode trazer algum alívio.

Assim que estávamos prontos para entrar na carroça, LaMeche veio. Ele estendeu a mão para Wynn e apertou com firmeza. Então estendeu a mão para mim. Eu peguei, sem dizer nada, mas sentindo muito. Este homem hostil a quem eu temia havia se tornado meu amigo, a pessoa com quem compartilhei as cargas — e agora um companheiro na fé!

LaMeche deve ter lido meus pensamentos, ou então os compartilhava, porque sem uma palavra, ele se aproximou e me deu um generoso abraço fraterno. Minha respiração ficou presa na minha garganta e assim como eu esperava, as lágrimas começaram a fluir.

Eu estava ocupada, secando as lágrimas, quando uma voz atrás de mim fez que eu me virasse. Era o chefe, vestido com peles de veado com contas e penas esvoaçantes, sua comitiva vindo logo atrás dele. Todas as três esposas, os filhos, seus conselheiros, que ocupavam seus respectivos lugares.

O homem se aproximou lentamente, seus braços estendidos em minha direção, e nas mãos segurava uma bela pele de raposa prateada.

— O chefe dá um presente para o Cabelo Dourado como um símbolo de que a aldeia é a casa dela, e que vamos esperar seu retorno, quando os prados novamente trouxerem seu renovo — disse ele.

Fiquei profundamente comovida. Na minha confusão, quase esqueci de abaixar meu olhar. Bem a tempo, me dei conta, e baixei a cabeça respeitosamente; então dei um passo à frente e sem olhar para cima, estendi minhas mãos.

— Grande chefe e seu povo me honram — eu disse com a voz instável. — Eu também observarei o tempo das flores do prado e meu retorno para a aldeia do meu povo.

Então eu recuei e Wynn me ajudou a subir a bordo da carroça pesada onde nossos poucos pertences estavam empilhados atrás de nós.

O condutor gritou uma ordem para os cavalos, e as rodas lentamente começaram a girar. Estávamos a caminho.

Não ousei olhar para trás. Mesmo que não fosse um costume nativo jamais olhar para trás quando se estava na trilha, eu não teria conseguido. As lágrimas estavam caindo livremente pelo meu rosto. Não queria ver o pequeno acampamento estranho ao lado do lago. Não queria olhar para aqueles que estavam lá, aqueles aldeões que agora eram meus amigos — incluindo aquele que agora fazia parte de nossa família espiritual e outra que estava muito próxima do reino de Deus. Eu não queria ver a pequena área ao lado da ilhota onde minha horta, agora quase vazia, tinha fornecido muitas refeições para nossos companheiros sobreviventes. Nem queria ver os restos carbonizados do que um dia tinha sido a aldeia.

Obriguei-me a olhar para frente, para a trilha sinuosa, a estrada esburacada que nos levaria até a próxima colina, e muitas, muitas colinas mais, antes de chegarmos ao pequeno povoado de Athabasca Landing.

O que será que nos espera? Eu me perguntei. Certamente não poderia ser melhor do que o que agora deixamos para trás.

Então, passei a controlar meus pensamentos. Não era o mesmo Deus que ainda tinha Sua mão sobre mim para o bem? Será que em minha tristeza por ter que deixar amigos, eu tinha esquecido que Ele ainda estava viajando comigo? Limpei as lágrimas e assuei o nariz. Certamente, se Ele tivesse algo melhor do que tudo isso para mim, devia ser muito bom mesmo.

Capítulo 26 – Athabasca Landing

Como era meu costume, eu andava e cavalgava alternadamente, em parte para meu próprio conforto e em parte para fazer companhia para o Kip.

Na maior parte do tempo na trilha, tivemos um bom clima, embora os mosquitos e as moscas pretas fossem difíceis de suportar. Choveu na maior parte de um dia, o que não impediu totalmente o nosso progresso, embora tenha certamente reduzido nossa velocidade. Acho que fiquei tão feliz quanto os cavalos por parar naquela noite.

Wynn armou nossa barraca sob o abrigo do alto abeto e pinheiros, e parecia que tínhamos uma boa chance de ficar relativamente secos durante a noite. Mas à noite um vento forte veio, levantou e arrancou uma árvore. Quando caiu, um de seus galhos prendeu na nossa tenda e fez um grande rasgo ao longo do lado direito.

Eu estava tão grata pela própria árvore não ter caído sobre nós que não podia reclamar de um pouco de chuva. Tivemos que nos levantar e tentar nos mantermos secos, envolvendo o pedaço restante de lona em torno de nós mesmos.

No dia seguinte, o dia estava ensolarado novamente e, enquanto viajávamos, Wynn costurou a barraca o melhor que pôde. O remendo não ficou muito bonito, mas conseguiu nos dar alguma privacidade pelo resto da viagem.

Eu tinha até mesmo deixado de pensar em Athabasca Landing, quando baixamos uma colina acentuada, e lá, se estendendo abaixo de nós, estava a faixa cintilante do rio e a pequena cidade, disposta na costa mais ao sul.

Que alívio! Apesar do cansaço, meu coração bateu mais rápido, tamanho era meu entusiasmo.

Tivemos que atravessar o rio de balsa. Era uma barcaça grande e plana, que levava uma carroça de cada vez, cavalos e tudo. Os cavalos estavam desconfiados por causa meio de transporte e

bufavam e sacudiam, balançando nosso barco e me fazendo quase entrar em pânico, com medo que a barca virasse no meio do caminho. Tudo o que os condutores podiam fazer era segurar os cavalos com firmeza.

Quando finalmente, carroça por carroça, atracamos do outro lado, partimos, e Wynn foi lendo o mapa para o condutor para que ele pudesse encontrar a nova localidade.

Era um pequeno povoado, mas para minha alegria, parecia bastante civilizado. Havia lojas e armazéns, e até mesmo uma pequena igreja e uma *escola! Posso aproveitar meu inverno aqui, afinal!* Eu estava exultante.

Wynn primeiro parou para se reportar à Real Polícia Montada do Noroeste depois de alguns minutos, e saiu com uma grande chave na mão e o endereço daquele seria nosso novo lar.

Parando em frente a ele, percebi que de maneira nenhuma poderia ser considerada uma propriedade luxuosa, mas era adequada. Depois de passar o inverno anterior naquela pequena cabana, para nós parecia mais do que confortável.

A casa era feita de madeira e pintada de branco, com friso preto nos umbrais, e as janelas, janelas de verdade, pareciam tão grandes para mim que me perguntei onde encontraria material de cortina suficiente para cobri-las.

Entramos na varanda anexa e passamos por uma compacta cozinha com seu próprio pequeno armário, fogão, mesa e cadeiras. Não só tinha piso, mas também revestimento de linóleo nas tabuas.

Saindo da cozinha, havia uma sala de estar, onde ficava uma enorme lareira de pedra, um sofá e cadeira, além de uma pequena escrivaninha, pregada em uma parede.

Ao sair da sala de estar havia *dois* quartos! Separamos o maior para ser o nosso e reservamos o outro para guardar algumas coisas, ou servir como um quarto de hóspedes, o que fosse necessário. Ambos os quartos tinham camas, e embora os colchões estivessem um pouco irregulares, estava convencida de que logo ficaria mal acostumada com tanto luxo.

Uma pequena cerca demarcava a propriedade e nos fundos haviam três pequenas construções — uma para armazenamento, uma para fornecimento de madeira, e a terceira era o banheiro externo.

Perto da porta havia um poço com uma bomba. Pensei nas jornadas até o riacho com um balde e fiquei maravilhada com todos os confortos do mundo moderno.

Depois de explorar nosso novo ambiente, Wynn e o condutor começaram a descarregar nossa carroça. Havia muito pouco para descarregar. Tínhamos as coisas que consideramos desnecessárias para a sobrevivência quando nos mudamos para a pequena cabana em Smoke Lake. Nos baús estavam alguns dos meus bens mais preciosos, e eu estava grata a Deus por terem sido preservados para mim. Se não estivessem no baú guardado no vagão, eu tinha certeza de que não teria meus livros ou as fotos do bebê Samuel.

Com as poucas coisas que consegui pegar antes do fogo, nós tinha muito pouco. *Mas “coisas” não pareciam tão importantes desde o incêndio*, pensei enquanto olhava para Wynn.

A Polícia deu a Wynn uma mesada para ajudar na compra dos itens que perdemos no incêndio. Isso ajudou bastante no estabelecimento da nossa nova casa. Wynn entregou o dinheiro para mim, e eu levei vários dias procurando nas pequenas lojas, tentando encontrar as melhores ofertas. Tive que esticar muito o dinheiro para ficarmos apresentáveis novamente.

Uma das minhas primeiras compras foi uma velha máquina de costura a pedal. Não funcionava muito bem, mas consegui fazer uma costura. Com o seu uso, e muitas horas de trabalho, consegui costurar uma série de coisas para ajudar a fazer mais com os poucos dólares.

Todos os meus vestidos, minhas roupas íntimas, todas as cortinas, toalhas, almofadas, descanso de panelas, luvas de cozinha e inúmeros outros artigos foram costurados naquela máquina velha.

Após três semanas procurando materiais e costurando da manhã à noite, eu finalmente senti que Wynn e eu estávamos realmente “em casa”. Mal tive tempo de sair para ver a rua.

Outra das minhas tarefas primordiais foi escrever longas cartas para todos os nossos familiares. Já fazia muito tempo que não conseguia escrever para eles. Agora estávamos onde o correio podia ser levado e trazido com regularidade, e eu estava ansiosa para informá-los onde e como estávamos.

No primeiro domingo que estivemos na cidade, eu não tinha nada adequado para usar nem mesmo num canteiro de frutas silvestres, quanto mais em uma igreja. Dadas as circunstâncias, Wynn sugeriu que fizéssemos nosso próprio culto de adoração em casa, como estávamos fazendo há vários anos. Eu concordei, embora estivesse ansiosa para assistir aos cultos de adoração novamente.

No domingo seguinte eu tinha um vestido pronto, novos sapatos comprados e um chapéu barato que tinha encontrado numa das lojas do centro da cidade. Não estava muito elegante, mas me sentia apresentável. Mas depois de caminhar os vários quarteirões até a pequena missão, encontramos uma nota afixada na porta dizendo que, devido a uma morte na família, o pastor tinha deixado a cidade e ficaria fora também na semana seguinte. Profundamente desapontados, voltamos para casa e fizemos nosso próprio momento de adoração novamente.

Não adiantava voltar no terceiro domingo, pois já sabíamos que o pastor ainda estaria fora, então preparamos um piquenique e caminhamos até o rio, onde observamos a corrente de água, almoçamos e então fizemos o culto juntos.

Agora, com a aproximação do quarto domingo, eu ansiava com todo meu coração por me reunir com aqueles que compartilhavam a mesma fé, para cantar louvores ao Senhor e adorá-Lo com um corpo de crentes. Além disso, eu tinha um vestido apropriado, chapéu e luvas esperando para serem usados na igreja!

Limpei e passei a túnica escarlate de Wynn e poli meu sapatos novos até que ficassem brilhando. Apliquei uma renda nova no chapéu simples e ornamentei um punhado de violetas de veludo. Parecia ter ficado bastante charmoso quando eu terminei. Tirei meu melhor lenço de renda das bolas de naftalina, junto com o xale de lã,

os arejei completamente para me livrar do cheiro, e senti que finalmente estava pronta para o dia de adoração.

Era um dia fresco quando partimos mais uma vez para a pequena igreja. Eu estava tão nervosa e animada quanto uma jovem sendo cortejada pela primeira vez. Ansiosa e com medo de conhecer meus novos vizinhos, eu me perguntava se ainda saberia agir em público.

Cerca de trinta e cinco pessoas se reuniram para adorar. A maioria era mulheres idosas e mulheres com filhos pequenos. Alguns homens estavam espalhados entre elas. *São um grupo taciturno e muito quieto*, pensei enquanto olhava ao meu redor. *Será que há algum casal da nossa idade na cidade?*

A igreja tinha um velho piano vertical que ficava em um canto, mas ninguém tocou para acompanhar o canto. Minhas mãos ansiavam por tocar, pois fazia muito tempo que não tinha a oportunidade de me sentar em frente a um piano. Perguntei-me se ainda conseguiria ler partitura.

O canto não ficou muito bom. O próprio pregador foi incapaz de se manter afinado e os outros também não sabiam o que cantar.

Doeu-me ouvir as queridas canções antigas tão maltratadas.

Toda a congregação se levantou para a leitura das Escrituras. Eu me gloriei em participar da leitura congregacional da Palavra.

O sermão do pastor foi sobre “escolhas”.

— Não se pode amar a Deus e Mamon, — ele nos lembrou. — Uma escolha tem que ser feita.

O pastor expôs o tema por cinquenta e cinco minutos, citando vários exemplos — todos os exemplos que ele tinha encontrado na vida sobre o lado “Mamon” da história.

Eu sabia que o pregador falava com convicção, sabia que a Palavra de Deus era verdadeira. Sabia que era uma lição que todo cristão deve aprender e praticar. Mas meu coração estava um pouco pesado enquanto caminhava de volta naquele primeiro dia de culto, depois de tantos anos de adoração sozinhos nas matas. Eu esperava tanto por uma nota de alegria, queria tanto louvar, adorar,

queria comunhão. Entretanto, senti que não tive permissão para fazer qualquer uma dessas coisas, e que teria que esperar mais uma semana inteira para nova comunhão. Meus passos foram um pouco mais lentos, mas não disse nada para Wynn.

Assim que chegamos ao portão de nossa pequena casa, ele pegou minha mão.

— Depois de jantarmos — disse ele —, se importaria se pegássemos nossa Bíblia e saíssemos sozinhos para algum lugar para fazermos nosso culto sozinhos novamente? Acho que temos feito isso há tanto tempo, que tenho a sensação de que o dia não estará completo a menos que o façamos.

Eu quis abraçar Wynn; precisava tanto adorar a Deus!

Depois que havíamos lido as Escrituras e tivemos o momento de louvor e oração, lembrando especialmente LaMeche e sua recém-descoberta fé, e também de Estrela de Prata, que agora buscava pela verdade, nós ainda permanecemos às margens do rio Athabasca. Havia muito pouca corrente neste dia, embora eu soubesse que em algumas ocasiões ficava fervilhando com vida e atividade. Talvez também estivesse respeitando o dia de descanso.

Sentei-me sonhadoramente, com os meus pensamentos vagando por muitas coisas.

— Wynn — eu questionei —, você acha que os outros índios em Smoke Lake podem se abrir ao evangelho?

— Gosto de pensar que sim. A população da aldeia certamente mudou muito desde o incêndio, e estarão observando aqueles dois de perto. E fiquei impressionado com a nova atitude do chefe. Ele pode estar muito aberto a algumas mudanças.

— Mas ele é um homem tão supersticioso — eu disse. — Temo que ele simplesmente tente fazer Deus ser parte de sua adoração pagã de alguma forma.

— Isso é um perigo, é claro.

— Como fazê-los entender que não é assim que as coisas funcionam? Não é um só um monte de besteiras — de apaziguar

uma divindade que é o mais forte para fazê-lo ficar do seu lado contra os que são menos fortes?

— Eu não sei.

Fiquei em silêncio por alguns minutos, pensando sobre o incidente quando o chefe me chamou à fogueira para me elogiar.

— Eu estava com medo — admiti. — Depois do incêndio, o chefe parecia ter a estranha noção de que eu tinha algum tipo de poder especial. Ele... ele agiu tão... tão diferente do que tinha sido comigo antes disso.

— LaMeche me contou a respeito.

— Ele também contou que o chefe me deu um presente?

— Você quer dizer a raposa prateada?

— Não, outro presente... antes de você chegar.

— Você não me mostrou, que eu me lembre — disse Wynn, parecendo intrigado.

— Não mostrei porque... porque não pude ficar com ele — eu gaguejei.

— Mas isso é uma afronta a um chefe...

— Eu sei — disse com grande sentimento —, e estava com medo... medo de devolvê-lo, mas ainda assim sabia que não poderia ficar com ele — eu admiti.

— O que ele fez quando você devolveu?

— Veja bem, você tinha me contado sobre o costume indígena de dar presentes — de como o chefe dava um presente para homenagear uma pessoa, e que se a pessoa não aceitasse o presente, seria uma desgraça para o chefe. Eu sabia que poderia ser um problema devolver o presente, mas não sabia... bem, não sabia o que fazer sobre isso.

— Eu não entendo — disse Wynn. — Você me deixou totalmente confuso. O chefe deu a você um presente. Você sabia que ele ficaria ofendido se o devolvesse — e ainda assim o devolveu...

— Bem, não no começo. No começo eu aceitei e o agradei por sua bondade. Disse até que o presente tinha me enchido de alegria

— e tinha enchido mesmo.

Wynn balançou a cabeça. Ele estendeu a mão e pegou minha mão, me dando seu sorriso maroto.

— Minha querida Elizabeth — disse ele —, você está falando enigmas estranhos.

— Não — insisti —, não há enigma.

— Então, qual foi o presente do chefe?

Mordi meu lábio para evitar que tremesse. Mesmo agora, pensar sobre o presente trazia lágrimas aos olhos. Olhei lentamente para Wynn.

— Era o filho mais novo dele — respondi. — O bebê de Nanawana.

Wynn pegou minha mão e apertou. Ele ficou em silêncio por alguns minutos. Quando falou, sua voz estava suave por causa da emoção.

— O que você fez?

Eu ainda não olhei para cima.

— Eu o peguei, como disse. Eu o segurei por poucos minutos.

Então meus olhos buscaram os de Wynn.

— Oh, Wynn! Ele era tão precioso. E olhou para mim com aqueles grandes olhos negros, não parecia nem mesmo estar assustado. Então o bebê meio que se contorceu em meus braços e sorriu para mim. Eu podia ver Nanawana prendendo a respiração angustiada. Eu sabia o quanto ela amava o filho e como era difícil o que o chefe estava pedindo a ela. Então, afirmei ao chefe que seu presente me agradou muito, e depois disse que desejava dar um presente ao grande chefe em troca, e... devolvi o filho dele.

— O que posso dizer, Elizabeth? — disse Wynn, virando minha mão nas suas, que eram tão maiores. — Eu não tinha ideia de que tudo isso tinha acontecido. Tenho certeza de que fez você reviver a perda do nosso Samuel. Eu sinto muito, muito mesmo.

Eu pisquei minhas lágrimas.

— Não é de se admirar que o chefe tenha tanta estima por você — Wynn falou.

— Estima acho que posso lidar — disse sobriamente. — Reverência, não.

— Reverência, o que quer dizer?

— Quero dizer que fiquei muito assustada quando fizeram comentários, aludindo a algum poder estranho de minha parte. Não quero que eles me envolvam na sua adoração pagã. Eles atribuem tudo a algum poder — bom ou mau. E me parece que bondade é igualado à força. Aquele que vencer será aquele que vão seguir.

— Sim — concordou Wynn, —, o povo dessa tribo ainda é um povo muito supersticioso. Eles foram isolados da civilização e da verdade do Cristianismo. A maioria das outras aldeias teve missionários, caçadores, contato extenso com outras pessoas, mas esta pequena aldeia em Smoke Lake parece ter sido abandonada pelo resto do mundo.

— Oro para que haja alguma maneira de alcançá-los. Alguma maneira de fazê-los compreender o verdadeiro Deus — em Seus termos.

— Talvez — Wynn disse meditativo —, talvez Deus tenha usado você para abrir uma porta para a compreensão espiritual.

Meus olhos se arregalaram. Era difícil acreditar que eu poderia ter parte em uma aventura tão gloriosa. E então baixei o olhar novamente.

— Posso ter estragado tudo — admiti.

— Estragado? De que maneira? Você disse que o chefe aceitou o presente de volta sem ofensa.

— Ele aceitou. Mas eu... quando descobri que o chefe pensava que eu... bem, que eu tinha algum tipo de poder, ora, decidi tirar vantagem disso. Não para mim, mas para todas as pessoas. Veja, todos — isto é, todos os homens, exceto LaMeche — ficavam apenas deitados pelo acampamento, sem fazer nada. E depois que os homens voltaram, daí as mulheres também não queriam fazer nada. Virou tudo um caos, sem ninguém sair para caçar, pescar ou preparando as refeições para seus grupos ou fazendo qualquer coisa. Então, quando o chefe conferiu a mim certa autoridade, decidi ir em frente e fazê-lo me ouvir. Eu não queria tirar vantagem dele —

não naquele momento. Mas quando comecei a pensar sobre isso mais tarde, foi exatamente o que fiz. Eu fui até ele e disse-lhe que tínhamos que nos organizar, que todos tinham que trabalhar. E estranhamente, o chefe me ouviu e então fez o que eu disse.

Sentei-me em silêncio, esperando Wynn dizer algo. Ele não disse nada.

Eu olhei para cima, meus lábios tremiam novamente.

— Tenho me sentido culpada desde que entendi como ele pode ter percebido tudo o que aconteceu — confessei. — No momento em que me aproximei, é como se eu tivesse afirmado ser o que o chefe pensara: alguém com poderes especiais. Ele nunca teria dado ouvidos a uma mulher comum, você sabe disso.

— E isso está incomodando você?

— Muito — admiti, minha voz vacilando. — É por isso que eu fico tão melindrosa quando alguém brinca comigo sobre isso. Veja, eu também tinha a esperança de que talvez agora os moradores e o chefe pudessem estar abertos para a mensagem de salvação. Mas eu posso ter estragado isso. Ao tomar o poder e a autoridade que não me pertenciam, eu posso ter arruinado qualquer chance de as pessoas ouvirem.

— Você disse ao chefe que tinha algum poder especial?

— Claro que não!

— O que você disse a ele?

— Eu disse que era apenas uma mulher... que vim em nome do verdadeiro Deus... que eu — parei, lutando contra a emoção, e então continuei. — Mas você não vê? Isso é o que me enche de temor. Não foi isso que eu quis dizer, mas acho que o chefe entendeu mal. Ele parecia pensar em mim como... como algum tipo de feiticeira ou algo assim, representando algum novo deus. Oh, Wynn, era como se eu fosse apenas uma... uma nova curandeira com outro grupo ou algo assim. Isso me assusta. Como podemos fazê-lo entender a verdade quando o chefe parece estar tão confuso? E eu fui a a pessoa que o confundi — terminei sem muita convicção.

Wynn me entregou o lenço dele e sentou-se em silêncio por vários minutos enquanto eu enxugava as lágrimas. Quando sentiu que eu estava sob controle, Wynn falou novamente.

— Vamos orar, Elizabeth. Você não teve a intenção de enganá-lo. Você tentou explicar a verdade para ele. Quando falamos a verdade e alguém nos entende mal, não acredito que Deus nos considere responsáveis pela má interpretação. Não podemos trabalhar na mente das pessoas. Pelo menos, pelas aparências, o chefe está em um ponto onde reconheceu outro poder — outro deus. Agora alguém — talvez LaMeche — precise explicar a ele quem é esse Deus e como alguém O adora. Você pode ter aberto aquela porta.

Capítulo 27 – Envolvimento

O pastor veio nos visitar, dando as boas-vindas à sua igreja e expressando seu desejo de que fôssemos parte ativa da irmandade. — Não tem sido fácil — afirmou ele — conseguir uma quantidade suficiente de obreiros dispostos, para fazer a igreja funcionar como deveria.

— O que podemos fazer para ajudar? — perguntou Wynn em nosso nome.

Os olhos do pastor mostraram surpresa. Já fazia algum tempo desde que ele tivera um voluntário.

Ele limpou a garganta, parecendo achar difícil saber apenas onde começar.

— Precisamos de professores para a escola dominical mais que tudo — afirmou. — Temos alguns meninos juvenis, cinco deles, e nenhum professor. Nesse momento, temo que eles parem de frequentar a igreja, se nada for feito. Dois deles já deixaram de vir.

Wynn pensou baixinho, assentindo a cabeça diante das palavras do pastor.

— Precisamos de outros professores no departamento infantil também. Há apenas uma professora para todos os primários. Ela tem quatorze alunos, do primeiro ao quarto ano. Eles são bem difíceis, e a professora está ameaçando desistir.

— Adoraria lecionar para alguns deles — respondi com prontidão.

— E eu consideraria esse grupo de meninos — disse Wynn.

O rosto do pastor relaxou, e um largo sorriso começou a se formar.

— Minha esposa ficará tão aliviada — disse ele. — Ela é a professora dos primários agora. Tem sido difícil, pois ela já não é tão jovem quanto foi algum dia, sabe. Ela criou cinco filhos, mas agora não é tão fácil lidar com os jovens agora quanto costumava ser.

Houve silêncio enquanto o pastor enxugava a testa.

— Reparei que vocês tem um piano — eu disse com cautela.

O homem sorriu.

— Um piano, sim, mas não uma pianista. Iria ajudar a cantar melhor se tivéssemos alguém para tocar.

Então, o pastor sorriu, um brilho nos olhos.

— Como, sem dúvida, puderam perceber, eu não sou bem um líder de música. Temo que o Senhor tenha esquecido de me conferir esse dom.

Ele então riu, e percebi que estava gostando do homem que se esforçava tanto para fazer tudo o que podia.

Olhei de soslaio para Wynn, me perguntando como ele iria responder ao meu anúncio.

— Meu marido tem uma voz adorável para cantar — eu disse —, e conhece quase todos os hinos.

O pregador olhou de mim para Wynn, que não demonstrou sinais de constrangimento ou ressentimento.

— O senhor consideraria ... — o pastor deixou as palavras no ar.

— Se o senhor achar que seria útil, eu iria tentar — disse Wynn com simplicidade.

— Oh, meu Deus, eu ficaria muito grato! — disse o homem com sinceridade.

Então Wynn pigarreou e olhou para mim com seu sorriso especial:

— E como estamos anunciando os talentos um do outro — disse ele —, posso informá-lo que minha esposa é uma pianista.

O pastor Kelly olhou para mim. Agora seus olhos estavam muito arregalados e manteve a boca aberta. Ele puxou o lenço novamente, mas dessa vez que enxugou o canto dos olhos.

— A senhora faria isso? — ele perguntou sinceramente.

— Ficaria feliz — assegurei-lhe.

Ele assuou o nariz bem alto, guardou o lenço e se atrapalhou com as palavras.

— Vocês não conseguem entender o que isso significa para mim... e para Martha. Nós lutamos bastante por aqui — e tem sido difícil. Já servimos em igrejas maiores antes, mas sentimos que o Senhor queria que dedicássemos alguns de nossos anos de serviço à missão. Eu... acho que talvez tenhamos feito as coisas ao contrário. Nós deveríamos ter passamos nossos anos em uma missão primeiro e depois irmos para uma igreja maior. De qualquer forma, tem sido difícil para nós, principalmente para Martha. Espere até ela ouvir as novidades. Entenda, temos orado por isso... e agora...

Ele parou e pigarreou. Então, olhou para cima com olhos brilhantes.

— Bem — disse ele —, a gente não deveria ficar tão surpreso quando Deus responde. Apenas grato. Apenas grato.

Meus próprios olhos estavam um pouco lacrimosos, então decidi que era hora de servir o chá e o bolo.

Depois que o bom pastor nos deixou, Wynn e eu revisamos os compromissos que fizemos na última hora. Nós dois concordamos que seria tão bom estarmos envolvidos na vida da igreja novamente,. Estávamos sentindo falta disso.

— Preciso ir à igreja e praticar um pouco naquele piano — eu disse. — Faz tanto tempo que não toco... estou certa de que estou bastante enferrujada.

— Traga um hinário para casa com você, se puder — disse Wynn, —, e escolheremos os hinos de domingo juntos.

— Vou adorar ensinar crianças de novo — falei, pensando sobre as pequenas mentes e seu interesse pelas histórias da Bíblia.

Já se passaram vários anos desde que tive o privilégio.

Wynn apenas sorriu.

— Bem, já que está tão entusiasmada, eu poderia dar a você os meninos juvenis e eu poderia ficar com seus pequenos — disse ele rindo. — Você sabe como podem ser garotos juniores?

— Eu sei. E tenho certeza que você se sair muito bem.

— Você ouviu o pastor. Alguns deles já saíram da igreja. Acho que o resto deles também está procurando uma desculpa.

— Não se esqueça — lembrei Wynn. — Eles nunca tiveram um homem como professor. Tenho certeza que você vai conquistá-los em um segundo... apenas espere e verá.

— Espero que você esteja certa, Elizabeth, mas eu não contaria com os meninos juvenis sendo rapidamente ‘conquistados’ por qualquer um.

Eu dei um tapinha no ombro de Wynn.

— Espere —, eu disse com total confiança. — Você vai ver.

A verdade é que eu mal podia esperar para começar a lecionar, e lá no íntimo, mesmo apesar das brincadeiras, eu tinha certeza de que Wynn se sentia da mesma maneira.

Recebi um telefonema na manhã seguinte. Quando atendi a porta, uma pequena senhora cuidadosamente vestida estava no degrau. Eu sorri de boas-vindas e abri a porta.

— Sra. Delaney — disse ela —, espero que não esteja atrapalhando. Eu sou Martha Kelly e queria trazer o material da escola dominical para a senhora e seu marido.

— Ah... sim. É tão bom conhecê-la, Sra. Kelly — eu disse, estendendo minha mão. — Por favor entre.

Levei a Sra. Kelly para a nossa sala de estar pequena, porém aconchegante, e peguei o casaco dela. Ela abriu a sacola que havia trazido e tirou um pequeno pacote.

— Eu trouxe um pouco de assado — disse ela um tanto tímida —, como um presente de boas-vindas à nossa igreja e pequena cidade.

Já fazia muito tempo desde a última vez que tinha sido recebida dessa maneira. Fiquei encantada. Expressei meus agradecimentos à Sra. Kelly e pedi licença para colocar a chaleira no fogo.

A Sra. Kelly me mostrou o material da escola dominical e explicou como as turmas seriam divididas, e onde ficava minha sala, e então conversamos sobre outras coisas.

Que senhora encantadora! Ia ser tão bom ter uma amiga — uma amiga calorosa e compreensiva.

No dia seguinte, fui à igreja praticar no piano. Eu sabia que estaria enferrujada e desajeitada. As primeiras tentativas foram frustrantes, mas fiquei surpresa com a rapidez que a técnica voltou para mim, e logo eu estava curtindo o som dos hinos de louvor.

O piano estava desafinado, o que era de se compreender, mas não era impossível de tocar, e percebi que Wynn não teria nenhum problema em liderar o canto ao seu acompanhamento.

O pastor saiu de escritório, no momento em que eu estava saindo da Igreja. Desculpei-me por incomodá-lo, pois percebi tarde demais que deveria ter conferido antes de começar a tocar.

— Não foi um incômodo — o pastor me assegurou —, foi um ministério. Eu precisava dessa música para erguer meu espírito, e tenho certeza de que o sermão será melhor por causa dela.

Perguntei-lhe se podia levar um hinário, para que Wynn e eu escolhêmos os hinos, e o pastor me garantiu que não havia problema algum.

Indaguei o pastor sobre o tema do sermão de domingo, e ele disse que planejava falar sobre a certeza das promessas de Deus. Eu mal podia esperar pelo domingo.

Estava começando a me acostumar com a nossa pequena comunidade. Depois de ter costurado tudo que precisava e arrumado a nossa casinha, não encontrava coisas o bastante para preencher meus dias. As horas até Wynn voltar para casa muitas vezes pesavam em mim. Eu tinha certeza que havia coisas que poderia estar fazendo para servir a pequena comunidade se conseguisse descobrir o que era.

Ainda não conhecia muito bem a vizinhança. De fato, tínhamos poucos vizinhos no local onde ficava nossa casa. À nossa direita, havia um grande terreno baldio e além dele estava a propriedade que pertencia à Real Polícia Montada do Noroeste. Ali ficava localizado o pequeno escritório, bem como galpões de armazenamento, pátios de vagões e celeiros.

Wynn estava tão perto que podia voltar para casa ao meio-dia para almoçar, o que ajudava a preencher o meu dia. Era um grande prazer para mim poder ver meu marido por tanto tempo, depois de ele passar muito tempo fora, e muitas vezes, vários dias de cada vez.

Wynn se adaptou à rotina do trabalho de escritório. Eu sabia que era uma vida muito diferente da que estava acostumado, e tenho certeza que às vezes se aborrecia com a carga de papelada, mas ele não reclamava.

Ele parecia gostar dos dois rapazes que serviam sob seu comando, e isso certamente ajudou suas circunstâncias.

A sentença de dois meses do jovem valente da aldeia expirou e Wynn fez que o cavalo, que também tinha sido mantido sob custódia, fosse trazido para ele. Wynn também providenciou que o rapaz tivesse provisões suficientes para levar na longa viagem de volta para casa. Mandeí uma carta para que LaMeche lesse para Estrela de Prata. Então Wynn escoltou o rapaz a uma distância de dia de cavalgada da cidade, para se certificar de que ele não consumisse uísque ilegal novamente; e despedindo-se dele, com desejos de uma boa viagem, mandou-o embora.

Quando perguntei a Wynn se ele achava que o jovem havia aprendido uma lição, ele sorriu.

— Acho que aprendeu várias lições, Elizabeth — disse ele —, como jogar blackjack, como mascar tabaco, como xingar em inglês, e quem sabe o que mais.

Estremeci com as palavras de Wynn, pois, embora falasse parte em tom de brincadeira, sabia que havia verdade na afirmação.

Quanto a mim, estava me familiarizando com os comerciantes da cidade, embora só conhecesse poucos deles pelo nome. A maioria deles eram homens, mas havia uma mulher trabalhando no armazém e uma na padaria.

Nossa casa era pequena, mas adequada, a cidade era dispersa, mas interessante, a igreja tinha dificuldades, mas estava crescendo, e embora sentíssemos falta de nossa vida com o povo

indígena, nos estabelecemos e aproveitamos este inverno diferenciado.

Com frequência, conversávamos sobre a aldeia que havíamos deixado no outono, e orávamos pelos que haviam ficado. Esperávamos de todo o coração que a construção estivesse indo bem, que o jovem Policial Montado fosse capaz de cuidar das necessidades do povo, e que a Força considerasse conveniente que nós retornássemos para aquele posto na primavera. Também oramos para que o testemunho do evangelho naquela cidade criasse raízes e crescesse.

O Correio do sul havia chegado. Wynn trouxe as cartas para mim quando veio almoçar. Havia quatro delas: uma da Mary, uma da Julie, uma da minha mãe e uma da Mamãe Delaney.

Havia boas e más notícias. A guerra havia finalmente acabado e Matthew tinha voltado para casa em segurança. Agradei a Deus com fervor. Matthew agora se ocupava em aprender sobre os negócios, para assumir o lugar do pai.

O bebê da Julie tinha nascido. Ele tinha sido um bebê saudável até completar cinco meses, época em que contraiu sarampo, e por causa das complicações, voltara para os braços de Deus. Julie tinha ficado de coração partido, mas Deus estava com ela e marido, e esperavam agora um segundo filho.

Minhas lágrimas caíram incontrolavelmente enquanto eu pensava em minha querida e alegre irmã e sua profunda tristeza. Agradei a Deus, pois a carta dela fora escrita sem amargura, apenas amor pelo jovem marido pregador e sua fé no Deus Todo-Poderoso.

A família de Jon e Mary estava bem, embora Elizabeth, a escaladora da família, tivesse quebrado o braço ao cair de uma escada deixada ao lado da casa. O braço tinha sarado bem, e eles esperavam que a garotinha tivesse aprendido uma lição.

Mamãe Delaney teve mais duas internações, uma resultando em cirurgia de vesícula biliar. Agora ela estava se sentindo muito melhor. A família de Phillip e Lydia estava bem e crescendo.

Li cada carta muitas vezes antes de colocá-las de lado. Era a melhor coisa depois de uma boa visita àqueles que amamos.

Capítulo 28 – Ministério

Eu estava animada com minha nova classe de escola dominical — e ainda mais animada do que com a oportunidade de tocar piano novamente.

Recebi uma classe de seis crianças enérgicas de sete e oito anos: quatro meninas e dois meninos.

Um dos meninos, um verdadeiro desafio, fora criado por um homem que havia perdido a esposa no parto. O homem tinha escolhido, em seu momento de amargura, não se casar novamente, e temo que sua ira esteja afetando o filho em crescimento.

Foi uma vizinha que de alguma forma conseguiu convencer Willie que participasse da Escola Dominical. O pai não tinha lugar para Deus em sua vida, mas o filho da tal vizinha era o único amigo do menino, e então os dois vinham para a igreja juntos.

Um não podia ser mais diferente do outro. Stephen Williams era um menino tranquilo, de estatura pequena e questionadores olhos azuis. Ele tinha aprendido a não falar a menos que fosse perguntado, mas acho que isso tinha mais a ver com o fato de ser ridicularizado por outras crianças, do que com as boas maneiras.

Por outro lado, Willie Schultz era grande para sua idade, barulhento e irritadiço, nunca parava de falar, e tinha resposta rápida e temperamento impetuoso para combinar com seu cabelo ruivo rebelde.

Pareciam uma dupla tão improvável de “melhores amigos”, mas, desde o primeiro domingo ficou evidente para mim que era exatamente o que consideravam que eram.

Eles insistiram em se sentar juntos, compartilhar um livro, que eles fossem separados “das meninas” e que tivessem permissão de conversar sempre que desejassem.

Eu, por outro lado, insisti que se sentassem um em cada lado da sala, que cada um tivesse seu próprio livro, misturados com as meninas e que ficassem calados, a menos que eu lhes pedisse para falar.

Por alguns momentos, parecia que eu seria a derrotada. Entreolharam-se emburrados, ameaçando “nunca mais voltar,” a raiva de Willie aparente em seus olhos, mas conforme seguiu-se a lição, os dois se envolveram e se esqueceram de seguir em frente com o protesto.

Felizmente, todas as minhas quatro meninas eram muito comportadas. Soube que a mocinha chamada Maria era filha da senhora da padaria. Ela era um pouco gordinha — *ela deve provar livremente das guloseimas*, eu pensei.

Molly e Polly eram gêmeas, filhas do ferreiro da cidade, e Sue Marie era filha do homem que trabalhava na balsa. Mais tarde, descobri que Sue Marie e sua família tinham vivido em muitos lugares, seu pai mudando de emprego em emprego. Esta era a razão pela qual Sue Marie teve muito pouca educação. Ela mal começava as aulas em uma escola e logo a família estava na estrada novamente, indo muitas vezes para lugares onde não havia escola. A Escola Dominical era uma nova experiência para Sue Marie também, e foi por causa da gentileza da Sra. Kelly para com a família que a menina tinha permissão para comparecer.

Portanto, considerei minha classe da escola dominical um grande desafio. Aqui estavam seis alunos que precisavam saber as verdades da Palavra de Deus. Para alguns deles, esta poderia muito bem ser a única oportunidade que teriam. Orei pedindo a ajuda do Senhor.

Wynn começou sua aula com um grupo de quatro jovens hesitantes e retraídos. No primeiro domingo, Wynn ficou desanimado com as ações e as respostas dos rapazes, mas para sua surpresa, todos os quatro estavam de volta no domingo seguinte.

Ele os levou em uma excursão no sábado seguinte. Sobre a fogueira ao ar livre eles assaram o peixe que eles mesmos haviam pescado, e Wynn ensinou-lhes algumas das habilidades de sobrevivência na selva. No domingo seguinte, havia seis meninos em sua classe, e no seguinte, eram oito, todos ansiosos para

participar das atividades, ainda que não para aprender, e exigindo atenção.

Wynn agregou canoagem e caminhadas às excursões. Um sábado foi aplicado mostrando como dar início ao treinamento de um cachorro de forma correta. O cãozinho pertencia a Jack McGregor, e todos os rapazes clamaram para ter seus próprios cachorros, para que também pudessem se envolver. Eu sabia que quando a ninhada de Revva chegasse, teríamos mais treinadores do que filhotes.

Wynn gostava de seus “meninos” e eles começaram a passar por nossa casa à noite ou nas tardes de sábado e domingo. Muitas vezes parecia que eu administrava um restaurante para jovens famintos, mas era divertido e nunca fiz objeções. Minha turma também sentia-se bem-vinda em nossa casa. Passávamos alguns sábados assando biscoitos ou fazendo doces. Até os meninos participavam, embora fossem muito melhores comendo do que assando. Íamos juntos caminhar na natureza e eu prometi a eles que quando a neve fosse funda o suficiente, eu os ensinaria a andar com sapatos de neve, e todos estavam ansiosos para experimentar.

Com as atividades de nossas turmas e a visita de nossos alunos, meus dias logo ficaram cheios. Era como ter uma grande família.

Nem toda a nossa “família” dava ouvidos às nossas instruções. Willie, embora nunca perdesse a escola dominical e fosse até nossa casa mais frequentemente do que qualquer um dos meus alunos, ainda parecia carregar um fardo em seu ombro. Com frequência, o menino agia de forma beligerante e inflexível, e às vezes ficava furioso se as coisas não acontecessem do jeito dele.

Tentei compreender o garoto e suas necessidades, mas também tive que ser bastante firme. Apesar de Willie ser um menino que precisava de muito amor e atenção, senti que precisava também de disciplina forte para ajudá-lo a crescer e ser útil para si mesmo e para a sociedade.

Wynn tinha dois meninos que também tinham problemas. Um deles era de uma família que não tinha a presença paterna. O pai

tinha ido embora, abandonando a casa e a família, e ninguém parecia saber para onde ele tinha ido. O segundo era o mais novo de uma família de doze irmãos, muito carentes e excessivamente transitórios. A família permanecia em um lugar apenas o tempo suficiente para esgotar completamente a acolhida e então seguir em frente.

Apenas dois dos doze filhos não estavam ainda morando em casa, embora muitos deles já tinham idade para serem considerados adultos. Ficaram com o grupo familiar, agarrando-se uns aos outros — não por amor, infelizmente. Contínuas disputas internas muitas vezes resultavam em brigas horríveis, com punhos, facas ou qualquer coisa em que pudessem pôr as mãos.

Essa família era a maior fonte de preocupação para Wynn. A força policial provavelmente atendeu mais chamadas naquela casa em ruínas do que para qualquer outra área sob sua patrulha.

Wynn temia que o menino crescesse para seguir o mesmo caminho rebelde tomado pelo resto de seus parentes. Então, buscava passar tempo com o menino e encorajá-lo de todas as maneiras que podia. O nome do menino era Henry Myers, mas todas as crianças da escola o chamavam “Raivoso,” apelido que parecia deixá-lo bastante satisfeito.

Considerando todo o tempo que passávamos com nossas turmas de Escola Dominical, Wynn e eu percebemos que não estávamos tendo muito tempo para nós mesmos ou para nos familiarizarmos com outras pessoas da nossa idade. Conversamos sobre isso e decidimos que teríamos que separar uma noite por semana, informando aos alunos que estávamos indisponíveis naquela noite. Íamos de usar esse tempo para cultivar nossas próprias amizades.

Mas essa solução não funcionou muito bem. Sempre parecia haver uma criança ou outra diante da nossa porta com um problema para resolver ou uma alegria para compartilhar. Finalmente decidimos que íamos separar o jantar de domingo para convidar casais ou famílias, e que o restante do tempo estaríamos disponíveis para os membros de nossa classe.

Duas mães me abordaram para tratar a respeito de aulas de piano para seus filhos e, com a permissão do gentil pastor, nós usamos o piano da igreja. Comecei dando três aulas por semana.

Outras mães me procuraram e as aulas aumentaram para onze por semana. Teria havido mais, mas senti que era o máximo que conseguiria manejar.

Nossas vidas estavam tão ocupadas, nossos dias tão cheios preenchidos de atividades, que a neve me pegou de surpresa. O inverno estava conosco novamente, e eu nem tive tempo de antecipar ou temer sua chegada.

Capítulo 29 – Inverno

Este foi um inverno muito diferente do que eu estava acostumada.

Em vez de puxar lenha e derreter água para manter meu fogo aceso e lavar minhas roupas, eu dava aulas de piano para meninas muito educadas e assava biscoitos para meninos famintos.

Meu trabalho físico era muito mais fácil, mas meus dias muito mais ocupados. Eu não conseguia acreditar como nossa vida estava cheia. Eu via menos do meu marido agora do que quando vivíamos em uma das aldeias. Até o nossos domingos eram cheios, o dia da semana que anteriormente tínhamos separado zelosamente para passarmos um com o outro.

Os filhotes de Revva nasceram — cinco deles — mas eu estava ocupada demais para ajudar no treinamento deles. Além disso, todos os alunos da escola dominical de Wynn ansiavam por ajudá-lo e eu sabia o quanto era importante para eles.

Assumimos a agradável tarefa de recebermos uma família de cada um dos nossos alunos para o almoço de domingo. Alguns encontraram maneiras educadas para recusar nosso convite, mas a maioria deles aceitou, e eu ficava ocupada preparando refeições acessíveis e saborosas.

Cada aluno recebia um convite por escrito para levar para casa, convidando a família para almoçar em nossa casa dali duas semanas. No domingo seguinte, eles deviam trazer a resposta. Nós mesmos poderíamos ter perguntado aos pais, mas queríamos que os alunos se sentissem parte do processo. Eles sentiam tanto prazer em levar o envelope para casa!

Quando foi a vez de Willie levar para casa seu convite, ele olhou para mim com olhar raivoso. Como depois acabei compreendendo, ele não estava com raiva de mim.

— Pra que me importar? — ele disse furioso. — Meu velho não ia vir mesmo.

— Talvez você deva levar para casa o convite e deixá-lo decidir — persuadi Willie.

— Não vai adiantar. Ele é tão malvado, vai ficar bravo e me bater.

Eu não conseguia acreditar que alguém tão jovem pudesse ser tão desrespeitoso e desconfiado do pai.

— Vou entregar o convite pessoalmente, se preferir — disse a Willie.

Ele enfiou o convite no fundo do bolso.

— Pode sobrar para a senhora também — ele rosnou.

Deixei o assunto de lado e continuei com a aula.

Percebi que Willie poderia precisar de uma ajudinha para encorajar o pai, de modo que não esperei o domingo seguinte, quando o garoto traria a resposta ao convite. Em vez disso, na terça de manhã eu vesti meu melhor traje e me dirigi ao pequeno hotel local que pertencia ao pai de Willie.

Quando entrei no prédio, aproximei-me do homem que estava na recepção, satisfeita por não ter de perguntar pelo Sr. Schultz. Sua mecha de cabelo avermelhado informou-me de onde Willie tinha conseguido seu cabelo ruivo, e um bigode amigável e animado, que se contraía como se estivesse se divertindo quando ele falava. O nome G. W. Schultz estava afixado em frente ao colete listrado.

Eu sorri calorosamente.

— Sr. Schultz — eu disse, estendendo minha mão. — Eu sou a Sra. Delaney, e é um prazer conhecê-lo.

Ele pegou minha mão e apertou-a completamente, murmurando algo sobre o prazer ser todo dele.

— Estou aqui para convidá-lo para almoçar em minha casa no próximo domingo — prossegui dizendo. — Presumo que o senhor já tenha recebido nosso convite por escrito, mas queria torná-lo um convite pessoal também.

— É muito gentil da sua parte — disse o Sr. Schultz.

— Serviremos o almoço uma hora e o senhor pode ficar à vontade para chegar alguns minutos antes desse horário, se desejar. No entanto, nós não chegamos em casa antes de meio dia e meia depois da manhã de culto.

— Isso parece ótimo — disse o Sr. Schultz, oferecendo-me um amplo sorriso, contraindo o bigode.

Ele certamente parece amigável, pensei comigo mesma. *Por que as pessoas o pintam como um ogro?*

Fiquei ainda mais ousada.

— Seria maravilhoso tê-lo conosco pela manhã no culto, se estiver livre.

— Talvez eu faça isso — disse o Sr. Schultz.

Eu me senti em êxtase. Nunca tinha sido recebida tão graciosamente.

— Contaremos com isso então — eu disse, e dei ao homem um dos meus melhores sorrisos.

— Certamente. E eu agradeço a senhora, por sua gentileza. aguardo ansioso pelo domingo daqui a duas semanas.

Virei-me para ir embora e voltei novamente, com o que esperava ser um sorriso de triunfo:

— Sr. Schultz — eu disse em tom um tanto jocoso, ainda que de forma significativa —, o senhor não precisa esperar duas semanas para participar do culto em nossa igreja, sabe. Seria muito bem-vindo a qualquer hora, mesmo no próximo domingo.

Ele torceu o longo bigode avermelhado.

— Sra. Delaney — ele disse —, eu nunca recebi um convite tão agradável.

Fiquei um pouco embaraçada, e me atrapalhei com a maçaneta. Quando estava prestes a sair, o homem falou novamente.

— Sra. Delaney — ele disse —, por favor, não se ofenda, mas você é viúva, senhora?

Eu me virei, meu rosto aquecendo sob seu olhar.

— Não... não... claro que não.

— Então posso saber por que a senhora está convidando um homem solteiro como eu para jantar?

— O convite explicava que, eu...

— Que convite?

— Ora, aquele que o seu filho...

— Meu filho? Eu não tenho filho. Como disse, sou solteiro, Sra. Delaney.

Minha mão enluvada apressou-se para cobrir meu rosto.

— Mas Willie, meu aluno da escola dominical...

O homem começou a rir, sua gargalhada sacudiu o prédio. Eu certamente não vi nada engraçado sobre a situação, e o homem nem explicou a situação, na verdade, apenas apontou para uma porta e disse:

— Lá dentro. É ele quem a senhora deseja ver — ele é meu irmão.

Foi um péssimo começo. No momento em que bati na porta, já estava confusa e envergonhada. Quando o homem respondeu a batida, abri a porta e entrei.

O aposento era um escritório. A mesa na frente ao homem estava amontado de contas e livros. Ele nem olhou para cima, mas rosnou em minha direção:

— Sim?

Limpei minha garganta para começar.

— Perdoe-me senhor.

O homem ergueu a cabeça ao som da minha voz, e fez uma careta, como se questionasse minha coragem para interromper seu trabalho.

O pai de Willie tinha a mesma mecha de cabelo avermelhado, o mesmo bigode espesso, mas este não se contraía por diversão, mas sim, se eriçou com indignação. O olhar dele me prendeu ao chão.

Eu queria sair dali. A única maneira que encontrei era falar rapidamente o que queria e depois recuar.

Eu não queria mal-entendidos, então comecei esclarecendo minha posição.

— Eu sou a Sra. Delaney — eu disse no que esperava ser uma boa voz. — Meu marido é o novo comandante do posto da Real Polícia Montada do Noroeste. Sou professora da escola dominical de Willie. Creio que o senhor seja o pai dele?

Houve silêncio por alguns momentos. Comecei a pensar que o homem não ia me responder; então, o pai de Willie soltou o lápis que usava para trabalhar e me lançou um olhar fulminante.

— Então o que ele fez agora?

— Fez? Ora, nada. Eu... eu...

Ele me encarou.

— Se ele não fez nada, o que a senhora está fazendo aqui?

— Vim pessoalmente confirmar o convite que enviei para sua casa, pelas mãos do seu filho domingo passado.

O homem se levantou. Ele era um homem alto, de constituição robusta. Podia entender porque uma criança se sentiria intimidado por ele.

— Que convite? — ele retrucou. — Um para a sua pequena classe de escola dominical? — ele disse em tom de zombaria ao fazer a pergunta. — Agora olhe aqui, Srta. Qualquer que seja o seu nome — deixou a cadeira e deu a volta na mesa, onde poderia ficar olhando de cara feia para mim —, pediram que meu filho fosse para aquela igreja lá. Eu não ligo para isso, mas não achei que fosse fazer mal; além disso, tira o menino do meu caminho por algumas horas. Domingo é o único dia eu consigo dormir. Agora, a senhora já tem a criança, o que mais você quer?

Eu estava com raiva, estava com medo, e tremia, sentindo uma ira interior.

Como essa criança crescida pode estar agindo de forma tão tola? *Isso devia ser comum na família!* Eu estava furiosa. Primeiro o irmão engraçadinho me permitiu fazer papel de idiota, e agora este homem tinha a coragem de se crescer para cima de mim, como se

estivesse agitando o dedo para um colegial travesso, simplesmente porque eu me importava com o filho dele!

Eu dei um passo para trás, não para fugir dele, mas para que pudesse dar uma boa olhada no rosto rubicundo e zangado, e encarar os olhos penetrantes.

— Perdoe-me, Sr. Schultz — eu disse —, mas creio que o senhor tenha se confundido. Em primeiro lugar, não estou lhe convidando para minha classe da escola dominical. Eu não permito a participação de crianças mimadas e rabugentas nas aulas. E em segundo lugar, eu vim aqui para convidá-lo para ir até nossa casa, para o almoço de domingo, não porque eu sinta que sua presença será particularmente agradável, mas porque eu me preocupo com seu filho. Não, Sr. Schultz, Willie não “fez alguma coisa,” mas ele fará algum dia, se o senhor não lhe der mais do seu tempo e amor. Ele precisa de um pai agora! Nós, cristão da igreja, o amamos e estamos tentando ajudá-lo a crescer e ser um cidadão temente a Deus e cumpridor da lei, mas não podemos fazer isso sozinhos. Willie já é hostil — e ele não será reformado a menos que o senhor seja reformado primeiro.

O rosto diante de mim estava se transformando. Houve primeiro um olhar de tanta raiva que pensei que o homem poderia me bater, e então houve um olhar de absoluta incredulidade. Eu tinha certeza de que ninguém, pelo menos ninguém em sã consciência, havia se dirigido a ele daquela maneira. Mas eu ainda não tinha terminado.

— E, finalmente, Sr. Schultz — eu disse —, estou disposta a adivinhar que Willie tinha uma mãe que era uma mulher honesta e decente, e traria grande dor para ela se o filho dela não crescesse para se tornar um homem decente.

Eu parei e respirei fundo. As palavras que eu tinha dito estavam começando a me deixar com vergonha e constrangimento. Meu rosto corou e as lágrimas que eu tinha teimosamente controlado ameaçavam aparecer. Abaixei meu rosto.

— Desculpe-me — gaguejei. — Peço desculpas por minha explosão. Não tinha nenhuma razão para agir de maneira tão rude. É imperdoável. Perdoe-me, por favor.

Eu contornei o grande homem que não havia saído do meu caminho e estendi a mão trêmula para a maçaneta. Eu precisava escapar.

Hesitei apenas o tempo suficiente para dizer no que não passou der um sussurro:

— O convite ainda está de pé. Uma semana a partir de domingo.

Abri a porta e sai correndo do escritório.

Eu teria fugido para a rua, mas quando passei pela mesa onde o outro Sr. Schultz ainda estava resolvendo palavras cruzadas, ele olhou para mim, com um bigode retorcido e olhos cintilantes e disse:

— Bully para você.

Dei a ele um olhar pétreo e segui em frente, esforçando-me para preservar alguma dignidade.

Quando cheguei à porta, ele me chamou.

— A propósito, meu convite ainda está de pé, também?

Sem responder, abri a porta, fechei-a bem atrás de mim, e segui em frente. Eu podia ouvir as estrondosas risadas me seguindo.

Capítulo 30 – Almoços de Domingo

No sábado seguinte, eu estava na igreja ensaiando com algumas das meninas juvenis, para a participação no programa de Natal da escola dominical.

De repente, a porta se abriu e Willie entrou correndo.

Sem nem esperar para tirar o chapéu ou respirar, ele correu em minha direção, com a mão estendida.

O garoto não conseguia falar, estava muito ofegante. Apenas estendeu um estranho pedaço de papel para mim e pediu para que eu o pegasse.

Estendi a mão e peguei enquanto ele esperava, sem fôlego, que eu abrisse o envelope imediatamente.

Era uma simples missiva, que expressava apenas que em nome do filho Willie e dele mesmo, o Sr. Schultz ficava feliz em aceitar meu convite para o almoço de domingo. Eu fiquei perplexa e Willie olhou para mim com um sorriso no rosto; o cabelo ruivo caía na testa.

— Willie — eu disse, dando-lhe um abraço —, isso é maravilhoso!

— Eu disse que ele viria — disse o menino ofegante.

— Estou tão contente — disse com sinceridade.

— Tenho que mostrar para o Stephen — disse Willie, e partiu novamente.

Eu fiquei olhando para ele, me perguntando o que tinha mudado na mente do senhor Schultz. Certamente o tio de Willie não estava pregando outra peça em mim. *Não*, eu disse a mim mesma, *nem mesmo ele não seria tão sem coração*.

Eu me virei para minhas menina. Até a nossa música parecia melhor, e quando saí da igreja, caminhei através da neve que caía suavemente com um passo mais leve.

Talvez, quem sabe, algo tenha sacudido o pai, para fazê-lo perceber que tinha um filho que precisava dele.

Nosso domingo com os Schultz correu muito bem. Sr. Schultz não se juntou a nós na igreja, como eu esperava, mas ele e Willie chegaram pontualmente a uma hora.

Para meu alívio, Wynn e o Sr. Schultz conversaram com facilidade, e o pai de Willie provou ser um homem inteligente e até agradável.

Nada foi dito sobre minha visita ao hotel ou minha explosão, nem foi comentado sobre o irmão que gostava de brincadeiras sem graça. Questionei-me se o pai de Willie sabia dessa parte do incidente.

Servi o jantar, deixando Willie me ajudar na cozinha. Ele ficou contente por servir seu próprio leite e colocar os pãozinhos, manteiga, e pickles na mesa. Olhei para o Sr. Schultz uma ou duas vezes, para ver se ele poderia se opor a seu filho fazer “trabalho de mulher,” mas ele parecia nem mesmo perceber.

Ficamos sabendo que o Sr. Schultz estava muito interessado no trabalho da Força. Ele fez várias perguntas e Wynn ficou feliz em responder. Os dois conversaram amigavelmente até eu anunciar que a refeição estava pronta.

Sr. Schultz agiu de forma muito cordial, evidenciando bons modos à mesa, mesmo quando Wynn fez a prece antes da refeição. A conversa estava leve e amigável e depois do café e da sobremesa, que deixei Willie ajudar a servir, eles conversaram um pouco mais; então o homem me agradeceu educadamente e saiu.

Respirei fundo depois de fechar a porta. Antes de encarar os pratos sujos, virei para Wynn.

— Bem — perguntei —, o que você achou?

— Ele é um homem bastante agradável, e certamente não é nenhum tolo — Wynn respondeu.

— Exceto no que diz respeito a Willie — murmurei. — Temo que o homem saiba muito pouco sobre as necessidades de um menino em crescimento.

Fui dar atenção aos pratos então, meditando enquanto os lavava. Wynn aproximou-se e pegou um pano para secá-los.

— Se eu ajudar com a louça, Sra. Delaney — ele propôs — a senhora promete dar um passeio comigo?

— Isso é um pedido ou uma ordem, Sargento? — devolvi a provocação.

— Um pedido — afirmou Wynn. — Se você recusar meu pedido, então se tornará uma ordem.

Rimos juntos e nos apressamos com os pratos, para que pudéssemos começar nossa caminhada.

Levamos Kip conosco, que apressou-se saltando a nossa frente, amando a liberdade que tinha para correr. Ele não gostava de ficar confinado ao nosso quintal cercado, mesmo que houvesse espaço suficiente.

Foi uma adorável tarde de inverno e a neve fresca triturado sob os pés enquanto caminhávamos.

— Imagine — comentei com Wynn. —, em apenas três semanas será Natal novamente.

— Você está ansiosa por este Natal? — questionou ele.

— Estou — admiti. — Realmente estou. Vai parecer mais com um Natal este ano. Haverá o programa de Natal da escola dominical, o culto especial, uma árvore, decorações e até um peru para o jantar. Acho que vou realmente gostar de ter um verdadeiro Natal à moda antiga de novo.

— Também estou ansioso por esse momento — afirmou Wynn. — Estou cansado de presenteá-la com meias novas.

Nós dois rimos muito e caminhamos pela suave neve que caía.

Sue Marie e sua família foram os últimos dos meus alunos que receberíamos para o almoço antes do Natal. Depois do Natal, íamos começar a convidar os membros da classe de Wynn. Já nos perguntávamos o que faríamos quando chegasse a hora de convidar a família de Henry “Raivoso” Myers. Deixamos para pensar nesse problema no futuro, jurando cruzar aquela ponte quando chegasse a hora.

Sue Marie aceitou nosso convite, mas a menina não veio em companhia da família. Lamentei não ter tido a oportunidade para

conhecê-los, mas prometi a mim mesma que depois do Natal eu iria pelo menos tentar conhecer sua mãe.

Com rosto solene e sombrio, Sue Marie sentou-se tranquila e calmamente em uma cadeira, enquanto eu servia a refeição à mesa. Wynn tentou entretê-la, mas a menina apenas balançava a cabeça, respondendo sim ou não às perguntas que ele fazia.

À mesa, a criança comeu muito pouco, embora seus olhos famintos captassem tudo. Sue parecia embaraçada e tímida. Gostou da torta de maçã, e até aceitou uma segunda fatia.

Eu não queria correr com ela de casa assim que terminássemos, então sugeri que Sue poderia olhar alguns livros, enquanto eu lavava a louça. A menina pegou os livros e olhou as gravuras, mas não fez nenhuma tentativa de lê-los. Fiquei me questionando se Sue Marie conseguia ler.

Depois de terminar com a louça, entrei na sala, e sentei-me ao lado da menina.

— Gostaria de ouvir a história? — perguntei.

Ela parecia hesitante, mas finalmente assentiu com a cabeça. Fiquei surpresa com sua relutância, pois não tinha ficado assim tão tímida nas outras vezes que tinha vindo em nossa casa com as outras crianças. Eu peguei o livro e comecei a ler. Em pouco tempo Sue estava totalmente absorta na história.

Lemos livro após livro juntas, e então a garotinha olhou para o relógio.

— Tenho que ir — disse ela. — Mamãe disse para chegar em casa antes das três.

Busquei o casaco e luvas dela, e a ajudei a se abrigar.

Ela se virou para a porta e disse educadamente:

— Obrigada pela excelente refeição, Sra. Delaney.

— De nada — respondi a ela. — Estou tão feliz por você ter vindo.

Sue então se virou para afagar a cabeça de Kip, que tinha saltado para receber alguma atenção. Kip sempre se certificava de entrar na festa quando as crianças vinham em casa.

Então a menina se virou sobriamente para mim.

— Eu fui boazinha o suficiente, Sr. Delaney? — ela perguntou, com os olhos grandes e questionadores.

— Ora, você foi muito bem — eu disse me ajoelhando ao lado dela e colocando um braço ao redor do seu corpinho.

— Bom — disse ela séria. — Porque mamãe disse que se ela soubesse que eu não tinha sido boazinha, eu levaria uma surra horrível quando chegasse em casa.

— Quando me encontrar com sua mãe — eu afirmei —, vou dizer que menina bem comportada que ela tem.

A garotinha abriu um grande sorriso, e então partiu saltitando pela tarde de inverno.

A igreja estava lotada para o programa de Natal da escola dominical. Eu tinha ficado responsável por todo o canto e ensaiara com as crianças por vários sábados antes do grande evento.

A maioria das nossas apresentações foram feitas em grupo, mas as gêmeas estavam cantando “Away in a Manger” e Willie, que descobri ter um adorável tenor infantil, cantou um solo, “O Little Town of Bethlehem”. Embora esperasse que o pai viesse para ouvi-lo, não arrisquei outra ida até o hotel com um convite.

O rosto do Pastor Kelly iluminou-se ao dar as boas-vindas ao grande grupo na pequena igreja. Do meu lugar ao piano, também olhei para o público, avistando muitos pais de nossos alunos. Muito para o meu espanto, não estava apenas o pai de Willie lá, mas estava o tio também. Este último chamou minha atenção e torceu o bigode divertidamente antes que eu me virasse rapidamente.

Tivemos apenas um percalço — além de alguns pequenos contratemplos, claro. Quando Ralph Conners, um dos pastores da classe de Wynn, virou-se para sair do palco, seu pé agarrou o manto de Joseph e o derrubou antes que ele pudesse soltar o pé. O cajado de Joseph, que era a bengala da Sra. Belasky, caiu no chão com um ruído altíssimo, e a toalha da mãe de Joey, que ele usava como turbante, caiu da sua cabeça.

Joseph se levantou, murmurando ameaças entredentes, recolocou o turbante ao acaso na cabeça, cobrindo parcialmente um olho, e continuou com seu discurso. O público riu um pouco, mas a peça continuou.

Eu aproveitei a noite. Foi maravilhoso fazer parte de uma celebração de Natal novamente.

Como havíamos planejado, depois do Natal começamos nossos convites aos membros da classe de Wynn. Não ficamos muito entusiasmados com a resposta que obtivemos de meus alunos mais novos, ainda assim, ficamos satisfeitos com o número de famílias que aceitaram nosso convite para o almoço de domingo.

A última família pertencia a Henry “Raivoso” Myers. De novo nós discutimos o que deveríamos fazer. Eu respirei fundo.

— Bem — eu disse —, o Senhor Jesus também ama Henry. Nós convidamos as famílias de todos os outros — acho que isso significa convidar a família de Henry também.

— Isso significa doze pessoas, Elizabeth.

Eu concordei.

— Doze pessoas grandes.

Suspirei.

— Doze pessoas grandes e más — brincou Wynn.

— Oh, Wynn — eu lamentei —, não torne isso pior do que de fato é. Já estou assustada o suficiente.

— Você não tem que fazer isso — lembrou Wynn.

— Eu acho que devemos.

— Está certo, então vou oferecer toda a ajuda que puder dar.

Então o convite foi para toda a família Myers, e eu preendi a respiração imaginando o que aconteceria.

Henry trouxe a resposta no domingo seguinte. Não foi no papel — foi em formato de palavra. Eles disseram “Claro”.

Oh, meu Deus, pensei. Oh meu Deus!

E então, recordei que tinha servido praticamente o mesmo número de pessoas, dia após dia ao redor de uma fogueira no acampamento. Além disso, lá tinha apenas vegetais e carne

selvagem para acompanhar. Por que a “civilização” tornava as coisas aparentemente tão difíceis? Comecei a planejar meu jantar.

Eu estava determinada a ter o suficiente para comer — poderia não ser elegante, mas haveria o suficiente. Eu não conseguia imaginar nada mais constrangedor do que ter todos aqueles apetites saudáveis e não ter comida suficiente. Peguei minha maior chaleira, pedi que Wynn trouxesse para casa algumas panelas ainda maiores da sala de suprimentos da Força e cozinhamos em grandes quantidades.

Eu tinha planejado para doze, os dez filhos que foram relatados e ainda moravam em casa e com os pais, mas quando eles chegaram havia apenas dez. Todos pareciam bastante jovens, então presumi que o pai e a mãe não puderam estar presentes.

— Lamento que seu pai e sua mãe não tenham podido vir — eu disse para a jovem que estava mais próxima a mim.

— A mãe tá morta e enterrada faz anos — ela me informou sem nenhuma emoção aparente. — O pai não tava se sentindo bem...

— Ficou bêbado demais noite passada — interrompeu um dos meninos. — Não conseguia nem andar hoje de manhã.

Ele riu, obviamente pensando que era uma ótima piada.

— Isto cheira bem — disse um dos outros.

Com um pouco de esforço, colocamos todos em volta da mesa. Wynn tinha me avisado que poderíamos ter alguns problemas para segurá-los enquanto fazíamos a oração, então eu havia planejado com antecedência. Eu não coloquei a comida na mesa. Mas minha estratégia não funcionou muito bem.

Eles olharam ao redor da mesa no momento em que se sentaram, e então um dos irmãos gritou:

— Lizzie, levanta e faz algo de útil. A comida ainda não está pronta.

Conseguimos orar e, em seguida, todos atacaram. De vez em quando, durante a refeição, alguém fazia alguma observação sarcástica para um dos irmãos. Eu temia que uma briga pudesse surgir, para saber quem teria direito a pegar uma terceira porção de

batatas, mas eles resolveram de alguma forma e a refeição continuou.

Quando terminaram, eles se levantaram, limparam as bocas em mangas já sujas e se dirigiram para a porta. Não disseram nada sobre a refeição, exceto uma das meninas que parou momentaneamente e disse:

— Papai com certeza vai ficar furioso por ter perdido.

Isso causou uma risada entre eles, e partiram.

Henry ficou na porta por apenas um momento, parecendo pouco à vontade e confuso e então correu atrás deles.

Eu lavei todos os pratos sujos, esfreguei as panelas gigantes e arrumei a cozinha. Não sobrou muita comida para guardar — dificilmente o suficiente para preparar uma refeição para Wynn e eu no dia seguinte.

Wynn estava desmontando a extensão improvisada para a mesa quando terminei a última das tarefas da cozinha. Levei as sobras de vegetais e carne para a prateleira da varanda, que funcionava como meu armazém frio.

Bem, pelo menos tenho uma torta de abóbora e mais, disse a mim mesma. Com um total de apenas doze em vez de quatorze para o jantar, eu tinha cortado apenas três das quatro que tinha preparado. Desfrutaríamos da torta de abóbora no próximo dia.

Coloquei os pratos com restos de comida na prateleira, ainda pensando na torta saborosa. Na verdade, fiquei tentada a cortar apenas uma fatia e comer com café. Imaginei que merecia, depois de servir tantos e lavado toda aquela louça suja.

Eu olhei em volta sem acreditar. Minha torta não estava em lugar nenhum.

E então a verdade me atingiu como um golpe.

— Wynn — eu exclamei —, aqueles Myers roubaram minha torta!

Três dias depois, a notícia veio do escritório da polícia. Os Myers haviam deixado a cidade. Uma série de pequenos itens, que

pertenciam aos vizinhos e armazéns pareciam ter deixado a cidade junto com eles.

Meu coração doeu por Henry. Que chance o menino teria?

Eu orei sinceramente pelo garoto. No início, Henry deve ter comparecido à classe de Wynn porque ouviu falar sobre as excursões, os passeios de canoa e as pescas, mas eu tinha esperança que agora o rapaz estivesse participando por respeito ao Wynn. Ele sabia que Wynn se preocupava com ele — talvez a primeira pessoa em sua vida que realmente se importava.

Duas noites depois, estávamos tendo um daqueles raros momentos de silêncio em casa, quando alguém bateu à nossa porta. Wynn foi atender e, para seu espanto, Henry estava do lado de fora, tremendo no ar frio da noite.

Wynn o apressou a entrar e me ocupei em buscar algo para o menino comer. Não fizemos perguntas, mas depois que Henry terminou de comer, ele pegou o casaco leve, murmurou seu agradecimentos e dirigiu-se para a porta.

— Onde você está indo? — perguntou Wynn.

Henry hesitou em responder. Wynn decidiu tentar outra aproximação.

— Eu achei que toda a sua família tinha deixado a cidade. Eles voltaram?

O garoto apenas balançou a cabeça.

— Como você voltou então? — Wynn perguntou.

Ele olhou para baixo desconfortavelmente e puxou a manga do casaco.

— Eu não fui — ele finalmente respondeu. — Quando disseram que estavam indo embora, eu corri e me escondi. Meus irmãos chamaram por um tempo e então simplesmente desistiram e partiram sem mim.

— Então você está sozinho?

Ele assentiu.

— Onde você está ficando?

— Eu ia ficar na casa, mas hoje uns caras vieram e fecharam tudo e não consigo entrar.

— Então você não tem onde ficar?

— Eu vou arranjar — disse ele, de repente assumindo uma postura firme.

Wynn olhou para mim, por cima da cabeça do menino e eu concordei com a cabeça.

— Vou dizer uma coisa — disse Wynn —, temos aquele quarto que não tem ninguém dormindo nele. Por que você simplesmente não fica aqui?

Henry parecia assustado demais para falar.

— Claro — disse Wynn, —, que esperamos que trabalhe para o seu sustento. Você precisaria carregar madeira e transportar água. Também esperamos que vá à escola todos os dias.

O menino ainda não disse nada.

— Em troca, você teria roupas e as refeições. A Sra. Delaney é uma ótima cozinheira. Acordo fechado? — perguntou Wynn.

Henry arrastou os pés. Tive a sensação de que ele estava se esforçando muito para evitar que um sorriso aparecesse.

— Acho que sim — respondeu ele.

— É melhor tirar o casaco e ir até o fogo então. Talvez possamos convencer a Sra. Delaney a estourar pipocas.

O sorriso finalmente apareceu, apesar da relutância de Henry.

Capítulo 31 – Respostas

No início, parecia estranho ter um menino em casa.

Havia muitas coisas a fazer. Wynn teve que relatar o paradeiro da criança e buscar a custódia legal temporária para que pudéssemos ficar com ele.

Tive que comprar roupas e fazer arranjos na escola, para determinar a série em que ele deveria ser colocado. Seu comparecimento antes tinha sido tão esporádico, que eles nem mesmo tentaram localizá-lo.

Eu trabalhava com Henry à noite, para ajudá-lo a alcançar a turma de sua idade, mas embora o garoto fosse inteligente o suficiente e trabalhássemos duro, eu sabia que demoraria algum tempo até que ele alcançasse a série que deveria.

Ele amava o Kip e nos convenceu a deixar que o cão dividisse o quarto com ele. Como Kip estava acostumado a ficar em casa durante o inverno frio, eu cedi prontamente. Eu insisti que o lugar de Kip fosse no tapete em vez de ser em cima da cama, e quando olhávamos o quarto à noite, depois que os dois foram dormir, Henry sempre dormia com uma mão em cima do cachorro, seus dedos enrolados no pelo denso.

Ele aprendeu rapidamente as tarefas que lhe foram atribuídas e, felizmente, provou não ser preguiçoso. Ele carregava madeira e água sem ser solicitando, e até mesmo inventando trabalhos adicionais para fazer, sabendo que isso nos agradaria.

O calendário consumia rapidamente os meses de inverno, e eu ansiava pela primavera com emoções confusas. Sabia que podia significar que voltaríamos para a aldeia. Eu queria muito ir. Sentíamos falta de nossos amigos indígenas. Havia orado diariamente para que Deus, de alguma forma, abrisse as portas para que pudéssemos voltar e ajudar a compartilhar as boas novas da vinda de Cristo à terra, para viver e morrer pela humanidade.

Como eles podem acreditar nAquele de Quem não ouviram? eu ficava me perguntando. *Como vão saber que o mal que eles temem*

poderia ser superado através da aceitação do grande plano da salvação?

E ainda assim, quando pensava em voltar para os índios, pensava também na minha turma da escola dominical. Eles também precisavam saber sobre Cristo e Seu amor. Pensava sobre o pai de Willie, que viveu em profunda amargura por tantos anos e agora parecia estar saindo lentamente de seu autoexílio. Pensava sobre os meninos de Wynn e sua necessidade de assumir esse compromisso pessoal com o Senhor Jesus. Se partíssemos, haveria alguém para ensiná-los?

Mas mais do que tudo isso, pensava em Henry, nossa pequena criança abandonada. Quem cuidaria de Henry?

Wynn e eu conversamos a repeito muitas vezes, mas sem chegarmos a nenhuma conclusão, então, continuávamos adiando. Creio que nenhum de nós queria enfrentar a ideia de desistir do menino, de modo que era muito mais fácil empurrar a decisão para o futuro.

Por fim, um dia no meio de abril, quando o sol da primavera derramava seu calor nas encostas, fazendo que pequenos riachos corressem em direção ao rio Athabasca, enquanto o rio tentava se libertar do gelo de inverno, sabíamos que precisávamos enfrentar diretamente a questão: E quanto a Henry?

— Ele está se esforçando tanto e já melhorou muito — afirmei.

Wynn concordou, embora ambos soubéssemos que Henry ainda tinha muitas coisas para trabalhar.

— Receio que se Henry tiver que enfrentar outra mudança agora, ele pode regredir — continuei.

— Você acha que os pais de Stephen o aceitariam? — sugeriu Wynn.

— Eles são jovens e bondosos, mas não tenho certeza se conseguem lidar nem com seus próprios filhos — eu disse honestamente. — Sinto que as meninas são absolutamente indisciplinadas. Henry ainda precisa de uma mão firme, o pai de Stephen não se envolve de forma alguma, e a mãe não consegue capaz de seguir adiante.

— Você está certa — concordou Wynn. — É exatamente assim que os vejo.

— E os Kellys? — perguntei.

— Você acha que seria justo? Afinal, eles não são mais jovens. Estão ansiando pela aposentadoria e não criar outra família.

— Suponho que seria uma incômodo — concordei relutantemente.

— Eu me pergunto se Phillip e Lydia poderiam ficar com ele. — Ponderou Wynn.

— Não se esqueça que eles agregaram outros dois jovens à sua própria família nos últimos anos — recordei. — Lydia já carrega toda carga que pode.

Parei por um momento e então disse pensativa.

— Você acha que Jon e Mary poderiam estar dispostos...

— Não acho que Henry gostaria de viver na cidade. Ele não iria de adaptar. O sistema escolar — William e seus amigos? Seria um ajuste muito difícil.

— Wynn — eu disse —, será que não poderíamos levá-lo conosco para a aldeia?

— E a educação dele?

— Eu poderia levar os livros e ensiná-lo.

— Sim, suponho que sim. Mas você realmente acha que seria o melhor para ele? Quer dizer, ele não saberia o idioma, não se encaixaria com os outros meninos. Acho que ele precisa de mais apoio do que isso, Elizabeth. E você sabe o quanto eu preciso viajar. Você teria muito trabalho com ele.

Nós dois ficamos em silêncio enquanto pensávamos nisso. Não parecia que a aldeia indígena era o lugar certo para o menino.

— Temo que simplesmente não tenho a resposta — admitiu Wynn.

— Vamos ter que continuar orando.

Ambos nos preocupávamos por causa de Henry. Era importante que ele tivesse amor e base para aprender as verdades do Evangelho e tomar sua própria decisão de seguir o Senhor.

Mesmo assim, nosso povo indígena também era importante. Eles precisavam de alguém para levar o Evangelho a eles — e eles precisavam agora.

Tentei deixar tudo com o Senhor.

“Lance seu fardo sobre o Senhor”, dizia a Escritura, e eu lançava — e então puxava de volta... e então lançava novamente. Eu ficava infeliz com minhas preocupações, e então um dia, em meu momento de oração silenciosa, fui franca, totalmente honesta diante de Deus.

— Senhor — eu disse —, estou muito preocupada com Henry. Agora, sei que não sou a única pessoa que Tu podes usar para ministrar. Entrego o Henry a Ti, Senhor. Se nos pedires para deixá-lo com outra pessoa, então vou confiar que o Senhor cuidará para que as necessidades dele sejam atendidas e Tu cuidarás dele física e espiritualmente. Ajude-me a entregá-lo verdadeiramente a Ti, sabendo que Tu o amas e cuidará dele. E me ajude a não trazer esse fardo do cuidado de volta aos meus próprios ombros novamente. Amém.

Eu finalmente encontrei a liberação. E estranhamente, em vez de Henry parecer menos importante para mim, como eu temia que pudesse acontecer, o amei ainda mais profundamente. Ainda não me angustiava com o que iria acontecer quando as novas ordens chegassem da Sede da Polícia.

Era uma quarta-feira. Henry tinha voltado da escola, tinha comido seus biscoitos com leite, realizado rapidamente suas tarefas, com Kip correndo em seus calcanhares, e depois veio a mim com uma súplica em seus olhos.

— Poderei ir ao escritório da polícia brincar com os cachorrinhos e depois voltar para casa com o sargento Wynn? — ele me perguntou.

Eu queria corrigi-lo dizendo “Posso”, mas mordi a língua. Henry tinha tantas coisas para aprender que eu deveria mostrar paciência.

O garoto tinha uma profunda devoção por Wynn, e eu sabia que era bom para ele. Olhei para o relógio. Eu não queria que Henry ficasse no caminho de Wynn, mas sabia que ele estaria mais do que

disposto a brincar com os cachorrinhos, até que Wynn estivesse pronto para voltar para casa.

— Suponho que sim — disse ao ansioso Henry.

— Posso levar o Kip? — ele perguntou a seguir.

— Muito bem, leve Kip. Ele precisa de um pouco de corrida. Assegure-se de que ele fique longe de problemas. O sargento não gosta de cachorro brigando na rua.

— Vou cuidar — prometeu Henry, e saiu em uma corrida, Kip saltando à frente dele.

Henry não tinha ficado fora muito tempo, e logo estava de volta. O garoto estava sem fôlego por causa da corrida e suas bochechas estavam vermelhas com entusiasmo.

— O sargento Wynn pediu que dissesse para a senhora que ele chegará em vinte minutos, mais ou menos — disse ele ofegante. — E disse também para avisar que teremos um convidado para o jantar. Um índio de verdade. Eu o vi com meus próprios olhos!

Minha empolgação coincidia com a de Henry. Qual dos nossos amigos estaria vindo para o jantar? Será que era de Beaver River ou Smoke Lake? Eu mal podia esperar para descobrir, enquanto colocava outro prato à mesa e verificava se havia carne e batatas suficiente.

— Vou voltar até para vir caminhando com eles — disse Henry, e saiu correndo de novo.

O tempo parecia se arrastar enquanto eu esperava por Wynn e seu convidado virem jantar. Olhei para o relógio e depois para a estrada, uma e outra vez.

Quando eles finalmente chegaram, foi um estranho que Wynn trouxe consigo.

— Elizabeth — disse ele —, quero que conheça o Pastor Cavalo Andante. Ele é da vila ao sul de Smoke Lake. Ele tem sido treinado para se tornar um ministro de seu próprio povo.

Meu coração deu um sobressalto.

— É um prazer conhecê-la, Sra. Delaney —, disse o jovem, e então ele mudou para a língua indiana. — Me dá grande alegria ser

um convidado em sua mesa.

Oh, era tão bom ouvir a linguagem fluente de novo! Peguei a mão dele e apertei como o homem branco cumprimentava um amigo, mas meu o coração clamava por ele nas palavras do índio.

Eu o recebo em minha fogueira, as palavras se formaram em minha mente. Meu coração está feliz com a sua presença. Você faz minha alegria aumentar como flores depois das neves do inverno, e minha alma canta como ondulações de um riacho com alegria.

Henry estava animado por se sentar à mesa com um verdadeiro indígena. Wynn havia falado muito sobre a sabedoria e o conhecimento das pessoas em seu próprio ambiente, e Henry desenvolveu um saudável respeito por eles.

Ele ouvia conosco a explicação do rapaz, de como tinha se familiarizado de forma pessoal com o Deus da Bíblia, e tinha rejeitado todos os ensinamentos supersticiosos de seus antepassados para segui-IO.

Seu anseio agora, disse ele, era ensinar seu povo, e então tinha saído para estudar e estava pronto para voltar e desafiar seu povo com a verdade.

— Meu coração dói dentro de mim — disse ele com tristeza —, porque quando saí da minha aldeia para ir para a escola do homem branco, meu chefe disse que eu não seria mais bem-vindo de volta, então devo ir para outra tribo para começar meu trabalho.

— A nossa — eu disse imediatamente. — A nossa. Eles são pessoas maravilhosas, e estão prontos, tenho certeza. Temos orado muito para que alguém vá até eles. Você é resposta às nossas orações.

O homem estava quase tão animado com a notícia quanto eu.

Conversamos continuamente sobre a aldeia e as pessoas. Henry finalmente foi mandado para a cama, e foi, obediente, mas não sem relutância. Detestava perder uma palavra da conversa.

Nós conversamos até tarde da noite, e quando estávamos terminando e oramos juntos, o pastor Cavalo Andante estava convencido que Smoke Lake era o lugar para onde o Senhor o

estava conduzindo, especialmente sabendo LaMeche já era um crente. Ele tentaria estar pronto para partir assim que a estrada estivesse em condições de viajar.

Dois dias depois, Wynn voltou do escritório com um telegrama nas mãos. A Polícia havia enviado suas novas ordens.

Para a nossa surpresa, nos disseram para ficar em Athabasca Landing por enquanto. O jovem soldado montado em Smoke Lake continuaria lá em seu posto.

Foi uma surpresa para mim, mas não deveria ter sido. Eu entreguei Henry ao Senhor porque pensei que Ele iria precisar de mim para cuidar dos índios. Deus respondeu preparando e enviando um jovem ministro qualificado para os índios e deixara Henry comigo. Eu sorri. *Nunca se deve tentar adivinhar o pensamento do Senhor*, eu me lembrei.

— Bem — eu disse a Wynn, — Acho que Deus cuidou de tudo à Sua própria maneira. Não tínhamos necessidade de ficarmos angustiados por isso de maneira nenhuma.

Wynn sorriu e então me beijou.

— Você se importa, Elizabeth? — perguntou ele.

Ponderei sobre tudo isso. Eu sentiria falta do nosso povo. Estivera contando com a nossa volta — esperando o momento para voltar. Mas quando pensei bem, pude responder com franqueza:

— Não, não me importo realmente. De fato, parece melhor ficarmos por enquanto, não parece? A igreja precisa de nós aqui, as crianças da escola dominical precisam de nós. Além disso, temos o Henry. Espero grandes coisas daquele garoto algum dia, Wynn.

Depois de um momento reflexivo, continuei a responder à pergunta de Wynn.

— Não, não me importo. Eu acho que estou bastante contente com a direção de Deus em tudo isso.

Pensei novamente nas pessoas da aldeia.

— Vou escrever uma carta para Louis LaMeche e Estrela de Prata — eu disse, — e enviar com o Pastor Cavalo Andante. Vou dizer a Estrela de Prata que ela pode ficar com minha horta.

Enviarei a eles nosso amor e os melhores desejos. Posso enviar-lhe algumas coisas — e para Kinnea e Kinook, também? — perguntei.

— Tenho certeza de que o pastor estaria disposto a levar alguns presentes — disse Wynn.

— Sabe — ponderei —, posso até escrever um pequeno bilhete para o Chefe Grito de Corvo. Apenas uma breve nota de apresentação, dizendo que pode ser que ele esteja muito interessado no que o pastor Cavalos Andantes tem a dizer.

Wynn sorriu novamente.

— Então você vai conseguir administrar a vila mesmo à distância, não é? — ele provocou.

Eu afastei sua observação com um aceno de minha mão.

— Administrá-la? Não. Mas certamente continuarei a orar por todos que vivem lá.

Então me virei na direção dos armários.

— Mas agora é melhor eu me apressar — eu disse, e havia amor e alegria em minha voz. — Tenho um menino que chega da escola em alguns minutos, e ele está sempre morrendo de fome.

A Escritora:

JANETTE OKE nasceu em Champion, Alberta, filha de canadense, fazendeiro de pradaria, e sua esposa, e cresceu em uma grande família cheia de risos e amor. Formou-se na Faculdade Mountain View Bible, em Alberta, onde conheceu seu marido, Edward, e eles se casaram em maio de 1957. Depois de pastorear igrejas em Indiana e no Canadá, os Okes passaram alguns anos em Calgary, onde Edward serviu em diversos cargos em faculdades, enquanto Janette continuou a escrever. Ela escreveu mais de quatro dezenas de romances para adultos e crianças, e as vendas de seus livros totalizam mais de vinte e dois milhões de cópias.

A família Oke têm três filhos e uma filha, todos casados, e o casal está desfrutando de seus doze netos. Edward e Janette são ativos na igreja local e vivem perto de Didsbury, Alberta.

A Editora:

Somos uma editora que busca inspirar, influenciar e capacitar escritores a realizarem seus sonhos de publicar livros abençoadores! Desde 2017, a Upbooks é a editora brasileira que mais investe em ficção cristã.

Conheçam nosso trabalho: www.upbooks.com.br

Publique conosco. Envie seu material para análise: carlamontebeler@gmail.com

Não distribua essa obra em PDF. Piratar o livro pode parecer justo quando pensamos que não temos dinheiro e a obra é tão abençoadora que poderia chegar a muitos corações. Mas será que Deus não poderia prover recursos para os que desejam ler, sem precisar que lancem mão de artifícios desonestos? Piratar não é justo porque não remunera o autor nem os que trabalharam na obra (revisor, tradutor, diagramador, ilustrador, design, etc.), e a Bíblia condena: leia Jeremias 22:13. Valorize o livro!

[1] João 6:1-14